



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA (PPGHIS)**

**AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E AS CONCEPÇÕES DE TEMPO NA OBRA
LITERÁRIA “*EL TERCER MUNDO DESPUÉS DEL SOL: ANTOLOGÍA DE CIENCIA
FICCION LATINOAMERICANA*” (2021)**

YARÚ MILLS SIQUEIRA

Foz do Iguaçu
2025

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA (PPGHIS)**

**AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E AS CONCEPÇÕES DE TEMPO NA OBRA
LITERÁRIA “*EL TERCER MUNDO DESPUÉS DEL SOL: ANTOLOGÍA DE CIENCIA
FICCIÓN LATINOAMERICANA*” (2021)**

YARÚ MILLS SIQUEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História.

Orientadora: Profa. Dra. Tereza Maria Spyer
Dulci

Coorientadora: Profa. Dra. Cristiane
Checchia

Foz do Iguaçu
2025

YARÚ MILLS SIQUEIRA

**AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E AS CONCEPÇÕES DE TEMPO NA OBRA
LITERÁRIA “EL TERCER MUNDO DESPUÉS DEL SOL: ANTOLOGÍA DE
CIENCIA FICCIÓN LATINOAMERICANA” (2021)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Tereza Maria Spyer Dulci
UNILA

Coorientadora: Profa. Dra. Cristiane Checchia
UNILA

Prof. Dr. Evander Ruthieri Saturno da Silva
UNILA

Prof. Dr. Mario Rene Rodriguez Torres
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação

Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - CENTRAL

S618

Siqueira, Yaru Mills.

As construções identitárias e as concepções de tempo na obra literária “El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción latinoamericana” (2021) / Yaru Mills Siqueira. - Foz do Iguaçu, 2025. 117f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação em História. Foz do Iguaçu-PR, 2025.

Orientador: Tereza Maria Spyer Dulci.

Coorientador: Cristiane Checchia.

1. História e literatura - América Latina. 2. Ficção Científica. 3. História do tempo presente. I. Dulci, Tereza Maria Spyer. II. Checchia, Cristiane. III. Título.

CDU 82:94(8)

Dedico este trabalho a todas as
pessoas que ousam reflorestar - a
terra, os afetos e a imaginação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à natureza e a toda forma de vida, à Deusa e ao Deus, aos Orixás e guias que me acompanham nesta jornada. Expresso minha gratidão ao acaso, ao mistério e aos encontros que moldam meu caminho.

À minha família, minha mãe, Maria Elisa, meu pai Dirceu e sua companheira Vanessa, minha irmã Inajara e meu irmão Matheus e também à família expandida, com, e a todos os seres que me fortalecem com seu afeto genuíno.

Ao meu parceiro e companheiro Jeferson M. Vaz, com o qual cultivo o amor em sua forma mais natural, divertida e genuína, e também agradeço a sua família, em especial a sua mãe Rosana M. Vaz, que me apoiaram ao longo dessa dissertação, me acolhendo e cuidando, compartilhando saberes e sabores que só a vida e a resistência da agricultura familiar pode oferecer.

Às minhas amigas, que me sustentam, acolhem, riem e choram ao meu lado, sempre prontas para celebrar a vida com mesa farta, música e festa, expresso minha mais profunda gratidão. Em especial às presenças que foram mais intensas nesse processo, Carol Boscatto, Eliane Alves, Rafael Fonseca, Mayara Brulino, Amanda Cassenote, Gabriel Acassio, Maria Camila, Gustavo Nardino, Isa-Ren, Lara Sorbille, Karol Alves, Milena Tranoulis, Carlos Eduardo da Silva e tantas outras pessoas que pude compartilhar nessa jornada intensa e bela, seja pertinho ou à distância. Agradeço à psicóloga Jessica Tamara por cuidar da minha saúde mental por um bom tempo e ao grupo de Maracatu Alvorada Nova e a toda a família que o compõe e também ao Ilê Alaketu Ase Baru pela resistência e Axé.

Agradeço aos encontros na Chapada Diamantina, em especial ao Bruno Helder e a toda comunidade do Barro Branco e Lençóis, que me acolheram de forma tão verdadeira. Um apreço especial à Thais, Marina, Victoria, Maria, Fabiana, Aldana e Daniella.

Não posso esquecer-me de mencionar minhas colegas de turma do mestrado, com quem compartilhei alegrias e desafios, e cujas amigas acredito que perdurarão ao longo do tempo. Um abraço especial para a Nathália S. Ferreira, Robert Bicharra, Alexandre A. Batista, Paula Fernanda, Maria Luiza e Rodrigo Queiroga. Agradeço também aos minhas professorias da graduação em História da América Latina e do mestrado em História, por compartilharem seus conhecimentos. Em especial, meu reconhecimento vai para o Prof. Pedro Afonso Cristovão dos

Santos por me incentivar, lá em 2018, a explorar o universo da Ficção Científica em minhas pesquisas.

Expresso também minha gratidão à minha orientadora, Tereza Spyer, por embarcar nessa aventura comigo, por sua competência como professora e pesquisadora, e pela amizade que compartilhamos. Agradeço igualmente à minha co-orientadora Cristiane Checchia, que enriqueceu minha visão como pesquisadora, me acompanhou durante o estágio docente e com quem pude ter valiosas trocas de conhecimento.

Por fim, expresso minha gratidão à Universidade Pública, gratuita e de qualidade, bem como às políticas de auxílio estudantil que possibilitaram minha formação acadêmica, assim como à bolsa de fomento à pesquisa da Programa de Bolsa Institucional (PROBIU - UNILA), que permitiu dedicar-me plenamente a esta dissertação.

Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança.
Paulo Freire

Título: As construções identitárias e as concepções de tempo na obra literária “El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción latinoamericana” (2021)

Resumo: Esta dissertação aspira ampliar os diálogos entre História e Literatura através da análise da obra “El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción latinoamericana” (2021), organizada por Rodrigo Bastidas Pérez. A obra reúne 14 contos de autories contemporânes, visando compreender como uma obra, mesmo sendo fictícia, pode oferecer pistas sobre a sociedade que a cria, bem como sobre suas epistemes, identidades, temporalidades e projeções futuras. Os contos provêm de diversas nacionalidades: México, Cuba, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Argentina, Brasil, Uruguai e Chile. A coletânea, situada na segunda década do século XXI, pode fornecer indícios sobre o que es escritories latino-americanes pensam sobre seu tempo. Visamos compreender a temporalidade na qual a obra foi escrita, em meio a pandemia mundial de Covid-19, também marcada pela era digital, a aceleração planetária promovida pela técnica e o modelo capitalista que agrava as mudanças climáticas, além das cicatrizes da colonização e as memórias traumáticas do século XX. Faço isso pela perspectiva da História do Tempo Presente. Esta antologia inclui, ao final de cada conto, um relato crítico des autories sobre a proposta de escrever ficção científica no contexto latino-americano, onde se ousa sonhar com os futuros de nossos povos e como nossa complexidade étnico-cultural sobrevive ao futuro, presente e passado. A análise se centrará no prólogo, nos relatos críticos posteriores aos contos, na análise geral dos mesmos, e em profundidade, em 3 contos: “La conquista mágica de América” de Jorge Baradit (Chile), “La sincronía del tacto” de Gabriela Damián Miravete (México) e “Les Pi’Yemnautas” de T. P. Mira-Echeverría (Argentina). Tratando-se do contexto latino-americano, junto às especificidades contidas na obra, se utilizam pensadories contemporânes, a fim de refletir como a mesma pode ser lida como um manifesto contracolonial ao reivindicar uma proposta epistemológica outra através do imaginário.

Palavras-chave: História e Literatura; Ficção Científica; História do Tempo Presente; América Latina.

Título: Las construcciones identitarias y las concepciones del tiempo en la obra literaria "El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción latinoamericana" (2021).

Resumen: Esta disertación tiene como objetivo ampliar los diálogos entre Historia y Literatura a través del análisis de la obra "El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción Latinoamericana" (2021), organizada por Rodrigo Bastidas Pérez. La obra reúne 14 cuentos de autorías contemporáneas, con el objetivo de comprender cómo una obra, aunque sea ficticia, puede ofrecer pistas sobre la sociedad que la crea, así como sobre sus epistemes, identidades, temporalidades y proyecciones futuras. Los cuentos abarcan distintas nacionalidades: México, Cuba, Venezuela, Colombia, Ecuador, Perú, Bolivia, Argentina, Brasil, Uruguay y Chile. La colección, situada en la segunda década del siglo XXI, puede dar señales sobre lo que los escritores latinoamericanos piensan sobre su época. Pretendemos comprender la temporalidad en la que se escribió la obra, en medio de la pandemia global de Covid-19, marcada también por la era digital, la aceleración planetaria promovida por la tecnología y el modelo capitalista que agrava el cambio climático, además de las cicatrices de la colonización y los recuerdos traumáticos del siglo XX. Lo hago desde la perspectiva de la Historia del Tiempo Presente. Esta antología incluye, al final de cada cuento, un informe crítico del autor sobre la propuesta de escribir ciencia ficción en el contexto latinoamericano, donde nos atrevemos a soñar con el futuro de nuestros pueblos y sobrevive nuestra complejidad étnico-cultural en el presente, futuro y pasado. El análisis se centrará en el prólogo, en los informes críticos posteriores a los cuentos, en el análisis general de los cuentos y en profundidad en 3 cuentos: "La Conquista Mágica de América" de Jorge Baradit (Chile), "La sincronía del tacto" de Gabriela Damián Miravete (México) y "Les Pi'Yemnavutas" de T. P. Mira-Echeverría (Argentina). En el contexto latinoamericano, junto con las especificidades contenidas en la obra, se recurre a pensadores contemporáneos para reflexionar sobre cómo la obra puede leerse como un manifiesto contracolonial al reivindicar otra propuesta epistemológica a través del imaginario.

Palabras clave: Historia y Literatura; Ciencia ficción; Historia del Tiempo presente; América Latina.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	11
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: AS RAÍZES DA FICÇÃO CIENTÍFICA E AS ESPECIFICIDADES LATINO-AMERICANAS	24
1.1 MATRIZES DA FICÇÃO CIENTÍFICA: CONTEXTO GLOBAL E EXPANSÃO DO GÊNERO.....	24
1.1.2 Utopia e Distopia.....	29
1.2 A FICÇÃO CIENTÍFICA NA AMÉRICA LATINA.....	34
1.2.1 Características únicas, como o hibridismo cultural e a crítica política.....	36
1.2.2 Análise da FC latino-americana como uma resposta ao colonialismo.....	39
CAPÍTULO 2: TEMPORALIDADE E PERCEPÇÃO DO TEMPO NA FICÇÃO CIENTÍFICA LATINO-AMERICANA	41
2.1 RELAÇÕES ENTRE TEMPO HISTÓRICO, REGIMES DE HISTORICIDADE E O IMAGINÁRIO DA FC.....	41
2.1.1 O papel da História do Tempo Presente na análise da FC.....	46
2.2 ANÁLISE DE NARRATIVAS QUE EXPLORAM TEMPORALIDADES DISTINTAS E NÃO LINEARES.....	50
2.2.1 Entre a Ancestralidade e o Futuro em “Les Pi’yenautas” e “La sincronía del tacto”.....	51
2.3 A PANDEMIA E O PRESENTE SUSPENSO.....	60
2.3.1 O impacto da pandemia de Covid-19 na percepção do tempo e nas narrativas de FC.....	64
2.3.2 Discussão sobre solastalgia como elemento do presente em crise.....	66
CAPÍTULO 3: IDENTIDADES SUBALTERNAS E RESISTÊNCIA NA FICÇÃO CIENTÍFICA.	72
3.1 REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADES MARGINALIZADAS.....	72
3.1.1 Discussão sobre gênero, sexualidade e raça na FC latino-americana.....	78
3.1.2 A presença de personagens queer e indígenas na narrativa.....	80
3.2 A FERIDA COLONIAL E A SUBVERSÃO DE IDENTIDADES NA FC.....	83
3.2.1 A crítica ao colonialismo e à narrativa de progresso na antologia.....	85
3.2.2 Estudo de caso: “La conquista mágica de América” e “La sincronía del tacto”. 88	
3.3 O FUTURO COMO HORIZONTE DE ESPERANÇA E RUPTURA.....	93
3.3.1 Temporalidades Múltiplas e Alternativas na Antologia.....	96
3.3.3 Narrativas de libertação e “reflorestamento” do imaginário.....	97

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
BIBLIOGRAFIA.....	109

INTRODUÇÃO

Em meio ao inverno de 2021, através das redes sociais que tanto nos adoecem e da controversa pirataria cibernética, tive acesso ao “El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción latinoamericana” (2021). Fiquei admirada pela capa na qual uma *cholita*¹ *encapuchada* porta luvas biônicas e atrás de si há um *mecha*² com características aparentemente incas.

Assim, eu, uma³ aficionada por Ficção Científica (FC, a partir de agora), tive contato com essas histórias que me acompanharam por diversas semanas, em meio à pandemia mundial de Covid-19 — já com a vacina, que demorou mais do que deveria para chegar no Brasil. Essa que levou tanta gente, que nos isolou (ainda mais) e que ainda hoje, em 2024, segue presente em nossas memórias e corpos.

Durante a pandemia, o medo e a desesperança se espalharam de forma generalizada, criando a sensação de um verdadeiro “fim do mundo”. Mesmo sem ter sido infectada pela Covid-19, minha saúde emocional foi profundamente impactada, a ponto de adoecer (ou talvez agravar algo que já estava ali?). Diante desse cenário, buscar apoio psicológico se tornou uma necessidade. No entanto, havia algo ali, naquela coletânea, em seu prólogo, seus contos e nos relatos de suas autorias⁴, que me fazia acreditar em outros mundos, em outras realidades e assim acender a chama da esperança. Talvez, uma parte de mim tenha sobrevivido — ou até nascido — durante sua leitura.

¹ Uma *cholita* é uma figura emblemática da cultura boliviana, representando mulheres indígenas aimarás e quéchuas que, historicamente, enfrentaram discriminação e marginalização, mas que, nas últimas décadas, vêm conquistando maior reconhecimento e empoderamento social. O termo, que inicialmente possuía uma conotação pejorativa, foi ressignificado e hoje simboliza resistência, identidade e orgulho cultural.

² Mecha (Meka) — uma abreviação de mecânico, robôs gigantes geralmente bípedes.

³ Como pessoa não-binária de gênero fluído uso o pronome feminino (ela/dela) e neutro (elu/delu) para me auto referir. No momento de escrita dessa dissertação opto pelo feminino.

⁴ Optei pelo uso da linguagem e pronomes neutros sempre que for me referir a um coletivo de pessoas de gêneros diversos, em resistência ao uso do masculino universal e como forma de visibilidade e validação de pessoas que não estão em conformidade aos binarismos sociais, e também como autoafirmação, uma vez que sou uma pessoa não-binária.

Foi um período intenso, incerto, solitário e repleto de aprendizados sobre mim mesma. Felizmente, não precisei buscar desesperadamente meios de sobrevivência, pois tive acesso aos auxílios emergenciais do governo federal, que, somados aos auxílios estudantis da universidade, me garantiram certa estabilidade econômica para atravessar esse momento com dignidade — afinal, apesar de ser uma pessoa branca, pertencço à classe baixa e trabalho como cabeleireira autônoma há 12 anos. Com isso, pude me dedicar a interesses que, durante a graduação, muitas vezes não tive tempo para explorar, além de me questionar sobre quem sou e aprofundar minha compreensão sobre meu próprio gênero.

Socializada como mulher, nunca me encaixei muito bem aos *rols* de gênero que me eram designados, chegando inclusive a ter a dúvida se seria um homem trans. De forma trágica — com a morte de uma amiga não-binária em 2020, Sucia⁵ Presente! — pude novamente ter contato com o gênero não binário, estudar mais a respeito e perceber que me sentia bastante compreendida no mesmo. Fiz experiências de pronome, mudei meu nome, testei hormônio, iniciei um processo de busca para tratamento hormonal, desisti, militei, sofri e ainda sofro preconceitos, invalidação e invisibilidade, porém hoje me sinto bem em ser quem sou, uma pessoa não binária, de gênero fluído.

Nesses momentos de revisões e aprendizados, me deparei com um desejo antigo: seria possível analisar uma obra de FC mediante um olhar historiográfico? Em meados de 2018, durante uma aula da graduação em História América Latina sobre Modernidades e Narrativas, essa indagação me veio, tendo sido contemplada pela afirmativa do professor Pedro Afonso Cristovão dos Santos. Assim, ainda que inicialmente não tenha realizado pesquisas com esse viés, a inquietação continuou, e ao decidir buscar o título de Mestra em História, encontrei-me com minha orientadora Tereza Spyer, juntamente com a Cristiane Checchia na co-orientação. Resolvemos encarar o desafio de viajar no tempo por meio de mundos e realidades fantásticas, distópicas/utópicas, tecnológicas e, principalmente, latino-americanas.

⁵ Sucia Inmunda Delabasura - foi artista, ativista e performer, além de amiga e um ser humano incrível que marcou a vida de quem a conheceu. A definição de Sucia, por ela mesma, era: “Trava NB do mato do mundo do mar de soja com 5 tetas, erva criadora ambulante. Ela dela – Elu delu”. Sua presença, além de inspirar meu autoconhecimento, também marca o compromisso com imaginários dissidentes e com a justiça social.

Agora que já situei meu interesse pela temática e quem sou, gostaria de salientar que minha escrita é permeada pela oralidade e por vezes até por um pouco de poesia marginal. Dito isso, irei me aprofundar mais sobre a obra objeto de pesquisa desta dissertação.

A coletânea de contos “El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción latinoamericana” foi organizada por Rodrigo Bastidas-Pérez, colombiano, Doutor em Literatura pela Universidade de *Los Andes*, escritor e pesquisador de FC colombiana e latino-americana. Foi publicada em Bogotá pela editora Minotauro, em fevereiro de 2021, durante a pandemia mundial de Covid-19. Ela é talvez uma fotografia desse momento histórico e pode representar parte do pensamento des autories em relação a ele.

Uma de minhas questões ao longo da pesquisa é se a coletânea havia sido formulada já durante a pandemia, no entanto, tive a oportunidade de contar com Bastidas-Pérez em minha banca de qualificação de mestrado e o mesmo afirmou que a obra já se encontrava em desenvolvimento nos anos anteriores a crise sanitária global, assim como a escrita dos contos. Logo, é possível observar a relação com a pandemia e a antologia a partir do contexto da publicação e leitura e não de concepção da mesma.

A obra é composta por 14 contos em espanhol de autories relevantes da FC latino-americana. A autoria dos contos abrange pessoas de diversos países: Chile, Uruguai, Argentina, Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Cuba, Venezuela e México⁶. Além dos contos, a coletânea contém um prólogo de introdução sobre a presença do gênero da FC na América Latina (escrito pelo organizador da edição), um breve relato após cada conto em que autories refletem sobre o que é a FC no contexto latino-americano e, por fim, encontra-se uma breve biografia des mesmos. Apresentarei a ordem dos contos que compõem a coletânea, bem como uma breve biografia de sues autories.

Quem abre a antologia é o chileno Jorge Baradit, autor de “La conquista mágica de América”. Além de escritor, Baradit é podcaster, músico e ativista. Conhecido por sua famosa trilogia “La Historia secreta de Chile” (2015), utiliza o recurso da literatura para promoção do interesse histórico. No campo da FC

⁶ Ao invés de listar os países de forma alfabética, optei por uma ordem geográfica, do Norte para o Sul, em referência às Epistemologias do Sul e ao desenho “América Invertida” (1943) do artista uruguaio Joaquín Torres-García (1874–1949).

é conhecido pela mistura de elementos de alta tecnologia com conhecimentos ancestrais sul-americanos. Alguns críticos chegaram a chamar seu estilo de cyber-xamanismo. Utiliza muito o recurso da ucronia para criar suas narrativas (Bastidas Pérez, 2021). Já o segundo conto da obra, “Éxodo X”, foi escrito pelo colômbiano Luis Carlos Barragán, o autor de obras de FC, com quatro livros publicados, entre eles o premiado “Vagabunda Bogotá” (2011), “El Gusano” (2018), “Parásitos Perfectos” (2021) e “Tierra Contrafuturo” (2021). É também artista plástico e criador da ilustração de capa da antologia. Suas imagens misturam elementos das culturas ameríndias com estéticas *Cyberpunk* e *New Weird*. Além disso, é mestre em História da Arte do Oriente Médio (Barragan, 2023).

Por sua vez, o mexicano Alberto Chimal é autor do terceiro conto, “El Gran Experimento”. Chimal é conhecido por sua produção de contos e romances de FC e pelos cursos de escrita criativa. Autor também de literatura infanto-juvenil, trabalha igualmente como tradutor e roteirista de cinema. Alguns de seus romances publicados são “Los esclavos” (2009), “La torre y el jardín” (2012), “La visitante” (2022), além de dezenas de contos e novelas gráficas (Chimal, 2023). A mexicana Gabriela Damián Miravete é a autora do quarto conto, “La sincronía del tacto”. Além de escritora, é roteirista e editora e conta com obras premiadas como “Soñarán en el jardín” (2015). Está envolvida em diversas iniciativas artísticas e literárias, como a Under Vulcano, Cúmulo de Tesla e Mexicon. Miravete trabalha com literatura infanto juvenil, FC e perspectivas de gênero (Bastidas Pérez, 2021).

Já o brasileiro Fábio Fernandes, é autor do quinto conto, “Amor, uma arqueologia”. Se apresenta como “escritor, tradutor, professor, jornalista, budista, surrealista”. Já publicou 13 livros, dezenas de contos e ensaios, e alcançou destaque pela tradução para o português das obras clássicas de FC “Laranja Mecânica” e “Neuromancer”. Foi finalista do prêmio Jabuti de 2020 com o romance “Back in the USSR” (Fernandes, 2023). Por sua vez, a cubana Maielis González, é a autora do sexto conto, “Slow Motion”. Além de escritora, é ensaísta, tradutora e pesquisadora literária. González é autora de ensaios e artigos sobre literatura, ciência e cultura, publicados em várias revistas e antologias. Também é tradutora de obras de autoras importantes do mundo das FC, como Ursula K. Le Guin e Octavia Butler (Bastidas Pérez, 2021).

E argentine T. P. Mira-Echeverría⁷ é autore do sétimo conto, “Les Pi’Yemautas”. Além de escritor, é doutore em filosofia e pesquisadore especializado em FC. Atualmente é docente universitário e pesquisa sobre a relação entre FC, filosofia e mitologia. É autore de vários livros de FC e *New Weird*, incluindo “Diez variaciones sobre el amor” (2017) (Bastidas Pérez, 2021). Também da Argentina, Laura Ponce, é a autora do oitavo conto, “A través del avatar”. Dirige a Revista Próxima e Edições Ayarmanot, ambas dedicadas à FC e às narrativas *Weird* escritas em espanhol. Ponce também organiza as Tertúlias de Ficção Científica e Fantasia (Bastidas Pérez, 2021). Já Giovanna Rivero, autora do nono conto “Other voices”, é uma escritora boliviana radicada nos Estados Unidos. Possui doutorado em literatura hispano-americana pela Universidade da Flórida e conta com diversos livros e contos publicados também em outros idiomas. Rivero explora principalmente o gênero da FC e do terror misturados com o místico, o mágico e o ancestral (Bastidas Pérez, 2021).

O peruano Juan Manuel Robles, autor do décimo conto “Constelación nostalgia”, é mestre em escrita criativa pela Universidade de Nova Iorque, onde também é professor. Possui diversas obras publicadas, entre as quais se destaca o romance “Nuevos juguetes de la Guerra Fría” (2015), que recebeu aclamação crítica. Sua obra mais recente, “No somos cazafantasmas” (2018), foi indicada ao prêmio Bogotá39 em 2017 (Bogotá39, 2017). Já a equatoriana Solange Rodríguez Pappe é a autora do décimo primeiro conto, “Un hombre en mi cama”. Além de escritora, é mestra em literatura e professora universitária. Recebeu o Prêmio Joaquín Gallegos Lara (2010) e seu último livro, “De un mundo raro (2021)”, contém uma coleção de contos escritos durante a pandemia de COVID-19 que exploram temas como o terror, feminicídios e o amor.

O uruguaio Ramiro Sanchiz é o autor do décimo segundo conto, “Fractura”. Além de escritor, Sanchiz é também crítico literário e tradutor. Dedicase principalmente à literatura fantástica e a FC, com ênfase no *Trashpunk* e *New Weird*. Explora em suas narrativas temáticas que relacionam a tecnologia, identidade, memória e história. Possui mais de 20 livros publicados e é conhecido pelo “Proyecto Stahl”, pois todas suas obras giram ao redor do personagem Federico

⁷ Na coletânea u autorie assina como Teresa P. Mira de Echeverría, no entanto, a partir de 2021 u mesmo passa a assinar como T. P. Mira-Echeverría, por conta de seu processo de transição de gênero e a adoção dos pronomes neutros para auto referir-se. Assim, como maneira de respeitar sua decisão, utilizo seu nome de autore/escritore atualizado, com o pronome neutro (elu/delu).

Stahl, alter ego do autor (Peoplepill, 2023). Já a venezuelana Susana Sussmann, autora do penúltimo conto, “Dos transmigraciones”, além de ser escritora de FC, de fantasia e de horror, também é física, metrologista e auditora de qualidade, sendo especialista em teoria das cordas, gravitação e metrologia. Sussmann é editora da revista “Crónicas de la Forja” e coordenadora do workshop literário “Los Forjadores”. Além disso, é organizadora do “Concurso Venezuelano de Literatura Fantástica y Ciencia Ficción Solsticios” (Editorial Bisonte, 2023). Por fim, a cubana Elaine Vilar Madruga é a autora do último conto da antologia, “Khatakali”. É escritora, dramaturga, ativista cultural e professora de escrita criativa. Já ministrou oficinas literárias em Cuba e na Espanha. Autora de obras de poesia, narrativa e teatro, incluindo “La noche de la usina” (2016) e “Los hijos de la Diosa Huracán” (2019). Madruga também é coordenadora do “Taller de Literatura Fantástica Espacio Abierto” (Bastidas Pérez, 2021).

Há fios em comum entre os contos presentes na antologia: a presença constante da violência; a ferida colonial; as “veias abertas”; a relação com o território e as identidades subalternizadas; a solidão e os laços de afetividade para a possibilidade de resistência e, por vezes, a criação de outras realidades. As narrativas não se limitam apenas as distopias, as quais são projeções de cenários pessimistas e desoladores, frequentemente com ideias apocalípticas. Tampouco são totalmente utopias, isto é, que imaginam uma completa superação das adversidades atuais e apontam para cenários otimistas e felizes. Elas parecem, portanto, refletir a complexidade das realidades latino-americanas, marcadas tanto pelas dores quanto pelas esperanças revolucionárias, oferecendo novas perspectivas sobre o mundo.

Nesta dissertação, analiso especialmente as narrativas de três contos: “La conquista mágica de América”, de Baradit, que abre a antologia e propõe outra leitura da conquista do território, em que o principal objetivo seria o domínio da magia do planeta, recriando as sociedades europeias e latino-americanas a partir de tecnologias que se mesclam com o mágico. O segundo, “La sincronía del tacto”, de Miravete, fala sobre um tempo futuro/presente onde uma estudante de biologia descobre junto a dois amigos uma flor enteógena⁸. Tal flor produz um efeito que promove a conexão além do tempo e espaço através do tato. Este é o único conto

⁸ Enteógenos são fungos ou plantas utilizados tradicionalmente em rituais para conexão com o divino, a palavra deriva-se de uma combinação do grego entre entheos (literalmente, “Deus dentro”) e gen (“tornar-se”).

que versa diretamente sobre o isolamento provocado por mudanças ambientais, foi uma das curiosidades da pesquisa saber se ele foi escrito já durante este período de isolamento social em virtude da pandemia. O último conto a ser analisado, “Les Pi”Yemnautas”, de Mira-Echeverría, fala sobre uma viagem indígena *queer*⁹ ao centro da galáxia, em um futuro no qual os saberes ancestrais dialogam com os científicos e tecnológicos e que justamente através dessa junção que se torna possível o avanço das pesquisas a respeito do universo, bem como a importância da diversidade e da afetividade para o sucesso de uma missão espacial.

Novamente em tríade são os pontos que levo em consideração na escolha desses contos. O primeiro é temático, já que os contos tratam do hibridismo entre ciência e o que muitas vezes é lido como magia, e de que forma os conhecimentos dos povos originários/tradicionais se misturam com as narrativas, assim como a importância dos afetos. O segundo é temporal, cada conto cria um passado, um presente e um futuro alternativos, mostrando que as possibilidades da FC não se limitam às projeções de futuro. E o terceiro ponto diz respeito à diversidade de gênero dos autories, sendo um homem-cis, uma mulher-cis e uma pessoa não-binária.

Apresentados alguns detalhes sobre a obra, bem como os pontos específicos a que me dedico, seguem os objetivos desta pesquisa. Eles incluem o uso da FC para a compreensão de um determinado tempo histórico — o período de 2021, em meio à pandemia global de Covid-19 — a partir do diálogo possível entre Literatura e História; a análise das relações temporais nas obras; o reconhecimento de identidades subalternizadas/colonizadas; e a investigação de como uma obra de FC pode ser utilizada na busca do que proponho como uma “contracolônização do imaginário”. Além disso, conforme sugerem pensadores indígenas como Ailton Krenak, Geni Núñez e o quilombola Nego Bispo, seria possível, a partir da FC, “reflorestar nosso imaginário”?

Para o desenvolvimento da dissertação, utilizo para a análise algumas abordagens principais: as relações entre História e Literatura, a História do Tempo Presente (HTP) e as reflexões propostas por pensadores contracolônias. Isso se justifica pelo fato de que as narrativas encontradas na antologia são sobre

⁹ *Queer* é um termo guarda-chuva em inglês, originalmente utilizado de forma pejorativa para se referir a pessoas que desafiam normas de sexo e gênero, mas que foi ressignificado por essa comunidade como uma identidade de resistência e pertencimento.

realidades marginalizadas, propostas de futuro dos povos latino-americanos, geralmente nas periferias das cidades do vasto território. É importante destacar que, essa pesquisa é marcada pela multidisciplinaridade e por uma metodologia “tateante”, baseada na proposta de Donna Haraway em “Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno” (2016).

Inspiro-me também na História Social da Cultura, a qual vejo como um modo de investigação útil para observarmos a Literatura, uma vez que nos permite, ao analisar fontes não tradicionais no fazer historiográfico, reconhecer sujeitos e grupos sociais marginalizados, que geralmente têm suas histórias omissas em outras maneiras de registro.

Essa aproximação torna-se mais frequente a partir da década de 1970. Natalie Z. Davis, no livro “O retorno de Martin Guerre” (1987), inicialmente provocada por dois romances de folhetim escritos em meados do século XVI, na França, conseguiu encontrar pistas sobre uma história impressionante acerca da cultura e os costumes dos camponeses nesse período, bem como da própria história das mulheres, as colocando como protagonistas de suas histórias e cruciais agentes sociais de seu período. Outro importante historiador que utiliza a literatura para analisar um período histórico é Sidney Chalhoub (2011), a partir da leitura da obra de Machado de Assis. Chalhoub nota como as narrativas machadianas eram ricas em relação a questões socioculturais do Rio de Janeiro no século XVIII, que não costumavam aparecer em outras documentações da época.

A literatura mostra-se uma fonte próspera, principalmente por sua riqueza nos aspectos culturais que podem estar presentes em uma obra, os valores sociais e as subjetividades das pessoas de uma época (Ferreira, 2009). O texto ficcional sempre irá nos trazer elementos de uma sociedade, “[...], pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem” (Ferreira, 2009, p. 67). Como expressa Márcia Gobbi, “toda criação artística é produto de um tempo e de um lugar específicos, e corresponde a uma determinada atuação do homem em interação com o seu universo” (2004, p. 37).

Assim, as obras literárias carregam em seu interior muito mais do que narrativas fantasiosas — e, mesmo nas fantasias, podemos encontrar elementos socioculturais —, sendo fontes interessantes para compreendermos melhor as experiências e expectativas de um período histórico

Desse modo, exploro a relação entre a FC e as temporalidades, isto é, quais os períodos históricos favoreceram o surgimento do gênero em meados do século XIX, como isso implica nas narrativas, anseios e frustrações de cada período. Pretendo aprofundar a pesquisa na região latino-americana na segunda década do século XXI, analisando assim as características e ambições das criações contemporâneas.

Além das relações entre a História e a Literatura, a proposta dessa pesquisa também implica uma reflexão sobre a HTP. Rodrigo Turin (2022) afirma que temos a percepção de que vivemos um tempo em crise, que pode levar à destruição da própria história e causar a obsolescência do ser humano, o que nos permitiria imaginar um futuro a-histórico. Posicionamento semelhante é desenvolvido por María Inés Mudrovcic (2021), a partir de sua análise do período como um “presente suspenso sin precedentes”. De acordo com esta autora,

Solo hay un rasgo que transformó a este evento [pandemia], en un acontecimiento común sin precedentes: el hecho de que, por primera vez y, quizás, de forma fugaz pero muy valiosa, nos hayamos podido experimentar como miembros de una comunidad, probablemente la más básica, pero también la más olvidada, la comunidad de un “nosotros como especie”, esa, la que Chakrabarty, hasta no mucho tiempo, afirmaba que no podíamos experimentar (Mudrovcic, 2021, p. 57).

Vivemos um período sem precedentes, em função da evidente crise climática, econômica e social que nos acomete. É possível que essa experiência tenha gerado uma percepção humana enquanto espécie e, portanto, apontando uma busca comum por soluções. Em outras palavras, mesmo que esteja em curso esta enorme catástrofe, é necessário pensarmos em alternativas. E esses outros futuros possíveis, muitas vezes, já foram pensados por povos historicamente marginalizados.

A aproximação com outras epistemes, poderia oferecer diferentes perspectivas, uma vez que são povos que seguem em resistência desde a invasão e a colonização de seus territórios e, além disso, conseguem estabelecer outros diálogos com a natureza. Eles seriam importantes na busca por uma solução para a crise do nosso tempo, “Afinal, são povos que já viveram outros fins do mundo, que estabelecem há tempos outras relações entre humanos e não humanos, e cujas

‘tradições de raciocínio’ ou ordens cosmológicas têm muito a oferecer” (Turin, 2022, p. 159).

Para auxiliar a análise sobre a temporalidade em crise do período, agrego as reflexões, análises de intelectuais como Donna Haraway, Ursula K. Le Guin, Silvia Rivera Cusicanqui, Jason Moore e Yuk Hui. Estas oferecem perspectivas críticas e abrangentes diante das complexidades das realidades contemporâneas em um contexto de globalização.

"El tercer mundo después del Sol" pode ser visto como uma alternativa para acessar outros tipos de conhecimento. O que me parece bastante interessante, já que embora a produção latino-americana de FC permaneça à margem do cânone literário do gênero, nos últimos anos ela tem conquistado prestígio em premiações mundiais (López-Pellisa, 2020b). Logo, essa gama de conhecimentos tem se popularizado.

Essas narrativas-outras propostas pela antologia, conversam com a abordagem historiográfica que proponho, na qual a presença de outras epistemologias possibilita outra leitura do mundo. Agrego as propostas contracoloniais a esse diálogo, a partir de perspectivas de pensadores indígenas e quilombolas, como Ailton Krenak, Nêgo Bispo e Geni Núñez. Para enriquecer ainda mais essa análise, as aproximo do ensaio Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins (2014), de Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, no qual os autores reúnem diversas formas de concepção dos futuros, apocalipses, fins e começos dos tempos em várias culturas e epistemes.

Diante as confluências¹⁰ entre essas perspectivas, a pesquisa será estruturada da seguinte forma: após a introdução, o primeiro capítulo abordará reflexões sobre o gênero da ficção científica, suas origens, sua relação com o conceito de progresso e as interações entre utopia e distopia. Além disso, será analisado como a ficção científica se configura na América Latina, especialmente no século XXI, e de que maneira, nesse contexto, tem se destacado por propor imaginários contra-hegemônicos.

¹⁰ Nêgo Bispo propõe que a gente “hackeie” as palavras, as use de maneira contracolonial. Uma de suas palavras germinantes é a “confluência”, a partir do significado etimológico. Propõe que pensemos também para juntarmos para nos fortalecermos: “Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente conflui, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente—a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida” (Santos, 2023, p. 4).

No segundo capítulo, desenvolvo a pesquisa a respeito das temporalidade e sua percepção no período estudado, também desenvolvo a análise dos contos “Les Pi’yemnavtas” e “La sincronía del tacto” para exemplificar a percepção de temporalidades distintas. Nessa proposta, considero a relação entre a pandemia e a percepção de crise temporal, com o “presente suspenso”, bem como seu possível impacto para as narrativas de FC, como o surgimento de subgêneros como o *Cli-fi*.

Já no terceiro e último capítulo, exponho a relação e a presença de identidades subalternas e discursos de resistência na FC latino-americana e, mais especificamente, na antologia, pois os contos selecionados carregam críticas ao colonialismo e a narrativa de progresso moderna, atuando como chaves para a contracolônização e o “reflorestamento” do imaginário.

Por fim, nas considerações finais, realizarei uma síntese dos principais pontos da dissertação, as contribuições para o campo de estudo e as possibilidades de pesquisa futura, assim como a reflexão sobre o papel da FC na construção de um futuro alternativo e Contracolônial.

Nesta dissertação, busco me inserir em um movimento mais recente da historiografia brasileira e latino-americana, promovido principalmente por jovens pesquisadores que têm explorado novas abordagens e tipos de fontes. Meu interesse parte da constatação de que a ficção científica é uma forma de literatura ainda pouco explorada pelos historiadores, especialmente quando o foco recai sobre a construção das experiências de temporalidade.

Ao invés de tratar esse tema apenas no campo da Teoria ou da Filosofia da História, optei por uma análise das fontes literárias, no caso, a própria literatura de ficção científica latino-americana. Acredito que esse recorte representa uma contribuição inédita, tanto em termos do objeto quanto da abordagem, e reforça meu comprometimento com uma historiografia que se abre para outros territórios, que são tanto interdisciplinares, como parte do sensível e do imaginário. Por isso, considero importante enfatizar, já na introdução, o ineditismo da proposta e o potencial de diálogo que ela estabelece com os debates historiográficos contemporâneos.

CAPÍTULO 1: AS RAÍZES DA FICÇÃO CIENTÍFICA E AS ESPECIFICIDADES LATINO-AMERICANAS

1.1 MATRIZES DA FICÇÃO CIENTÍFICA: CONTEXTO GLOBAL E EXPANSÃO DO GÊNERO

A origem da FC enquanto gênero narrativo é tema de debate entre estudiosos, havendo diferentes perspectivas sobre seu ponto de partida. Embora seja possível identificar elementos especulativos em mitologias antigas e tradições orais, é no contexto da modernidade ocidental — especialmente a partir do Iluminismo e da Revolução Industrial — que a FC começa a se configurar como um campo literário específico. Concordo com Rangel (2024, p. 9) ao considerar que “a ficção científica é resultado de uma construção literária milenar”, mas é importante destacar que sua consolidação como gênero reconhecível se dá em momentos históricos determinados, marcados pelo avanço da ciência, da tecnologia e de novas formas de imaginar o futuro. Assim, embora suas raízes sejam profundas, é na modernidade que o gênero experimenta um verdadeiro *boom*, impulsionado por transformações sociais, científicas e culturais.

A primeira vez que alguém denominou uma obra como FC foi em 1929. Isso foi feito pelo autor e inventor luxemburguês-americano Hugo Gernsback, que em sua revista *Pulp Science Wonder Stories*, trouxe a ideia de que a narrativa de FC seria essa mescla entre a ficção e a ciência. Em suas palavras, traduzidas pelo escritor e pesquisador de FC, Roberto Causo: “Por *scientifiction* quero dizer o tipo de história escrita por Jules Verne, H. G. Wells e Edgar Allan Poe — um encantador romance entremeado de fato científico e visão profética” (Causo, 2003, p.52).

Acontece que, historicamente, não foi a primeira vez que o termo “ficção científica” surgiu, havendo registro do termo em meados do século XIX, pelo poeta, editor e autor do Reino Unido, William Wilson, onde menciona que:

Campbell diz que ‘ficção na poesia não é o inverso da verdade, mas suave e encantada semelhança’. **Portanto, isso se aplica especialmente à Ficção Científica, em que as verdades reveladas pela ciência podem ser entrelaçadas com uma história agradável**, que pode ser poética e verdadeira em si mesma – divulgando dessa forma um conhecimento da Poesia da Ciência,

revestido com um traje da Poesia da Vida” (Wilson, 1851, pp. 138-40; apud. Ramachandra, 2018).

Porém, se supõe que Gernsback não teve contato com a declaração de Wilson, e por consenso é creditado a Gernsback a criação do termo, dada principalmente a importância que teve como crítico e divulgador da FC. Assim, após ter sido forjado o termo, determinou-se que o primeiro romance de FC seria a obra de Mary Shelley, “Frankenstein ou o Prometeu Moderno” (1818). Essa posição foi consolidada por críticos como o inglês Brian Aldiss, que defende que “foi Mary Shelley quem pela primeira vez fundiu as ideias da ciência moderna com a estrutura do romance gótico, criando o primeiro verdadeiro romance de ficção científica” (Aldiss, 1973, p. 32). Em Frankenstein, Shelley antecipa discussões sobre a possibilidade do ser humano “dar vida” a um ser e a responsabilidade ética da ciência, deslocando o eixo do sobrenatural para uma base científica especulativa.

Nesse sentido, a obra já antecipa o que Darko Suvin conceitua como *novum*: o elemento de novidade cognitiva que gera um distanciamento em relação ao mundo empírico e permite imaginar novas configurações sociais, tecnológicas ou existenciais. Shelley propõe um *novum* radical — a criação artificial da vida — que se ancora em possibilidades científicas da modernidade. Também Isaac Asimov reconhecia o papel fundacional de Shelley, por entender que a ficção científica deve explorar as consequências do avanço tecnológico e do conhecimento científico, o que Frankenstein realiza de forma pioneira, ao colocar o cientista como protagonista de um dilema moral diante de sua própria criação.

Existem diversas definições sobre quais seriam as características que marcariam uma obra de FC, porém não há um conceito fechado a respeito dela. No livro “A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas” (2018), Adam Roberts dedica um capítulo inteiro a essa discussão, sempre ressaltando que, mesmo assim, ela poderia ser insuficiente e não haveria concordância entre os pares sobre suas análises:

Não há entre esses diversos pensadores um consenso simples sobre o que é FC, além do acordo de que é uma forma de discurso cultural (em essência literário, mas nos últimos tempos cada vez mais cinematográfico, televisual, de quadrinhos e relacionado a jogos, eletrônicos ou não) que envolve a concepção de um mundo, de um modo ou de outro, diferenciado do mundo real em que os leitores vivem. (Roberts, 2018, p. 38)

Relembro que essa pesquisa não tem como intenção fazer uma história da FC, porém, para fins de análise, coletei algumas definições que podem ajudar a compreender o gênero. As narrativas de FC, por mais fantasiosas ou absurdas que pareçam, sempre carregarão em si a possibilidade de refletir sobre o tempo histórico que as cria, sendo uma maneira de elaborá-lo, de forma que “A realidade encontra o absurdo para ser apreendida” (Gennari, 2021, p.1).

As obras antes de Frankenstein em 1818 costumam ser lidas como proficção científica e as posteriores a esse período como uma FC mais estruturada. Esse período anterior ao assentamento do gênero é marcado por narrativas nem sempre “tão científicas”:

Destacamos, no entanto, que a “ficção científica antiga” ou proficção científica é marcada pela presença de especulações científicas, viagens imaginárias, narrativas mitológicas, lendas, crenças religiosas e, por vezes, elementos sobrenaturais, o que nos faz caracterizar a proficção científica como narrativas híbridas (Araújo, 2021, p. 8).

A FC foi, por um largo período, considerada um gênero inferior de literatura, marginalizada diante das narrativas realistas. No entanto, passa gradualmente a se estruturar e a ter características mais marcadas, dentre as quais ressaltamos o pensamento especulativo e a ciência.

Podemos pensar a ficção científica como um subgênero da literatura em que a composição do enredo e dos personagens, do meio social e do contexto histórico, são centrados nas questões científicas, no uso de tecnologias desenvolvidas ou avançadas na época contemporânea. [...] A ciência e tecnologia não são apenas componentes da ficção científica, são o principal pilar para que esse gênero tenha surgido e se mantenha tão forte até hoje. (Simonaci, p.21, 2022)

Outro ponto popular entre os críticos da FC ao determinar suas características, é a definição de Suvin, que propõe a presença do *novum* como algo que permite a classificação de uma obra:

Suvin continua, de forma proveitosa, a especificar o que chama “o *novum*”: o dispositivo, artefato ou premissa ficcionais que põem em foco a diferença entre o mundo que o leitor habita e o mundo ficcional do texto de FC. Esse *novum* pode ser algo material, como

uma espaçonave, uma máquina do tempo ou um dispositivo de comunicação mais-rápido-que-a-luz; ou pode ser algo conceitual, como uma nova versão de gênero ou consciência. O distanciamento cognitivo de Suvin equilibra alteridade radical e certo grau de semelhança familiar, de modo que (nas palavras de Patrick Parrinder), “ao imaginar mundos estranhos, acabamos vendo nossas próprias condições de vida em uma perspectiva nova e potencialmente revolucionária” (Parrinder, p. 4) (Roberts, 2018, p. 36).

As narrativas de FC costumam conter fatos impossíveis e novidades explicadas pelo raciocínio lógico e pelos conhecimentos científicos do período histórico que as produzem. Rejeita-se, portanto, narrativas que envolvam, demasiadamente, o sobrenatural, o místico ou o mágico (López-Pellisa, 2021). Um aspecto interessante é a sua capacidade de criar um estranhamento em quem lê, gerar desconforto e questionar limites éticos da ciência e dos valores éticos (Rangel, 2024).

Logo, a FC é geralmente provida de argumentos científicos válidos em sua época e também por um tanto de inquietações. Para a construção dessas realidades, são entremeadas uma mescla de gêneros, coexistindo nas narrativas o romance, o terror, a profecia, as investigações policiais, entre outros, sendo por si, uma amálgama que se molda aos gostos da época. Essa fusão de gêneros, que acompanha as transformações sociais e culturais, torna-se ainda mais evidente quando consideramos o cerne da FC, entre meados do século XIX.

Um dos elementos centrais desse período é a modernização, causada pela intensa industrialização no mundo Ocidental, bem como pela consolidação dos Estados Nacionais. As perspectivas de desenvolvimento, técnica e progresso passam a permear os imaginários da época.

Com o surgimento de outra realidade no mundo ocidental, emergem também diferentes formas de se contar as histórias. O acesso ao conhecimento científico torna-se popular, assim como as mudanças no cotidiano, com máquinas cada dia mais fazendo parte do cotidiano das pessoas, junto a ideia de que a tecnologia traria uma realidade melhor para o mundo (Rangel, 2024). A literatura passa a ser um local para se imaginar esse novo mundo e a “FC é o lugar onde arte e ciência se conectam” (Roberts, 2018, p. 43).

Voltando um pouco no tempo, em meados do século XVIII, surgem as primeiras obras de FC - ou, como alguns preferem chamar, de proto-ficção

científica - no contexto do Iluminismo. Precisamos considerar que “O sujeito histórico do Iluminismo é um sujeito conflitado pelo embate entre novas e velhas ideias” (Rangel, p.12, 2024). Trata-se de um período marcado por uma mudança sócio-cultural drástica na Europa, onde as crenças e valores vão se modificando e a cada dia o que antes era explicado pela religião, passa a ser explicado pela razão, levando ao surgimento das ciências modernas.

Ciência, como o termo é em geral compreendido, significa, *grosso modo*, uma disciplina que procura compreender e explicar o cosmos em termos materialistas, em vez de espirituais ou sobrenaturais. (...) como é instrumental, essa versão de ciência alinha de modo estreito o discurso à tecnologia, em especial aos enormes avanços tecnológicos associados à Revolução Industrial (Roberts, 2018, p. 41).

Nesse período, observa-se também um aumento na alfabetização da população, acompanhado pelo desenvolvimento da imprensa, o que impulsiona a produção e a circulação de textos entre as pessoas. Esse processo favorece a ampliação dos debates e a formação de opiniões heterogêneas. Em comparação com a sociedade feudal, majoritariamente agrária, onde o saber e o crer se confundiam, a possibilidade de leitura e produção de textos por outros segmentos da população, além do clero, representa uma significativa mudança social.

Assim, com a ascensão epistemológica da modernidade, bem como a popularização dos meios de imprensa, há a possibilidade do surgimento do gênero da FC, que irá refletir sobre essa nova sociedade urbana, racional e industrializada (Roberts, 2018). Pode-se considerar que “A ficção científica é um importante indicador cultural dessa mudança” (Roberts, 2018, p. 61).

A consolidação do gênero da FC é construída após as Revoluções Industriais e Francesa, com a ascensão do racionalismo ocidental e com um tipo específico de ciência que se estabeleceu como hegemônica. A FC pode ser compreendida como uma filosofia da ciência, embora esta possa ser anárquica, ou seja, não limitada pelos parâmetros de sua época. Nesse sentido, seria uma especulação sobre os efeitos da ciência e da tecnologia, algo que, por si só, essas seriam incapazes de conceber:

A ficção científica, por outro lado, realmente pensa: não apenas no sentido de exercitar numerosos conceitos, possibilidades, dramas intelectuais e coisas semelhantes, mas no sentido mais profundo de enquadrar o mundo em termos textuais, apresentando as alternativas dele. Poderíamos dizer, para adotar a linguagem de Heidegger, que a ciência não pensa, exceto na ficção científica; mas isto é realmente apenas um meio de dizer algo mais simples: que a FC é de fato ficção tecnológica nesse sentido heideggeriano (Roberts, 2018, p. 51)

Refletindo sobre a experiência do tempo da modernidade, Reinhart Koselleck, em sua obra “Futuro Passado”, propõe que a nossa própria noção de tempo se alterou em decorrência de tais mudanças, sugerindo que as expectativas tomam uma importância maior que as experiências. O passado é ultrapassado, a história é vista de forma linear, progressiva, como um trilho de trem que ruma para um futuro que é melhor, mais tecnológico, mais perfeito. O futuro passa a compor o imaginário da população de forma central, e que graças a ciência e o progresso, será melhor. Essas mudanças a respeito da percepção da temporalidade serão melhor exploradas no seguinte capítulo.

Daí advém o conceito de “progresso”, que irá atualizar o modelo colonial de dominação racial e passa a observar a superioridade a partir do desenvolvimento tecnológico que uma sociedade possui. Nas palavras de Koselleck: “Aqueles dotados de uma superioridade técnica olhavam de cima para baixo o grau de desenvolvimento dos outros povos, e quem possuísse um nível superior de civilização julgava-se no direito de dirigir esses povos” (2006, p. 317).

Nesta proposta de um futuro moldado pelo progresso, emergem as primeiras obras de FC utópicas, que imaginam os futuros perfeitos prometidos pelo desenvolvimento. Porém, ao longo de quase dois séculos desde o surgimento do gênero, as utopias foram gradualmente substituídas pelas distopias, reflexo de mudanças históricas marcadas por sucessivas crises e conflitos ao longo do século XX.

1.1.2 Utopia e Distopia

O exercício profético que muitas obras de FC realizam, possuem elementos que podem ser identificados como utópicos ou distópicos. Ainda que essa pesquisa não se proponha a fazer uma análise aprofundada do tema - que rende

inúmeros debates - é importante trazer algumas bases para a discussão. Por mais que seja rica a literatura a respeito da literatura de utopias (Jameson, 2009; Koselleck, 2014; Seligmann-Silva, 2000, 2009; Williams, 1978), não foi encontrado de maneira tão fértil os estudos em relação à produção latino-americana.

Basicamente, pode-se dizer que a utopia tem um momento histórico de origem, com a publicação de "Utopia" de Thomas More em 1516 (Simonaci, 2022). Antes disso, diversas obras desde a antiguidade também poderiam ser lidas como utópicas, porém não eram reconhecidas dessa maneira. A ideia de utopia baseia-se na origem etimológica da "[...] palavra formada pelo prefixo "ou-", de negação, e "-tópos", que significa lugar. Ou seja, utopia significa o não-lugar, uma sociedade ideal que não existe no mundo real" (Simonaci, 2022, p.59). A utopia abrange tanto narrativas de sonhos inalcançáveis quanto ideologias políticas voltadas para a construção de um mundo melhor e mais justo.

De acordo com Raymond Williams em "Utopia and Science Fiction" (1978) ele afirma que haveria quatro tipos de utopias: a primeira como um paraíso que existe em outro lugar; a segunda onde o mundo é modificado por algum evento natural inexplicado, em que surge uma nova vida; a terceira em que ocorre uma transformação desejada fruto do esforço humano e a quarta onde a criação de um mundo ideal é consequência da transformação e descoberta técnicas.

Há uma virada no tipo de utopias que surgem no final do século XVIII, que nos permitem uma "temporalização das utopias", marcada pela publicação do romance de Mercier, "Ano 2440" em 1770, em que o autor imagina uma França utópica e futurista (Koselleck, 2014). O período de sua publicação é pautado por muitas mudanças ao redor do mundo, desde a "descoberta" do continente australiano, que finda a busca pelo paraíso terrestre, como também pelas sucessivas mudanças sociais, culturais e políticas que permeiam o Ocidente, com a ascensão dos ideais Iluministas, que culminaram na Revolução Francesa, Independência das colônias americanas, etc.

A grande sacada da obra de Mercier para a temporalização das utopias não foi apenas seu tom profético, que anteviu mudanças sociais importantes na sociedade francesa, mas, para Koselleck (2014), foi a exploração do tempo futuro ao construir uma utopia que antes era localizada temporalmente ora no passado, ora num presente em um local ainda não descoberto. Esse tipo de especulação alimenta as possibilidades narrativas que vemos explodirem com a FC.

O futuro e sobretudo uma consciência acerca do futuro penetrou, no século XVIII, as formações utópicas. Além disto, com a revolução romântica surge o que eu chamaria de “a questão do indivíduo”: a partir de finais do século XVIII não podemos mais pensar o todo, a sociedade, seus modelos e a idéia de razão, sem levar em conta o indivíduo moderno. (Seligmann-Silva, 2000, p. 308)

Isso gera um paradoxo, pois as utopias tendem a rejeitar o indivíduo, focando no ideal coletivo da construção de sociedades “perfeitas”. A busca por um mundo ideal, muitas vezes resulta em experiências totalitárias, nas quais não há espaço para a subjetividade, emoções ou diversidade. “Estes modelos apostaram na utopia como uma racionalização da sociedade. Esta racionalização, no entanto, fatalmente geraria um aprofundamento dos controles sobre o indivíduo” (Seligmann-Silva, 2000, p.309). É exatamente isso que se observa no século XX com a ascensão do fascismo na Itália e Alemanha, que ao tentar criar uma utopia para alguns, acabaram gerando distopias para muitos.

Sobre a palavra distopia, há controvérsias sobre seu surgimento, sobre o qual não entrarei em detalhes, mas que pode ser localizado em um debate no Parlamento Britânico em 1869. Focando em seu sentido etimológico, coloca-se como um inverso da utopia, com o prefixo “dys” cujo o significado é “doente, mal, anormal” (Simonaci, 2022). Logo, uma especulação a respeito de sociedades que se mostram em ruínas, com sistemas opressivos, “As narrativas distópicas normalmente nos apresentam mundos autoritários, regidos por regras excessivamente rígidas. Nas distopias, o principal inimigo é a liberdade” (Simonaci, 2022, p.61).

Geralmente essas narrativas pretendem com suas projeções a alcançar a denúncia, de forma alegórica, de problemas reais do momento em que as obras são concebidas. Ao radicalizar pontos negativos de uma sociedade, espera-se que tais problemas sejam melhor visualizados, mostrando a urgência relativa à mitigação de tais sinais degenerativos. “A ficção científica pode ser vista hoje como um meio de conquistarmos uma autoconsciência de nosso estado e um empoderamento possível dentro de nosso desabrigo” (Seligmann-Silva, 2009, p. 144)

Ocorreram ao longo do século XIX, mas principalmente no século XX, sucessivas crises econômicas e sociais, a ascensão dos fascismos, dos regimes totalitários e das Grandes Guerras, que mostraram que os ideais utópicos e

modernos haviam falhado (Meireles, 2021). “É o século XX, com seus totalitarismos e o ápice da estetização da política, que nos ensinou a olhar de modo radicalmente crítico para as utopias” (Seligmann-Silva, 2000, p.312). Por isso tornam-se cada vez mais populares as narrativas distópicas.

Na ficção científica elucubramos, normalmente na chave distópica, acerca desse nosso deserto anímico e de nossa esterilidade. A concepção de vida é recortada pela técnica e pelas violências associadas a ela. Nossas sociedades têm se especializado em criar paisagens estéreis, *waste lands* (Seligmann-Silva, 2009, p. 141)

A distopia caminha em direção à ruína, ao apocalipse e a morte. Esse percurso, impulsionado pelas crises sociais, também se entrelaça a outro aspecto delicado que abordarei adiante: a destruição do mundo natural e a consequente crise ambiental e ecológica, questões que tem se tornado cada vez mais recorrentes no século XXI.

Boa parte das críticas encontradas nas distopias do século XX associa a ruína ao modo de vida capitalista, onde a vida (humana e não humana) torna-se insignificante. “O *homo laborans* é tão descartável quanto as mercadorias que produz. O triunfo da lógica capitalista, com o império do trabalho sobre todas as esferas da vida, levaria à aniquilação da vida” (Seligmann-Silva, 2009, p. 142).

Um ponto-chave das ficções, como observado, é a crítica e reflexão das sociedades que as criam. Logo, registram com frequência a:

[...] crítica al capitalismo y la sociedad de consumo, las consecuencias de la intervención humana en la Naturaleza, o nuestra relación con el Otro (a raíz de los conflictos sociales generados por los grandes flujos migratorios fruto de las necesidades de la clase obrera y las consecuencias devastadoras de las dos Guerras Mundiales) (López-Pellisa, 2021).

Assim, a FC pode ser considerada uma literatura bastante subversiva, sugestiva e que frequentemente rompe com a ideia de um “futuro melhor”, idealizado pela modernidade, escancarando as contradições socioculturais ao propor narrativas sobre o futuro.

Ainda que se observe uma presença maior de narrativas distópicas principalmente a partir do final do século XX, ocorre também nesse período um contraponto com o surgimento de importantes autoras feministas, como Marge

Piercy, Margaret Atwood, Octavia Butler e Ursula K. Le Guin, que trazem outros agentes históricos e oferecem visões utópicas diversas, sendo, provavelmente, os primeiros escritos onde a utopia e a distopia estão presentes (Mireles, 2021). No entanto, não apenas as feministas se destacam por essa hibridização entre a utopia e a distopia.

Ao longo do século XX, os movimentos sociais ganharam mais visibilidade e direitos, paralelamente, emergiram correntes literárias e artísticas que enfatizam essa diversidade. Um exemplo que merece destaque é o Afrofuturismo, surge da necessidade de representação dos povos no futuro. Historicamente oprimidos e desumanizados, esses povos encontram nesse movimento uma forma de projetar suas culturas e tradições em um futuro que lhes foi sistematicamente negado.

A colonização e a escravidão são arestas do advento da modernidade, que para alguns foi bastante utópica, mas para outros pode ser apontada como pura distopia. Enquanto homens brancos europeus aspiravam renovação social e evolução tecnológica, sujeitos não-brancos buscavam tentar exercer o seu direito mais básico: o de vida e humanização. (Portela; Bonfim, 2023, p.23)

O Afrofuturismo mostra como dentro da realidade distópica em que vive o povo negro é possível ousar sonhar e criar outros mundos. “A constituição de futuros utópicos que, ao invés de se oporem totalmente ao passado, abraçam os elementos potentes deste, através de representações culturais específicas, é uma rica contribuição do Afrofuturismo para o gênero da ficção científica” (Simonaci, 2022, p.71). Essa capacidade de imaginar futuros alternativos, impulsionada por movimentos sociais como o negro e o feminista, abriu caminhos para a inclusão de outros grupos marginalizados nas narrativas utópico-distópicas.

No final do século XX e início do XXI, novas figuras protagonistas começam a emergir nas narrativas, refletindo um movimento que tem se expandido para diversas esferas sociais. Esse fenômeno tem se consolidado como um elemento recorrente na literatura de FC no contexto latino-americano.

1.2 A FICÇÃO CIENTÍFICA NA AMÉRICA LATINA

Existe um debate sobre a necessidade de uma narrativa possuir um caráter científico suficiente para ser reconhecida como FC, o que, muitas vezes, implica sua origem relacionada a um país desenvolvido. Por essa razão, a FC latino-americana foi historicamente marginalizada em relação ao cânone estadunidense e europeu (Bastidas Pérez, 2019). A América Latina, frequentemente vista como uma região subalternizada, subdesenvolvida — o chamado “Terceiro Mundo” — teria acesso apenas a tecnologias defasadas em relação aos padrões tecnológicos estabelecidos pelo “Primeiro Mundo” a partir da Revolução Industrial. Como consequência, as narrativas de FC latino-americanas foram desvalorizadas, pois falariam a partir de territórios sem acesso à alta tecnologia que tradicionalmente inspira as produções do gênero.

Essa pouca visibilidade não advém, necessariamente, da qualidade das narrativas presentes na região, mas principalmente por conta da herança colonial e o sentido de progresso, que observa os povos que possuem menos tecnologia, em comparação com a tecnologia do Norte Global, como inferiores. Para Castro-Gómez e Grosfoguel essa supremacia de alguns povos em relação a outros carrega juntamente a ideia de “superioridade epistêmica”:

La caracterización de la periferia como sociedades del pasado, premodernas o subdesarrolladas, por parte de las elites criollas latinoamericanas de descendencia europea, sirvió para justificar la subordinación de los Estados-nación poscoloniales al despliegue del capital internacional durante los siglos XIX y XX; proceso que continúa hasta hoy (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 15).

Complemento com um trecho de Santiago a respeito do discurso latino-americano:

O discurso europeu em relação ao latino-americano se dá pela diferença, observada como hierárquica, que coloca o europeu como superior, no entanto, em uma batalha mostra-se muitas vezes equilibrado. A dominação dos brancos não se deu pela superioridade de seu discurso, mas pelo “uso arbitrário da violência e à imposição brutal de uma ideologia” (Santiago, 2000, p. 11)

Como resultado, muitas vezes as produções de FC latino-americanas foram rotuladas como fantásticas em vez de científicas, ou ao menos, pouco científicas, como analisa Bastidas Pérez em sua tese de doutorado,

“En nuestro caso es encuentro” (2019). Até mesmo algumas antologias de ficção científica latino-americana organizadas anteriormente destacam esse caráter “menos científico”.

Um exemplo é a obra “Lo mejor de la ciencia ficción latinoamericana” (1982), editada por Bernard Goorden e A. E. van Vogt. No prefácio, Goorden menciona que a ficção científica estadunidense seria escrita por “grandes cérebros” e a latino-americana escrita por “grandes corações” (Goorden, 1986, p. 7). Essa distinção sugere que devido à posição periférica da América Latina em relação ao cânone, suas produções de FC são menos dotadas de uma racionalidade científica. Trata-se de uma construção binária e hierárquica entre a razão e a emoção, onde a primeira se considera superior à segunda.

Ainda sobre a modernidade, Bastidas Pérez nos traz a seguinte reflexão no prólogo da obra: “Se creó una gramática del progreso en la cual los países del tercer mundo, los subdesarrollados, se definían por su estar en proceso, estar en vías de; nunca por la afirmación de su presente sino por la posibilidad de su futuro” (2021, p.11). Seguindo essa linha de pensamento, as sociedades e culturas que não fossem suficientemente desenvolvidas estariam fadadas ao esquecimento e ao passado, isso é, a expectativa moderna é a regra do desenvolvimento, da evolução tecno-científica, da superação das culturas onde as experiências ainda eram válidas para compor suas realidades.

As FC produzidas no continente desenvolveram-se com maior resistência ao cânone, resultando em algumas diferenciações em relação à produção da região. Inicialmente, sob forte influência de obras de grande prestígio, manteve-se por um longo período a reprodução de narrativas hegemônicas, predominando, em geral, a FC hard — isto é, aquelas mais alinhadas às noções científicas da época —, com o propósito de criar obras que alcançassem reconhecimento e prestígio.

Além dessa marginalização causada pela herança colonial, outra causa da mesma é o mercado editorial. Por muito tempo, as obras canônicas apresentavam sucesso de vendas, levando ao não investimento na publicação de autorias desconhecidas, isso somado às crises políticas e econômicas que assolaram o mundo e a América Latina, com destaque para as Ditaduras Cívico-Militares do século XX, dificultando a expansão das editoras e publicações de FC na região (Hart, 2023). Porém, mesmo sem o apoio de grandes editoras do

gênero, a produção da região resistiu, aproveitando-se inclusive de sua marginalidade para incorporar em suas narrativas temáticas ainda mais insurgentes.

Na atualidade a FC latino-americana tem alcançado destaque internacional. Tal sucesso é resultado dos esforços contínuos dos escritórios - e apaixonados - de FC no continente, que aliados ao maior acesso proporcionado pela tecnologia e pelos meios digitais, impulsionaram o surgimento de editoras independentes. Exemplos notáveis incluem a *Ayarmant*, na Argentina, a editora Aleph, no Brasil, a *Vestigio* e o selo Minotauro da editora *Planeta de Libros*, na Colômbia, a *Casa Futura*, no México, entre outras, todas especializadas no gênero de FC.

Além disso, plataformas digitais, como a Amazon¹¹, permitem até mesmo autorias independentes de comercializarem suas obras em formato digital. Por conta disso, a produção latino-americana tem alcançado popularidade, com obras premiadas internacionalmente e sendo destaque em encontros sobre a temática ao redor do mundo (Hart, 2023). Mas, ao que se deve esse crescente fenômeno de reconhecimento? Algumas características que são endêmicas podem fornecer sinais que favorecem o reconhecimento dessa autenticidade.

1.2.1 Características únicas, como o hibridismo cultural e a crítica política

Muitas autorias se aproveitaram da marginalização da FC na região para tornar seus conteúdos ainda mais subversivos. Esse movimento se torna especialmente evidente em meados dos anos 70, com produções que se manifestavam contra as ditaduras militares do Cone Sul, onde a FC, justamente por não ser considerada uma narrativa realista, conseguia driblar as censuras militares. (López-Pellisa; Ares, 2020a). Essa capacidade de subverter a ordem estabelecida e de explorar a imaginação para criticar a realidade social se tornou uma marca

¹¹ Embora a Amazon tenha facilitado a publicação de autorias independentes, também é responsável por profundas transformações no mercado editorial e no setor de livrarias físicas. As editoras são pressionadas a manter os preços de suas obras mais baixos para permanecerem na plataforma, o que reduz suas margens de lucro. No caso das livrarias físicas, tornou-se cada vez mais difícil competir com os preços e condições oferecidos no site, resultando na diminuição do público e, conseqüentemente, no fechamento de muitas delas.

registrada da FC latino-americana, que ao longo do tempo incorporou elementos cada vez mais híbridos e complexos.

A partir dos atributos do gênero e ao agregar as peculiaridades de nossos territórios, a FC latino-americana foi assumindo uma identidade própria em relação ao cânone, resultando no século XXI em particularidades específicas, com destaque para o caráter de crítica social e hibridez cultural e literária nas narrativas. Essas narrativas refletem os espaços de disputa de poder, com fortes críticas à sociedade moderna e aos abismos econômicos que assolam a região (Hart, 2023).

Também se observa um crescente interesse por parte da teoria literária pelo gênero na região. Nesse sentido, Bastidas Pérez, no prólogo da antologia analisada, destaca algumas características¹² que podem ser consideradas relevantes, como aponta:

[...] “en la ciencia ficción latinoamericana aparecen elementos de hibridez cultural (ya no es una dependencia de lo anglosajón), una crítica política contrahegemónica (que se exalta desde las dictaduras militares en adelante), una ansiedad tecnológica (que subraya el papel de consumidores de tecnología) y, finalmente, señala cómo la ciencia ficción ofrece una alternativa a las narrativas nacionales que han sido elaboradas por el canon” (Bastidas Pérez, 2021, p. 10).

A hibridez cultural é uma característica que se mostra presente não só na FC, mas também na literatura latino-americana na totalidade, com cada momento e região, sendo marcados por suas mesclas. A partir desse espaço de hibridização cultural, muitas vezes conflituosa, criou-se a possibilidade de resistência aos padrões dominantes. Há uma subversão dos conceitos de unidade e pureza, as narrativas são contaminadas pela convergência de culturas onde “O elemento híbrido reina” (Santiago, 2000, p. 16). O mesmo ocorre na FC:

“No dejamos nada puro”, dijo el escritor cubano Erick Mota. “Hemos contaminado las cosas por excelencia, y solo por aceptar y mezclar, nos volvemos nosotros mismos”, comentó. “No hay un solo concepto de ciencia ficción que no hayamos tomado y adaptado a nuestro contexto, hecho mestizo” (Hart, 2023).

¹² Se houver um interesse maior no diálogo entre os críticos literários que constroem o debate sobre as características da ficção científica latino-americana, especialmente a colombiana, ao longo da história, recomendo a tese de doutorado de Rodrigo Bastidas Pérez, *“En nuestro caso es encuentro. La ecdisis como herramienta crítica para el análisis de la ciencia ficción colombiana”* (2019).

Ao se tornar *mestiza*, a FC latino-americana desenvolve estratégias narrativas que se opõem a visão hegemônica do Ocidente, ressaltando a importância das perspectivas locais e reivindicando outras cosmovisões enquanto válidas (López-Pellisa, 2021b). Portanto, não se trata apenas da construção de cenários tecnológicos e ficcionais, mas sim da interseção dessas tecnologias com os conhecimentos tradicionais e ancestrais das culturas marginalizadas bem como de pessoas sexo-gênerico dissidentes¹³.

Essa busca por narrativas diversas, que desafiam os padrões dominantes, como apontado, é impulsionada pelos movimentos sociais e culturais, dando origem a subgêneros, como as narrativas feministas, afrofuturistas e neoindigenistas (López-Pellisa, 2020b). Tornam-se importantes também as temáticas complexas, como as formas de afeto dessas culturas, que escapam à visão eurocêntrica e individualista, onde ao serem retratadas, desempenham um papel crucial nas narrativas. Os afetos e a presença de personagens femininas, LGBTQUIAPN+, negras e indígenas evidenciam uma disputa pelo imaginário desses povos, os quais, em uma visão de mundo colonizadora e progressista, são frequentemente relegados à figura de selvagem e do passado.

Inclusive, a hibridez presente nas obras desse período insere muitas delas em um novo subgênero da FC, o *New Weird*. Derivado do *Weird*, que surgiu em meados de 1930 e foi influenciado pela produção do século XIX de autores como Edgar Allan Poe e H. P. Lovecraft, esse subgênero combina ficção científica, fantasia e horror, promovendo uma transgressão à literatura ao mesclar elementos e criar novas narrativas.

O *New Weird*, surgido no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, inspira-se em seu antecessor ao mesclar os gêneros da ficção científica, fantasia e horror. Além disso, destaca-se por romper os moldes da literatura do gênero *Weird*, os quais, em algum momento, também se cristalizaram e adotaram uma forma mais fixa. A proposta do *New Weird* é misturar gêneros a fim de contar uma boa história, através das mesclas já pensadas, mas recorrendo a outras, como a comédia, o sobrenatural, a magia, etc (Suzigan, 2000).

¹³ A escolha desse termo ocorreu a partir da percepção de Geni Núñez, como veremos a seguir: “escolhi utilizar a expressão “pessoas sexo-gênero dissidentes” das normatividades por compreender que nem todas as pessoas dissidentes se veem representadas na sigla LGBTQUIAPN+. Friso a importância de reconhecermos a cisgeneridade como marcador de hierarquias mesmo entre a comunidade formada por pessoas dissidentes de gênero” (Nuñez, 2023, p. 181).

A partir das possibilidades e da fluidez que a produção latino-americana proporciona, é possível reconhecer em seus relatos propostas de contracolônização e do fortalecimento de formas de pensar alternativas.

1.2.2 Análise da FC latino-americana como uma resposta ao colonialismo

As obras de FC latino-americanas do início do século XXI, são fruto de uma literatura *mestiza* que se constitui de forma quase antropófaga. Refere-se a uma:

[...] produção textual inquieta e audaciosa é um reflexo da insubordinação ao projeto colonial, um método que podemos reconhecer como antropófago, de se apropriar do discurso, mas agregar as subjetividades silenciadas através dos séculos. Trata-se de “(...) falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida” (Santiago, 2000, p. 20)

Apesar da onda uniformizadora da cultura ocidental, que tenta apagar a riqueza da diversidade, a FC latino-americana se apresenta como uma força que nega a domesticação. Nela a aposta é pelas narrativas locais, celebrando sua autenticidade e seus processos de transculturações, desafiando assim a ideia de um futuro linear moldado pelo progresso tecnológico capitalista. Por tudo isso, pode-se afirmar que os mundos imaginados nas narrativas latino-americanas refletem a vida na região de maneira singular, abordando os dilemas nacionais de cada território no contexto da globalização e dos contínuos processos de herança da colonização e descolonização (López-Pellisa, 2020b).

Logo, é possível olharmos para a produção literária de FC na região como uma resposta ao colonialismo, tanto por conta de sua dimensão histórica quanto por suas manifestações contemporâneas. O gênero coloca-se no limiar epistemológico da cultura, questionando frequentemente as “histórias oficiais” e a modernidade enraizada nas perspectivas coloniais que seguem atravessando a região. Por se tratar de um gênero fluído e de difícil definição, também consegue demonstrar a heterogeneidade cultural latino-americana (Kurlat Ares, 2020b).

Essa mescla possibilita a denúncia das explorações interseccionais que assolam nossas populações, bem como a exploração econômica e política que utilizam a tecnologia como engrenagem para o seguimento das extrações coloniais. Outro traço importante é como as narrativas retratam os subalternos, não mais como vestígios do passado ou meras vítimas dos processos da modernidade, mas como agentes ativos dentro de suas realidades, protagonistas de suas histórias. A citação a seguir fala dessa potência:

La presencia de la CF no es algo menor ni anecdótico en Latinoamérica, y su fuerza transgresora radica en las alternativas que nos ofrece para salir de los laberintos del presente, ya sea a partir de la experimentación formal, imaginativa o temática. Porque, tal y como afirmaba René Rebetez, “la literatura de ciencia ficción es la crónica más fiel de nuestros tiempos y a veces también una guía premonitoria del futuro (López-Pellisa, 2020b, p. 29)

Portanto, o gênero se caracteriza pela capacidade de romper com os modelos coloniais de dominação, permitindo, ainda que dentro da ficção, imaginar realidades alternativas à experiência vivida. Afinal, as histórias emergem da realidade empírica de suas autorias. Esse exercício de reflexão ficcional, no contexto latino-americano, abre espaço para a construção de futuros que desafiam a hegemonia. No seguinte capítulo, abordarei as relações possíveis entre as temporalidades do Tempo Presente e as narrativas de FC contidas na obra analisada.

CAPÍTULO 2: TEMPORALIDADE E PERCEPÇÃO DO TEMPO NA FICÇÃO CIENTÍFICA LATINO-AMERICANA

2.1 RELAÇÕES ENTRE TEMPO HISTÓRICO, REGIMES DE HISTORICIDADE E O IMAGINÁRIO DA FC

Como já destacado anteriormente, a modernidade trouxe uma mudança em nossa percepção do tempo histórico, tais mudanças foram constitutivas para as produções artísticas, literárias e, conseqüentemente, na FC. No Tempo Presente, também ocorrem transformações em nossa concepção de tempo, que, por sua vez, devem se refletir nas obras desse período.

Em “Futuro Passado” (1979/2006), Koselleck propõe a categoria de análise histórica “espaço de experiência e horizonte de expectativa”, a partir da percepção que em cada momento histórico a sociedade que se analisa possui diferentes espaços de experiência e horizontes de expectativa, isto é, a forma que ela se relaciona com o passado, a experiência, e o futuro, a expectativa, gera uma tensão que irá formar o tempo histórico, como ele coloca “é a tensão entre experiência e expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções, fazendo surgir o tempo histórico” (Koselleck, 2006, p. 313).

Partindo desse ponto para a compreensão desse período, destaco alguns eventos de grande importância: a queda do Muro de Berlim, a Revolução Tecnológica e a popularização da internet no final do século XX. Esses acontecimentos transformaram nossa percepção dos espaços de experiência e dos horizontes de expectativa, uma categoria que considero relevante para a análise desse período.

A partir do final da Guerra Fria, ou mais pontualmente com a queda do muro de Berlim em 1989, vemos que, aparentemente, houve uma nova mudança de tempo histórico. Uma das obras que exemplificam esse momento é “O fim da história” de Francis Fukuyama, publicado em 1992. Mignolo em “El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifesto” (2007) sinaliza que o fim da história não seria um fim por si, mas um momento de mudança de paradigma, onde o pensamento colonial se reinventa:

El <fin de la historia> sería, así, el triunfo del liberalismo, secundado por la cristiandad conservadora frente a la constante protesta de la

izquierda marxista y de la filosofía de la liberación. [...] **Literalmente, empezó otra historia, la historia en la que el pensamiento colonial, gestado desde el momento fundacional de la modernidad/colonialidad, comienza a tomar el liderazgo.** (p.32) grifo nosso.

A colonialidade passa a se tornar global, no que os decoloniais preferem chamar “del sistema-mundo europeo/ euro-norteamericano capitalista/patriarcal/ moderno /colonial (Grosfoguel, 2005) y no sólo del sistema-mundo capitalista” (Castro-Goméz;Grosfoguel, 2007, p.13):

El fin de la guerra fría terminó con el colonialismo de la modernidad, pero dio inicio al proceso de la colonialidad global.[...] Desde el enfoque que aquí llamamos <decolonial>, el capitalismo global contemporáneo resignifica, en un formato posmoderno, las exclusiones provocadas por las jerarquías epistémicas, espirituales, raciales/étnicas y de género/sexualidad desplegadas por la modernidad. De este modo, las estructuras de larga duración formadas durante los siglos XVI y XVII continúan jugando un rol importante en el presente (Castro-Goméz;Grosfoguel, 2007, p.14) grifo nosso.

Um importante historiador a refletir sobre as mudanças seguintes, é o francês François Hartog (2013), que elaborou a hipótese do “presentismo”, que propõe que estaríamos vivendo um momento de crise do tempo, onde nossa experiência e expectativa estariam em suspensão, em congelamento, dado que a experiência do progresso se mostrou falha. As expectativas para o futuro, antes esperado, se tornaram por vezes assustadoras. Como observado, essa desesperança se reflete na quantidade de distopias que surgem no mesmo período.

A popularização da tecnologia ocidental, iniciada em meados de 1990 e intensificada nos anos 2000, leva a uma mudança de como nos relacionamos, bem como a uma noção de instantaneidade. A globalização ocorrida pela expansão dos domínios Ocidentais, levou à modernização. Essa gera um poder de sincronizar os tempos históricos onde essas tecnologias estejam presentes. “A modernização como globalização é um processo de sincronização que faz com que diferentes tempos históricos convirjam em um único eixo de tempo global e prioriza tipos específicos de conhecimento como força produtiva principal” (Hui, 2020, p.12). Isso, segundo Hui, em seu livro “Tecnodiversidade” (2020), leva ao fim da filosofia, uma vez que o pensamento é universalizado pelo marco ocidental-europeu. É

possível considerar, portanto, que a modernização levou a uma colonização do tempo.

Nesse contexto, é importante destacar o conceito de **cosmotécnica**, desenvolvido por Yuk Hui, como uma alternativa à visão única de tecnologia imposta pela modernidade ocidental. Para Hui, toda técnica está ligada a uma determinada visão de mundo, ou cosmologia. Assim, a cosmotécnica é a união entre a ordem do cosmos e a ordem moral por meio da técnica. Isso significa que diferentes culturas produzem e usam tecnologia de maneiras diversas, conforme seus valores e modos de vida. Em vez de um único modelo técnico global, Hui propõe uma tecnodiversidade, ou seja, o reconhecimento de múltiplas formas de pensar e praticar a técnica. Essa ideia reforça a crítica à padronização do tempo e do pensamento promovida pela modernização ocidental.

A proposta Hartog (2013), aliada às sucessivas mudanças na forma como nos relacionamos devido à popularização das tecnologias — como a internet, smartphones e rede sociais — reflete as angústias de nosso tempo. Nisso agrego mais dois eventos que marcam de forma considerável o início do século XXI, as mudanças climáticas e como possível consequência, a pandemia de Covid-19.

As mudanças climáticas apontadas por ambientalistas desde meados de 1960 vem com força com a virada do milênio e mesmo com diversas agendas desde a RIO-92, se observa que as causas como a degradação dos espaços naturais e a emissão de gases do efeito estufa desaceleram a passos muito lentos.

Como consequência, temos a perda de biodiversidade, a migração de milhões de pessoas, o aumento do nível dos oceanos, a desertificação de grandes regiões, ampliação da fome, possíveis guerras e a escassez de recursos hídricos, entre outras, que se tornam cada dia mais frequentes. Tais alterações seguem provando-se reais e o mais aterrador é a inação das potências globais que permanecem em um modo de exploração econômica neoliberal que observa a natureza apenas como recurso (Gudynas, 2019).

Por conta disso, tem-se discutido uma forma de nomear nossa época, termos como Antropoceno, Capitaloceno ou até o Chthuluceno tem sido cada vez mais comuns nos discursos filosóficos, sociológicos, históricos, entre outras áreas do conhecimento, como também em debates emergentes sobre políticas e perspectivas de enfrentamento às crises. Irei aprofundar um pouco a respeito dos

termos.

Talvez o mais popular seja Antropoceno, um conceito cunhado pelo químico holandês Paul Crutzen em meados dos anos 2000. Propõe-se que a humanidade se tornou uma força de ação na natureza, criando assim um novo período geológico. E, em contrapartida, a natureza tornou-se um agente histórico. Há diversos marcos possíveis para o início do “antropoceno”,

[...] variando de 10 mil anos atrás, com o início da agricultura; no século XVI, com a expansão marítima e a colonização; no fim do século XVIII, com a invenção da máquina a vapor; ou no século XX, no pós-Segunda Guerra Mundial. Interessante que há evidências para todos esses inícios, e implicações políticas para esses inícios (Tab., 2020).

A principal crítica a essa denominação é seu caráter homogenizador do ser humano, que o coloca como senhor da natureza, uma “exceção ontológica absoluta”. No entanto, essa perspectiva é específica da humanidade moderna/ocidental, enquanto, na visão ameríndia, por exemplo, os seres humanos se reconhecem como parte da natureza. Além disso, essa concepção ocidental de humanidade deslegitima outras formas de ser, aproximando-as da natureza e, conseqüentemente, tornando-as passíveis de dominação e colonização (Danowski; Viveiro de Castro, 2014).

Ainda que o Antropoceno não afete apenas os seres humanos, não sendo antropocêntrico, uma vez que seus efeitos são sentidos de forma planetária, “[...] constituindo-se em múltiplas camadas, incluindo as dimensões geológicas, climáticas, biológicas, que escapam ao cálculo humano [...]” (Turin, 2020). Por outro lado, o Antropos ocidental seria também o maior responsável pela degradação da natureza, o que, conforme os defensores do termo Capitaloceno, não se trataria de algo inerente à espécie, mas ao modo de produção.

Jason Moore (2022) faz uma análise marxista da dinâmica entre o capitalismo e a natureza, isto é, de que modo o modelo econômico vigente de forma hegemônica no planeta se relaciona materialmente com a natureza e a ecologia, a essa relação e conseqüências, nomeia-se Capitaloceno. Tal modelo observa a natureza como um recurso, passível de apropriação e como conseqüência de exploração.

Destaca que esse recurso seria uma “natureza barata”, responsável pela acumulação de capital. Dentre os principais tipos de natureza barata temos: os

alimentos, a força de trabalho não paga ou paga o mínimo possível (como escravizados ou o trabalho reprodutivo), a energia (que quanto mais barata, melhor a exploração, como, por exemplo, os combustíveis fósseis) e as matérias-primas.

Os modelos coloniais se baseiam (e se mantêm) por essa relação. A acentuação da exploração, desse modo, leva ao que se vive atualmente: o exaurir dessa “natureza barata”, levando a devastação da natureza e a dificuldade em seguir esse modo de produção.

Ailton Krenak, no livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019) denuncia a destruição do mundo natural, visto como um recurso para o que ele chama de “Deus Mercadoria” e com isso a perda da biodiversidade e das culturas que não estão enquadradas nesse modo de vida neoliberal. Krenak defende que o ser humano não é algo alheio à natureza, sendo essa a forma de adiar o fim do mundo.

Observo que, ainda que tanto o Antropoceno quanto o Capitaloceno considerem a exaustão da natureza como causa e consequência das crises atuais, nenhuma das perspectivas reconhece a natureza, ou seres não humanos, como sujeito de direitos, proposta um tanto diferente da feita por Haraway (2016/2023) com o Chthuluceno.

Em seu livro, “Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno” (2023), “Ficar com o problema” trata-se de aceitar o momento que se vive, no qual ela não nega nem o antropoceno ou o capitaloceno. Propõe aceitar não num sentido inerte, mas num sentido ativo de pensar em soluções para se “viver e morrer bem” num período marcado por extinções e o esgotamento de locais de refúgios naturais.

As soluções não partiriam de uma superação divina ou tecnológica dos problemas, mas sim da possibilidade de “fazer parentes”. Esses parentescos devem ser motivados por alianças entre humanos e não humanos, a fim de criar novos modos de vida nesse período que ela denomina de Chthuloceno.

Ainda que seja tentador, principalmente para leitorias de FC, não se trata do Cthulhu, entidade cósmica criada por Lovecraft, a qual a autora inclusive faz questão de diferenciar. A referência é sobre uma espécie de aranha que forma uma teia, a *Pimoa Cthulhu*, e sua capacidade de viver a partir de sentir e tatear. A partir desse tocar e palpar, se (re)inventam novos modos de pensar a partir de outras lógicas, que não a da Razão moderna.

O Chthuloceno seria, então, um tempo tateante, onde as propostas precisam ser experimentais e sensíveis, expandindo-se como se tivéssemos tentáculos que se espalham em múltiplas direções, considerando as crises climáticas e a formação de alianças interespecies. Devo admitir que tenho um carinho por essa teoria, principalmente por sua relação com a FC. Apesar de minha “predileção”, não conheço historiadores do tempo presente que a utilizem em suas análises, quem sabe no futuro? Talvez seja parte do que estou fazendo...

A questão central é que as perspectivas de quem emprega os termos Antropoceno, Capitaloceno ou Chthuluceno não se opõem, mas analisam o tempo em crise a partir de diferentes determinantes, além de proporem distintas soluções para mitigar seus efeitos devastadores. Muitos intelectuais, inclusive, recorrem a mais de um desses termos ao se referirem ao momento atual, buscando abarcar a complexidade do Tempo Presente.

2.1.1 O papel da História do Tempo Presente na análise da FC

Há um consenso de que vivemos um período distinto daquele experienciado anteriormente. Entre as diversas propostas formuladas por historiadores, a ideia de aceleração trazida por Hartog (2013) é amplamente aceita, embora existam debates variados dependendo da região. Analiso algumas perspectivas de pensadores da HTP, em diálogo com outros intelectuais das ciências sociais e humanidades que refletem sobre as temporalidades no início do século XXI. Na Argentina, Sarlo (2005) e Mudrovcic (2013; 2021) abordam as relações entre tempo, história e memória, bem como as transformações ocorridas nesse período.

Sarlo discute a aceleração do tempo na modernidade e como essa rapidez afeta tanto a memória quanto a sociedade. A velocidade com que as imagens e informações circulam produz uma sensação de fluidez temporal, que, paradoxalmente, estimula uma cultura da nostalgia. O presente, constantemente ameaçado por esse ritmo acelerado, torna-se matéria para a memória.

Essa aceleração seria responsável, por nossa relação com a memória e a lembrança, levando a temática da memória a um plano mais social, não

apenas as lembranças sobre as ditaduras ou crimes de guerra, mas há um movimento pela “(...) recuperación de memorias culturales, la construcción de identidades perdidas o imaginadas, la narracion de versiones y lecturas del pasado. El presente, amenazado por el desgaste de la aceleración, se convierte, mientras transcurre, en materia de la memoria” (Sarlo, 2005, p.97).

A autora afirma que o novo milênio se inicia com uma contradição: enquanto o tempo parece acelerar e destruir o presente, há uma busca incessante por solidificar esse presente em memórias e lembranças, revisitando frequentemente o passado de forma seletiva e imagética. Essa imagética é movida por nossa capacidade técnica de registro através da fotografia e o audiovisual.

Mudrovic (2017) analisa o presente como uma categoria ocidental de sincronização do tempo, que surge no século XVIII e vai se reestruturando a partir das mudanças culturais ocorridas principalmente após a Revolução Francesa. Nessa linha, pensa-se que o passado é relegado ao menos desenvolvido, primitivo e selvagem, e o contemporâneo são aqueles que se encontram sincronizados ao estado de desenvolvimento das potências europeias, que rumam ao futuro ainda mais desenvolvido.

Diga-se de passagem que o que se entende por desenvolvimento tem a ver com supremacia tecnológica e bélica, que leva a uma imposição ideológica e cultural. Assim, a existência de outras sociedades num mesmo período cronológico que não compartilhassem do mesmo grau de desenvolvimento pretendido deveriam ser lidas como “atrasadas”, isto é, pertencentes ao passado.

No Brasil, junto à noção de sincronização do tempo e da tecnologia, Mateus Pereira e Valdeci Araujo, elaboraram a teoria do Atualismo na obra *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI* (2018). Eles relacionam a ideia de atualização a uma mudança em nossa percepção do tempo no século XXI. Ao reconhecerem a aceleração da experiência temporal provocada pelas transformações do século XX, especialmente pelo avanço tecnológico, destacam como as noções de passado, presente e futuro foram abaladas.

Conforme esclarece Souza Neto: “O conceito de atualização foi ganhando proeminência a partir dos anos 1960 e, principalmente, 1970,

paralelamente a um crescente desgaste do conceito de progresso desde o pós-guerra” (Souza Neto, 2020).

Entende-se que o presente é um segmento melhorado do passado, e o futuro um “presente 2.0”. As mudanças são subseqüentes, mas trata-se de atualizações do momento anterior, gerando assim uma sensação de novidade que não é tão diferente do que viria antes. Compreendem que a modernidade seria “uma época centrada na produção e circulação de informação, ao mesmo tempo, em que enfrenta uma crise generalizada dos critérios de legitimação das informações em geral” (Souza Neto, 2020).

O Tempo Presente parece estar caracterizado pela ausência de uma visão de futuro promissora, em um conceito moderno que associa progresso a sociedades mais racionais e tecnologicamente avançadas. Essa expectativa foi abalada pelas catástrofes ecológicas e pela crise dos modelos econômicos e sociais, que comprometem a ideia de um avanço linear e contínuo.

A partir de outro ponto de vista, mas também visando compreender nossa temporalidade, Rodrigo Turin expandiu a proposta dos “regimes de historicidade” e do “presentismo”, chegando a sugerir outro regime de historicidade, “hipoteticamente, chamarei aqui de regime de historicidade neoliberal” (Turin, 2019, p. 253). Apontando as contradições que este modelo econômico impõe ao cotidiano, afirmou que:

O processo violento que assistimos de resincronização desses diferentes tempos sob o novo tempo hegemônico, hiperacelerado e privatizado do neoliberalismo, representa não apenas o esvaziamento de outras possibilidades de experiência, como também o apagamento inédito de uma imaginação de futuro, condenando-nos a uma sucessão acelerada e desconectada de “agoras” (Turin, 2019, p. 268).

No artigo “A ‘catástrofe cósmica’ do presente: alguns desafios do antropoceno para a consciência histórica contemporânea” (2022), Turin relaciona a crise da temporalidade de nosso tempo ao Antropoceno. A percepção de um tempo em crise, que pode levar à destruição da própria história e causar a obsolescência do ser humano, permite imaginarmos um futuro a-histórico.

Nosso tempo estaria marcado por uma “catástrofe cósmica”, algo

que não vivemos anteriormente na história da humanidade, dada a possibilidade de uma mudança climática tão drástica no planeta que comprometeria sua habitabilidade.

“Habitabilidade” refere-se aqui à vida em geral e, de modo mais específico, à vida multicelular, complexa - e não apenas dos humanos. Ela é, portanto, um termo técnico, seguindo protocolos científicos que determinam certos ciclos, níveis e dinâmicas necessários para a existência da vida na Terra” (Turin, 2020, p. 152).

Nesse sentido, a proposta para a sobrevivência da humanidade e de outras formas de vida complexa, seria a criação de uma governança planetária capaz de estabelecer diálogos entre humanos e não humanos, reconhecendo a natureza como sujeito de direitos que, como sentimos, está cobrando seu preço (Turin, 2020). Ele propõe a necessidade da criação de cronopolíticas, de modo a compreender as demandas do tempo além das fronteiras entre humanos e não-humanos.

Constato que, a partir de uma perspectiva latino-americana, o momento presente é percebido como marcado pelas heranças da colonialidade e por uma modernidade em crise, na qual as relações entre passado, presente e futuro são reconfiguradas. Essa dinâmica gera a sensação de um “presente que não passa”, atravessado pela nostalgia e pela busca pela recuperação de memórias de identidades oprimidas ou imaginadas. Além disso, observa-se a sincronização do tempo neoliberal, que impõe a colonialidade do tempo e o atualismo — um presente repleto de novidades, mas essencialmente imutável. Esse cenário evidencia a ausência de um horizonte de expectativas e a consequente crise na capacidade de imaginar futuros.

Com isso há a obsolescência das narrativas tradicionais de progresso, revelando a urgência de se repensar a temporalidade em um contexto marcado pela aceleração, pela fragmentação e pela crise. Us pensadores contemporâneos apontam para a necessidade de construir novas narrativas que dialoguem com as complexidades do presente e ofereçam perspectivas para o futuro.

Na contramão dos projetos de genocídio, etnocídio e ecocídio que estamos vivendo, umas das soluções propostas é a necessidade de se recorrer às memórias e ao conhecimento ancestral dos povos subalternizados para podermos construir outros mundos possíveis, nos quais “prevaleça a cultura da vida e a

relação de interdependência entre os seres vivos e a natureza” (Dulci, 2021a, p. 295).

Portanto, considero que tanto a HTP quanto outras perspectivas interdisciplinares oferecem um panorama relevante para a análise da FC latino-americana contemporânea. Isso se deve ao fato de que essa produção literária questiona frequentemente as sociedades atuais e propõe narrativas que divergem da modernidade ocidental, ao buscar o resgate (ou a criação) de outras cosmovisões que possibilitem novos imaginários sobre o futuro. Para dar visibilidade a narrativas que apresentem formas alternativas de se relacionar com o tempo, torna-se essencial compreender os conhecimentos existentes sobre temporalidades múltiplas em nosso território. A seguir, exploro esse aspecto por meio de debates filosóficos, sociológicos e históricos contemporâneos.

2.2 ANÁLISE DE NARRATIVAS QUE EXPLORAM TEMPORALIDADES DISTINTAS E NÃO LINEARES

A pensadora Silvia Rivera Cusicanqui nos brinda com dois conceitos de origem *Aymara* que permitem uma compreensão mais complexa a respeito das temporalidades e identidades que atravessam a América Latina. O primeiro conceito, *Ch'ixi*, descreve uma mistura de elementos distintos que coexistem, mas sem se fundirem. Cusicanqui o resgata para referir-se às realidades latino-americanas, inspirada no pensamento de René Zavaleta e no conceito de *abigarrado*, que fala sobre a coexistência de elementos distintos em um mesmo espaço, como, por exemplo, uma pedra de granito, que olhando de longe parece um tom de cinza único, mas ao nos aproximarmos o suficiente, notamos que é composto por nuances de cinza, preto, branco...

Logo, ao longe parece homogêneo, mas não o é. Essa mescla representa a convivência de temporalidades, culturas e realidades diversas, destacando a heterogeneidade presente na região, onde elementos modernos, como o capitalismo e a tecnologia, coexistem com estruturas e práticas pré-coloniais, como a ancestralidade dos povos e suas relações comunitárias.

O segundo conceito interessante que a pensadora resgata é o de *Qhipnayra*, também de origem *Aymara*. Ele se refere a um presente que é dialético, que conecta o passado e o futuro. Essa temporalidade transporta as heranças e

memórias enquanto também projeta as possibilidades para o futuro, sendo uma forma de compreensão do tempo que rompe com a linearidade temporal.

Considerando que iniciarei em breve a análise dos contos, esses conceitos nos auxiliam a refletir sobre como as narrativas contemporâneas de FC, especialmente as presentes em “El tercer mundo después del sol (...)”, expressam movimentos de ruptura com as narrativas hegemônicas a partir das cosmovisões latinas. As obras atuais se destacam ao explorar a complexidade temporal do presente, desafiando a noção de tempo linear que, embora tenha sido central na modernidade ocidental, também se encontra em crise. A flecha que antes apontava para a utopia agora tende à distopia.

Ao utilizar estratégias narrativas e agregar conhecimentos autóctones ou marginalizados, as obras de FC exploram outras conexões entre o passado, o presente e o futuro, permitindo assim a construção de um novo imaginário para enfrentar as crises atuais. Tais narrativas também ecoam os debates propostos pela HTP, considerando a aceleração, a fragmentação e a crise das narrativas do progresso, bem como propondo outras formas de compreender a experiência temporal.

La conquista mágica de América”, Baradit reimagina o passado ao retratar a colonização como uma disputa pelo controle da magia, possibilitando uma releitura do passado colonial em diálogo com os saberes ancestrais e com tecnologias que permitem a conexão com as Deidades. Essa abordagem se alinha à crítica da HTP à visão ocidental de progresso, que subordina as culturas indígenas a uma narrativa linear de desenvolvimento. Adiante, aprofundarei a análise do conto de Baradit. Já em “La sincronía del tacto” e “Les Pi’yenautas”, as temporalidades se entrelaçam, permitindo que passado, presente e futuro se articulem de maneira distinta, oferecendo outra compreensão da realidade.

2.2.1 Entre a Ancestralidade e o Futuro em “Les Pi’yenautas” e “La sincronía del tacto”

Os contos se destacam por abordar múltiplas temporalidades e as conexões entre a ancestralidade e ciência e tecnologia, estabelecendo, assim, diálogos interessantes com os conceitos de *Qhipnayra* e as ideias Contracoloniais e de pensadores da HTP.

Em “Les Pi’yemnautas”, Mira-Echeverría constrói uma narrativa que entrelaça a cosmogonia indígena dos Toba-Qom, do norte da Argentina, com a alta tecnologia espacial, criando um universo onde saberes ancestrais e avanços científicos coexistem e se reconfiguram. Ela faz isso a partir dos gêmeos Mañik e Lawaka, criados pela curandeira da vila, *la vieja*, que também é uma das melhores astrônomas da América do Sul. A história se passa em um futuro indeterminado, e que ainda assim carrega em seu relato, a marginalidade dos povos indígenas e o preconceito de gênero. A trama explora temas como identidade de gênero, ancestralidade e a busca por conhecimento e conexão espiritual.

Mañik nasceu em um corpo masculino, no entanto, não é um homem, *la vieja* o ensina a ter orgulho de quem ele é, tanto de sua origem indígena, como de sua identidade de gênero e sexualidade. Assim, a jornada da personagem transcende os mistérios do centro da galáxia, concentrando-se na compreensão de sua própria existência para além do binário, como vemos a seguir:

—Orgullo es su nombre —había susurrado la anciana en su oído—, porque los árboles nunca sienten vergüenza de ser árboles, ni el río se arrepiente de ser río, ni el jaguar reniega de haber nacido jaguar. Y así, m’hijo, usted tiene que estar igual de orgulloso de ser quien es... siempre

Y Mañik escuchaba de nuevo a la vieja en su mente y sentía que podía ser lo que quisiera: un toba, un «dos espíritus», un astronauta.

O, mejor aún: un qom, una cudina, un pi’yemnauta. (Mira-Echeverría, 2021, p. 92)

A essência do gênero de Mañik é o que permite sua viagem por entre as estrelas, já que o espaço seria venenoso para os homens e apenas as mulheres poderiam viajar pelas estrelas, pois era de lá que elas viriam: “(...) Que los varones sufrían el veneno que hay entre las estrellas y que, por eso, su hermano podría acompañarla. Porque él era una cudina, un hombre-mujer” (Mira-Echeverría, 2021, p. 92)

Acredito que houve uma pesquisa antropológica a respeito da cosmogonia do povo Toba-Qom para a elaboração do conto. Os nomes Mañik e Lawaka, significam Ñandu e Viento Bueno, respectivamente, aquele que atravessou as estrelas pela guiança dos espíritos e dos bons ventos. No artigo de Cecilia Paula Gómez, “Notas para una cartografía oral del cielo entre los tobas del oeste

formoseño” (2017), a autora fala a respeito da etnoastronomia desse povo, sua relação com o céu, a via láctea e como isso influi em suas cosmovisões e organização social e de gênero. Isso vai de encontro com as diversas referências que Mira-Echeverría traz para o conto.

A escrita de Mira-Echeverría vai além de uma narrativa descritiva, ela nos transporta para o mundo das subjetividades de suas personagens, com diversas metáforas que conferem a leitura um momento poético e imaginativo, diferindo-se assim de parte da produção atual argentina, frequentemente permeada por cenários distópicos e desesperançosos, reflexo da última ditadura militar argentina e das crises econômicas e sociais subsequentes que aconteceram neste país. O trecho a seguir exemplifica essa tendência pessimista motivada pelo agravamento do neoliberalismo na região:

La situación distópica hegemónica, por lo tanto, deja de ser el totalitarismo de estirpe fascista/comunista y pasa a ser la entronización del capitalismo extremo. Esta tendencia narrativa ha perdurado hasta la actualidad, pese a la presente existencia de un modelo social posliberal, debido a la perduración en el imaginario colectivo (y, también, en la macroeconomía nacional) de las estructuras de pensamiento del período neoliberal” (Abraham, 2020, p. 117).

Embora não seja possível atribuir ao conto um título completo de utopia, percebe-se a presença de uma mistura entre expectativas positivas em relação ao futuro e a realidade de uma sociedade desigual. A periferia da qual as jovens protagonistas provêm é marcada pela precariedade, pobreza e preconceito, além de conter diversas referências às crises climáticas, como o calor anormal, as secas e a contaminação das águas. Esses elementos, embora não sejam o foco central da trama, estão integrados ao seu desenvolvimento.

Da mesma forma, por mais que exista o conflito sobre a identidade de gênero de Mañik, não se coloca em primeiro plano as possíveis violências que o mesmo pode ter sofrido, ainda que seu sofrimento faça parte da história. Tampouco a tecnologia presente nesse mundo é responsável pelo caos que nele possa existir, mas bem como instrumento de ampliação de horizontes para a humanidade e para as irmãs. O eixo central do conto é o amor fraterno. Trata-se de uma narrativa complexa, na qual é possível encontrar a mistura entre utopia e distopia que tratei anteriormente.

Tornar-se astronauta assume um significado distinto para cada ume: para Mañik, é uma busca por sua identidade; para Lawaka, uma forma de escapar da precariedade de sua terra natal. Em ambos os casos, há um desejo comum de serem reconhecidas por quem realmente são e de contribuir para o desenvolvimento científico da humanidade. O dispositivo que os transporta pela galáxia não é exatamente uma nave espacial, mas sim os *Dobladores de espacio*, que os enviam ao cosmos, que, ao que se pode compreender, se manifesta de acordo com suas próprias subjetividades.

Lawaka é enviada a um mundo estranho, em meio a um bosque de céu cinza, ao redor de troncos de algo que lembram árvores, arbustos e uma constante chuva de pétalas vermelhas. Ela se vê caminhando por esse mundo com um traje espacial antigo. Paralelamente, Mañik ao concentrar-se em seu desejo de provar que o céu não seria venenoso para si, é transportada até o centro da galáxia, onde contempla com assombro o massivo buraco negro que deforma o universo ao seu redor.

Ambos já haviam refletido sobre as consequências de aproximarem-se tanto de um buraco negro. A distorção provocada os levaria a ter outra experiência com o tempo, envelhecendo muito mais devagar e com a possibilidade de não poderem voltar. Após uma série de acontecimentos caóticos decorrentes da aproximação da anomalia e, graças à sua irmã Lawaka (*viento bueno*), Mañik consegue sair de dentro do buraco negro. Confira esse momento:

Por alguna razón comprendió que ella era la fuente del viento y que su hermano debía correr hacia el cielo si quería salvarse de ese mar de fuego herbáceo.

Estiró los brazos hacia él y las ondas de viento y tormenta se dirigieron hacia donde estaba su hermano. Apenas logró ver cómo Mañik ascendía hacia lo alto, dejando un rastro de estrellas detrás suyo. Una miríada de puntos que brillaban como cristales rotos o diamantes molidos. Luego, volvió a la realidad, a la escotilla del dispositivo, a la plataforma de lanzamiento en la Academia en la cara oculta de la Luna (Mira-Echeverría, 2021, p. 102).

Quando enfim retorna à Terra, reencontra sua irmã que tem a aparência ora de uma anciã, ora de uma criança, ora de quando eles partiram, recém-saídos da adolescência. A volta de Lakawa havia levado 3 meses e a de Mañik, 50 anos, ainda que a sensação era de que haviam passado poucos minutos.

Os dados coletados por Mañik possibilitaram viagens por toda a galáxia, levando elu e Lawaka a serem celebrades como heróis da humanidade.

A experiência de aproximar-se tanto do centro da galáxia fez com que Mañik incorporasse sua consciência à ruptura do espaço-tempo causada pelo *agujero negro* - agora elu falava com os espíritos - estava em todos os lugares e em todos os tempos, sendo por isso capaz de distorcer a realidade e o tempo ao seu redor. Como é possível identificar nesse trecho:

Lakawa se encontraba sentada al otro lado del cuarto. Por momentos parecía una anciana de mil años, por momentos una niña pequeña. A veces era la Lakawa que Mañik recordaba: joven, casi adolescente, pidiéndole que se quedaran al borde del río aquella noche. Esa última noche perfecta.

Pero Mañik sabía que no era Lakawa quien envejecía o rejuvenecía a voluntad, sino que era él mismo quien hacía que ella saltara en el tiempo adelante y atrás sin control. (Mira-Echeverría, 2021, p. 103).

A partir da sabedoria apreendida, Mañik obtém outra percepção sobre a existência. Assim encerra-se a narrativa, de forma profundamente sensível, em que o conflito da identidade de gênero de Mañik é solucionado por sua capacidade de alterar o tempo e espaço ao seu redor.

O desfecho da narrativa pode ser conectado ao conceito de Qhipnayra, que compreende a temporalidade presente como dinâmica e interligada, possibilitando sua articulação com passado e futuro. Essa leitura do tempo carrega consigo heranças e memórias, ao mesmo tempo em que abre espaço para novas possibilidades, rompendo com a concepção tradicional de uma temporalidade linear, Mañik torna-se algo além dessa temporalidade, como é possível observar nesse trecho: “Sin dudas aquel era su hermanito de hacía cincuenta años atrás, pero dentro de él había algo que no tenía edad, algo sabio y eterno” (Mira-Echeverría, 2021, p. 104).

O texto, enfim, destaca as cosmogonias indígenas como aliadas da tecnologia, evidenciando temporalidades híbridas por meio da experiência de Mañik, que, após ser transformade pelo buraco negro, passa a transitar entre passado, presente e futuro, assim como entre múltiplos tempos e espaços.

“Les Pi’yemnavutas” aborda temáticas populares na FC, como a exploração do espaço e a viagem no tempo, ressignificando-a a partir da cosmogonia indígena, que possui outras formas de se relacionar com o tempo, seja

através de sua circularidade, ou como nesse caso, com o embaralhamento dos tempos.

Já “La sincronía del tacto”, provavelmente um dos textos mais poéticos da coletânea, conta a história da protagonista e narradora (que não tem um nome próprio) que, juntamente a seu amigo Ekar e sua amiga Claudia, encontram uma nova espécie de flor no meio dos bosques da região de *San Agustín*, no México. Tal flor é primeiro encontrada por Ekar, que convida a protagonista para descobrirem mais sobre ela, tanto por estar se formando bióloga, quanto pelo estranho chamado que ele teve ao encontrar a dita florzinha.

O “triângulo amistoso” formado pelos protagonistas tem início com um relacionamento amoroso entre a narradora e Ekar, que “não deu certo” nos moldes do amor romântico, mas evoluiu para uma amizade de profunda conexão e afinidade, semelhante ao vínculo que se desenvolveu com Claudia. Ao longo do conto, o afeto entre as personagens assume um papel central para a compreensão da narrativa, pois a flor que encontram não é apenas uma nova espécie, mas também uma planta enteógena, isto é, capaz de promover uma conexão com o divino. Veja o trecho do primeiro encontro delas com a flor:

[...] Sus pétalos se oxidaban, se notaba que la había cortado hacía ya varias horas. Aun así, noté su coloración de madreperla cruzada por finas vetas de un azul eléctrico.

—Huele —me sugirió. Aspiré. Tenía un olor complejo, múltiple. Olfateé hasta estornudar. Pensé en los perfumes lujosos hechos con estratos de olores, con distintas notas. Pero esos aromas suelen percibirse de forma sucesiva, mientras que el espíritu de la flor era, por así decirlo, simultáneo: a vainilla y a polvo, a musgo, arena y almizcle, al húmedo interior de una cueva, a sal y a sangre.

—Huele a...

—Dilo. —No tiene sentido. —La pasé a Claudia y aspiró. En su expresión de asombro encontré lo que quería decir—. Huele a tiempo (Miravete, 2021, p. 50).

A ação promovida pela planta, que denominam “marea”, faz com que experimentem a percepção do tempo, mas não só o tempo humano, como o tempo das árvores, das rochas, do mar, das estrelas, etc. E isso se intensifica quando as personagens se tocam. Isto é, através do tato, elas conseguem ter outra compreensão do tempo. Ao entrelaçarem as mãos, elas conseguem sincronizar sua percepção do tempo, alcançando uma compreensão muito mais ampla do que aquela possível à experiência humana, especialmente dentro da concepção moderna. Provavelmente o trecho que descreve o tato na percepção da

temporalidade é o que considero mais poético da obra: “Los estreché muy fuerte y me llevé sus manos al pecho, y me percaté de que la función evolutiva más sofisticada de las manos no es manipular una herramienta, sino lograr entrelazarse con las de otros” (Miravete, 2021, p. 55). Mais uma vez, observa-se uma relação multitemporal, que também pode ser associada ao conceito de Qhipnayra.

A narrativa não trata apenas de amizade e uma nova planta sagrada, aborda também temas como sexualidade, juventude, machismo, violência policial, uso sagrado e recreativo de substâncias, conservadorismo acadêmico e mudanças climáticas, sendo o único conto que de alguma maneira fala sobre isolamento social devido às doenças.

Por essa característica, como já mencionado, me pareceu que versava sobre o período de isolamento da pandemia de Covid-19, por falar de um evento semelhante. Porém, a coletânea foi pensada em 2018 e a sua publicação em 2021, sendo, portanto, pouco provável que Miravete tivesse se baseado na pandemia. É provável ler essa passagem como tendo um tom profético.

Em “La sincronía del Tacto”, é possível reconhecer elementos como a conexão interespecies como uma chave para a criação de futuros habitáveis. Tal ideia é encontrada no pensamento de pensadores como Haraway, Krenak e Turin, como cito a seguir.

Donna Haraway (2023), observa a FC como uma ferramenta importante para o exercício imaginativo de alternativas para se “viver e morrer bem no Chthuluceno”, que seria o nosso presente, marcado por severas crises, pelo Antropoceno, o Capitaloceno e o *Plantationoceno* (Haraway, 2016).

A FC atuaria como uma ponte, uma prática e um processo, sendo o espaço da fabulação, da especulação, da imaginação, se entrelaçando ao feminismo especulativo e ao fato científico. Funcionando como um “método de rastreio para seguir um fio no escuro, em um encontro de aventuras real e perigoso onde quem vive e quem morre (e de que maneiras) pode tornar-se mais nítido para o cultivo da justiça multiespécie” (Haraway, 2016, p.15).

Essa narrativa multiespécie que ela propõe como uma oportunidade de criação de refúgios num mundo em degradação é a centralidade do último capítulo da obra, que é um exercício especulativo feito coletivamente que imagina 5

gerações de Camilles, um ser simbiote¹⁴ de humano com a mariposa monarca que busca alternativas de vida e morte dignas em um mundo atravessado por extinções.

A noção de parentesco multiespécie, desafia o paradigma antropocêntrico ao enfatizar a coevolução e interdependência entre humanos e outras formas de vida. Em vez de colocar os humanos no centro de tudo, a proposta é pensar num grande emaranhado de vida, onde plantas, animais, fungos e até microrganismos coevoluem e se influenciam o tempo todo.

A ideia aqui é simples, mas profunda: a gente não existe sozinho, somos compostos. A existência não se dá em isolamento, mas em um processo contínuo de troca e transformação, que exige práticas de cuidado, reciprocidade e corresponsabilidade. Viver bem não é sobre dominar ou explorar, mas sobre colaborar e cultivar, incentivando modos de habitar o mundo que reconheçam e valorizem a interdependência entre espécies (Sbardelotto, 2024).

Em “La sincronía del Tacto”, a relação multiespécie que surge entre as personagens e a flor é chave para a criação de espaços de refúgio em um contexto de crise, estabelecendo conexões entre o ancestral do universo e a ciência e vivência humana. Ao explorar um cenário de isolamento provocado pelas mudanças climáticas, Miravete expõe a lógica neoliberal de um tempo acelerado e fragmentado, propondo, como alternativa a aliança multiespécies, a reconexão com os ritmos naturais e os laços comunitários. Observe esse trecho, já no final do conto, que fala sobre a relação entre tudo que existe e pode nos reconectar com o essencial:

Entonces lo recordé, y me pareció muy claro lo que eso implicaba: dos partículas, por muy lejos en el tiempo y el espacio que estén, pueden afectarse la una a la otra de forma simultánea, sincrónica. Y si todo está conectado, ¿no podríamos alcanzarnos, afectarnos, tocarnos los unos a los otros? ¿Tener la certeza, incluso ante la propia muerte, de que no hay soledad posible? (Miravete, 2021, p. 63).

¹⁴ O que vive em simbiose, seres de espécies diferentes que vivem conjuntamente para a sobrevivência/existência. Um exemplo de vida simbiote são os líquens, compostos da relação mutualística entre fungos e bactérias ou algas.

Ailton Krenak, ao afirmar “Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver” (Krenak, 2020b, p.16), propõe uma mudança de paradigma, sugerindo que deixemos de priorizar o desenvolvimento capitalista — pautado em tecnologia, economia e mercado — para nos envolvermos mais enquanto seres humanos integrados à natureza.

Além disso, também é possível reconhecer nos contos a proposta de Turin (2020), segundo a qual a sobrevivência da humanidade depende do estabelecimento de diálogos entre humanos e não humanos, bem como de uma maior interlocução com povos historicamente oprimidos, que já vivenciaram outros “fins de mundo” e conseguiram resistir. Esse diálogo é plenamente representado em “Les Pi’yemnavtas”.

Constato que ambos os contos estabelecem diálogos significativos, não apenas por serem exemplares representativos da FC latino-americana do século XXI, mas também por realizarem críticas sociais relevantes à realidade histórica em que foram concebidos e por incorporarem identidades provenientes de cosmologias complexas. Além disso, eles rompem com narrativas hegemônicas ao mesclarem ciência e ancestralidade, tecnologia e espiritualidade, recusando a dicotomia característica do pensamento moderno. Pelo contrário, é justamente essa fusão que possibilita a criação de novas realidades.

O centro da galáxia não seria descoberto se não fosse a irmandade de Lawaka e Mañik, sua ancestralidade Toba-Qom e a não conformidade de gênero de Mañik, assim como as propriedades botânicas de “La providencia” não seriam descobertas sem a fraternidade e intuição da protagonista e seus amigos.

Ao construir as narrativas a partir de perspectivas locais e saberes marginalizados ou esquecidos, os textos reimaginam futuros, se alinhando, portanto, com a proposta de contracolonização do imaginário, que se desenvolve ao longo da dissertação. As histórias, além de resgatarem esses conhecimentos, também desafiam a ideia linear do tempo moderno baseada no progresso e propõem outras formas de coexistência entre humanas e não-humanas.

Logo, observo que são ótimos exemplos de como a FC latino-americana tem utilizado as sabedorias de sua região, em confluência com os afetos e múltiplas temporalidades, para criar narrativas transformadoras. Eles oferecem um contraponto ao presente imerso em crises, hiper acelerado e desigual.

2.3 A PANDEMIA E O PRESENTE SUSPENSO

A pandemia de Covid-19 foi um dos eventos mais marcantes da nossa era. Possivelmente resultado do agravamento das mudanças climáticas e dos padrões de consumo que favorecem o surgimento de novos vírus e bactérias, embora tenha sido um período profundamente traumático, não foi completamente inesperado. No entanto, devido ao isolamento social adotado para conter a disseminação do vírus, ocorreu uma transformação em nossa percepção do tempo.

O livro “História das Epidemias” (2020), de Stefan C. Ujvari, se constata que história da humanidade é marcada pelas epidemias, sendo muitas vezes eventos importantes para mudanças no curso dos acontecimentos gerais. Fazendo um rastreamento cronológico das epidemias desde a Grécia antiga, o autor investiga como a humanidade lidou com cada momento de calamidade médica, as possíveis origens dessas doenças e traça um paralelo com a pandemia do Covid-19. Ao longo do tempo, diversas doenças se originaram do contato humano com outros animais, domésticos ou selvagens e não é nova a mortandade de populações por microrganismos em todos os continentes.

A compreensão desse tipo de contaminação ampliou nosso entendimento sobre a disseminação de doenças, permitindo que, ao ser descoberto o Covid-19, fossem planejadas ações para desacelerar o contágio, como o isolamento social, estratégia mais amplamente adotada na América Latina. A sensação gerada por esse evento foi a de que “o mundo parou em 2020”, marcando a percepção de que nada voltaria a ser como antes.

Esse período tem sido percebido como um evento epocal sem precedentes, em que observamos tamanha singularidade e, ao mesmo tempo, a complexidade de experiências nunca vividas por nós (Mudrovic, 2021). O impacto da crise sanitária gerou uma nova relação com o presente em função da vulnerabilidade biológica global.

Esse impacto, para Mudrovic, foi tão significativo que vivenciamos aquilo que Chakrabarty considerava impossível: a identificação enquanto espécie. Diante da pandemia, a humanidade foi privada de um de seus pilares fundamentais — a vida em comunidade — para priorizar outro ainda mais essencial: a luta pela

sobrevivência. Essa experiência representou uma compreensão biológica e social singular na história moderna. Krenak (2020) também nos fala sobre essa percepção: “Estamos sendo lembrados de que somos tão vulneráveis que, se cortarem nosso ar por alguns minutos, a gente morre” (p.11).

La pandemia organizó nuestra experiencia temporal del presente. En primer lugar, la experiencia se mostró como lo inefable y, aún hoy, su sentido carece de un nombre, de un concepto. Experimentamos la pandemia como un “presente suspendido”, como un “in-between”, como un presente que transcurre entre, lo que en todo el mundo comenzó a llamar, la “vieja normalidad” (sea lo que sea que se entienda por ello) y la “nueva normalidad”. Es un “presente suspendido” entre algo que se añora y algo que se anticipa que no volverá a ser como antes (Mudrovic, 2021, p. 55).

Outro historiador que irá refletir a respeito da experiência temporal da pandemia de Covid-19 é Turin que, ao longo dos últimos anos, produziu diversos artigos sobre a temática, inclusive com ensaios e reflexões acerca da experiência temporal durante o período. Atualmente, ele desenvolve um projeto de pesquisa intitulado “História e Antropoceno: mudanças climáticas e historicidade na contemporaneidade”¹⁵.

O autor apresenta uma reflexão sobre a relação das múltiplas temporalidades, bem como teoriza acerca de uma “(des)temporização”. O “novo normal”, causado pelo isolamento, gerou a mescla entre o público e o privado, a suspensão do tempo cotidiano (“que dia é hoje?”), a aceleração das informações e uso das redes, a confusão sobre real/virtual e a expectativa sobre um futuro, ou a ausência dele, com essa nova experiência temporal (Turin, 2022ab).

A noção de presente ficou suspensa e nossas percepções sobre o futuro sofreram uma nova quebra das propostas progressistas que o imaginavam como melhor, nos colocando frente a uma possibilidade de futuro a-histórico por conta de pandemias e demais colapsos ambientais. Como apontado nas análises do Tempo Presente, a crise temporal tornou-se ainda mais crítica.

¹⁵ Em seu currículo Lattes, Turin descreve em que consiste tal projeto de pesquisa: “O projeto se propõe investigar os efeitos e os desafios que a crise climática e os debates acerca do Antropoceno trazem para a consciência histórica moderna e sua forma disciplinar. A partir de debates historiográficos e da investigação de conceitos contemporâneos, busca-se mapear as mudanças que tencionam o regime de historicidade moderno, abrindo novas possibilidades de temporalização e de historicização do mundo. Com isso, a pesquisa busca indicar em que medida esses novos conceitos permitem identificar a emergência e a disputa, diante das novas condições climáticas, de diferentes regimes potenciais de historicidade”. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5721938287561420>

Contudo, justamente por esse choque, se facilita a ruptura de visões antropocentristas, o que gera outras possibilidades para o mundo ocidental, visto que esse evento nos aproxima enquanto espécie e nos provoca a pensar em soluções conjuntamente. Soluções essas que apontam a uma aproximação e uma valorização de outras formas de ser e estar no mundo.

Essa visão a respeito de uma mudança de comportamento em relação ao planeta é compartilhada pelo infectologista e historiador de epidemias Ujvari. Seu livro a respeito da história de tais enfermidades foi publicado em 2020, enquanto a pandemia encontrava-se em seu ápice. Nele o autor registra seu desejo a respeito do futuro:

A covid-19 mostrou como somos vulneráveis e impotentes. E, após acalmar a sua tormenta, talvez as nações se unam em acordos internacionais para minimizar o risco de futuras epidemias semelhantes. Talvez nasçam novas condutas rumo a objetivos de um desenvolvimento sustentável do planeta. (Ujvari, 2020, p.126)

Logo, observo que o período da pandemia gerou um “presente suspenso”, pois não havia uma expectativa concreta de quando se encerraria o período, superado enquanto estado de emergência, segundo Organização Mundial da Saúde, apenas em maio de 2023. Durante a crise sanitária, há a estimativa de ao menos 20 milhões de mortos no mundo todo (Afp, 2023).

Com o advento da pandemia de Covid-19, Krenak participou de lives e entrevistas no Brasil e demais países do mundo, apresentando suas perspectivas a respeito daquele contexto. Tais conversas foram convertidas em 3 livros: “O Amanhã Não Está à Venda” (2020); “A Vida Não é Útil” (2020b) e “Futuro Ancestral” (2022).

Nestas obras ele nos presenteia com ideias sobre nosso tempo que, tanto nos despertam para a realidade predatória do momento em que vivemos, quanto nos mostra haver horizontes para sairmos desse estado de destruição da natureza e de nossa própria humanidade. O alcance de seus conhecimentos lhe conferiu o título de Imortal na Academia Brasileira de Letras (2024).

Outra obra que considero importante para refletir sobre o período é “A terra dá, a terra quer” (2023), de Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo, que foi um importante líder quilombola da região do Piauí. Neste livro ele nos apresenta o modo de vida e as práticas dos quilombos como espaços de

ruptura do modelo colonial que sobrevive em nosso tempo. O Contracolonial, proposto por Nego Bispo, afasta-se da perspectiva decolonial, que para o mesmo trata-se de uma depressão do colonial¹⁶, num sentido que o decolonial, muitas vezes, reproduz, internaliza ou dica preso às estruturas e traumas do colonialismo, em vez de efetivamente romper e propor outros modos de ser.

Enquanto o mundo urbano, moderno e tecnológico enfrentou isolamento social, trabalho remoto e uma desconexão com o tempo, o mundo ancestral, frequentemente considerado não desenvolvido, lidou com a situação de maneira comunitária. Seus modos de vida, que naturalmente evitam aglomerações e mantêm um contato direto com a natureza, demonstraram uma abordagem distinta e resiliente frente à pandemia. De acordo com Nego Bispo:

No começo da pandemia de Covid-19, alguns setores da sociedade fizeram alarde: “Os quilombolas vão morrer, os indígenas vão morrer, eles vão morrer primeiro porque são os mais fragilizados”. Inventaram que somos os mais fragilizados. Estou num quilombo que tem mais de cem famílias e estamos a cinco quilômetros da cidade. Os quilombos não têm grandes aglomerações. Moramos distanciados, nos visitamos, mas não em grande quantidade de pessoas. Vamos para a roça todos os dias. Lá, somos nós e a mata. Aqui, fazemos autogestão (Santos, 2023, p. 29-30).

Aqui, Nego Bispo nos conta dos recursos que sua comunidade encontrou em seu próprio modo de vida, de responder à crise pandêmica. Nesse mesmo sentido, podemos ler o relato de Ailton Krenak. Ele conta que após o primeiro mês da quarentena em 2020, a comunidade dele, que já vivia em isolamento devido à demarcação de um território insuficiente para seus modos de vida, experimentou uma situação distinta durante a pandemia, diferente da vivida pelas pessoas nas cidades. “Como posso explicar para uma pessoa que está fechada há um mês num apartamento numa grande metrópole o que é o meu isolamento? Desculpem dizer isso, mas hoje já plantei milho, já plantei árvore...” (Krenak, 2020, p. 78). Isto é, um isolamento que permitia que as pessoas saíssem de dentro de suas casas e tivessem acesso a espaços abertos naturais.

¹⁶A partir da leitura de Nego Bispo, Ailton Krenak e Geni Núñez, concluí que as perspectivas decoloniais — que, desde a elaboração do projeto de mestrado, eu pretendia comparar à FC latino-americana presente na coletânea em análise — não seriam suficientes. Em vez disso, as ideias hiper contemporâneas trazidas por eses pensadores, assim como por outros alinhados ao que reconheço como a proposta Contracolonial, revelam-se muito mais fecundas para o debate.

O isolamento social causou um enorme impacto em nossa percepção temporal e no nosso reconhecimento enquanto espécie. Porém, isso somado à falta de acesso a espaços naturais trouxe outro problema, uma pandemia de saúde mental, com índices alarmantes de transtornos como depressão e ansiedade. Há uma bibliografia já muito estabelecida na comunidade científica de que tais índices de adoecimento mental poderiam ser atenuados com um maior contato com a natureza (Chagas, Monteiro-Alves, 2021).

Por fim, vivemos alguns anos com essa sensação de um “presente que não passa”, com a alta mortalidade causada pela doença, o adoecimento mental e emocional consequentes do isolamento. Vivemos um período angustiante. Entre a negação, o adoecimento e a realidade, muitos passaram a buscar narrativas alternativas diante de um presente suspenso e um futuro incerto. As ideias contracoloniais de Krenak e Bispo, assim como a FC, encontram-se nesse território de experimentações que buscam criar outras narrativas sobre nossas realidades.

2.3.1 O impacto da pandemia de Covid-19 na percepção do tempo e nas narrativas de FC

Mesmo as previsões da FC produzidas até então não haviam imaginado a realidade que enfrentamos nos anos de isolamento social, como diz Mudrovcic, “En fin, si repasamos todos los pronósticos y expectativas, y recorreremos toda la literatura a disposición, no encontraremos ninguna anticipación de la aparición y diseminación planetaria del virus COVID-19 que tuvo lugar durante el 2020” (Mudrovcic, 2021, p. 54). Com isso, chega-se à conclusão de que esse evento sem precedentes levou à queda de argumentos que colocam os seres humanos como superiores ao mundo natural, quebrando assim essa separação moderna entre a natureza e o social.

Apesar da sensação de termos vivido um período em moldes pós-apocalípticos, com o medo de sair de casa, o isolamento, as ruas e mercados vazios, as fábricas paradas, juntamente a crescente mortalidade ao redor do mundo, foi um período em que se parou para refletir sobre nossa ação no mundo. Isso sem considerar as trabalhadoras que muitas vezes não puderam optar pelo isolamento,

seja por terem seus serviços considerados essenciais no período, seja pela precariedade que forçosamente obrigou que muita gente seguisse trabalhando.

Em contraposição, nas grandes cidades o isolamento de boa parte da população levou a uma diminuição significativa da poluição ambiental, os rios e o ar ficaram mais limpos, assim como as cidades se tornaram um pouco mais silenciosas. Essa diminuição do movimento humano fez com que animais, antes acuados, caminhassem pelas ruas e pudéssemos observar noites mais estreladas, já que não havia tantos poluentes (Guimarães, 2020). A realidade se mostrou mais uma vez complexa em sua relação entre a utopia e a distopia.

Acredito que, diante da complexidade do período, com todas as suas contradições, mas principalmente devido à sensação de um presente suspenso e à desesperança em relação ao futuro, os movimentos que propõem repensar e reimaginar as narrativas encontraram um terreno fértil, alcançando um público ávido por essas novas perspectivas.

Isso se manifestou tanto nas palestras de Krenak durante a pandemia, com suas reflexões sobre adiar o fim do mundo, quanto na publicação da coletânea "El tercer mundo después del sol". No meio da escuridão, a luz se torna mais brilhante. Dessa forma, compreendo a popularização desses saberes como um reflexo da necessidade emergente de imaginar e construir outro futuro.

Mesmo em um presente suspenso, a aceleração que antecedeu a pandemia se manteve em nossas subjetividades e ao estarmos imersos em uma catástrofe biológica como a do Covid-19, acelerou-se a necessidade de repensarmos nossas relações com o tempo, o espaço e a natureza. Após esse período, parece possível constatar um aumento da popularidade das narrativas de FC que reflitam sobre nossa relação com a natureza e as mudanças climáticas, como o caso do *Cli-fi*, já que "A proliferação da ficção climática é bastante sintomática e a atenção que essa literatura tem recebido da mídia e da crítica também. Em um momento histórico marcado por contranarrativas ao aquecimento global, não poderia ser diferente" (Penteado, 2020, p. 2).

2.3.2 Discussão sobre solastalgia como elemento do presente em crise

No contexto atual, a convivência com as mudanças climáticas torna-se cada vez mais parte do cotidiano. Essas transformações, resultantes da intervenção humana no meio natural, alcançaram proporções tão drásticas que levaram a comunidade científica a nomear nossa era de diferentes formas, como Antropoceno, Capitaloceno ou Chthuluceno. O fato é que vivemos um período em que o clima se tornou ainda mais imprevisível, impulsionando importantes — embora possivelmente insuficientes — debates políticos em escala global, uma vez que a própria habitabilidade do planeta está em risco.

Em meio a esse presente que parece retirado de uma FC distópica, atravessado por uma crise temporal que se entrelaça às crises econômicas e sociais, à aceleração e ao esgotamento do neoliberalismo, encontrei, ao longo desta pesquisa, dois termos que considero fundamentais para ampliar a compreensão de nosso tempo: solastalgia e ecoansiedade.

Encontrei com esses termos em um texto de Miravete (2020) onde ela fala a respeito das Ficções Climáticas, conhecidas como *cli-fi*. A autora aborda como a FC tem sido um gênero ideal para imaginar cenários alternativos em tempos de crises e como e porque o *cli-fi* tem se mostrado bastante popular na segunda década do século XXI.

Ela acredita que a popularidade desse subgênero se deve ao que descreve como o nosso zeitgeist — o espírito do tempo, um conjunto de ideias, crenças, comportamentos e influências que definem uma determinada época. Para ilustrar essa noção, ela o compara a um *boggart*, criatura da literatura fantástica de Harry Potter, que assume a forma dos medos mais profundos de quem o enfrenta.

Cada época teria seu medo mais profundo — sem novidades em se temer um fim do mundo ou a um apocalipse — porém a mudança que teríamos em nosso tempo são as múltiplas, incessantes e sólidas evidências dos efeitos devastadores das mudanças climáticas.

As narrativas sobre o fim do mundo que havia antes tratavam geralmente de eventos repentinos e inesperados, como a colisão de um asteroide ou

uma invasão alienígena. Até mesmo a narrativa do apocalipse bíblico trata de um evento que quando se inicia tem um desdobramento rápido até o juízo final.

Algo diferente está acontecendo com as mudanças climáticas, elas apontam para um final, mas ele não é tão rápido, seria o que menciona Vandermeer (2015), ou seja, um apocalipse lento. Nosso presente suspenso numa ideia de fim próximo, mas num tempo indeterminado. Em meses? Anos? Décadas? Assim, observa-se o crescimento de narrativas com temáticas Cli-fi, impulsionadas por esses cenários desoladores. Veja-se o trecho a seguir:

In the contemporary artistic scene - especially in literature and cinema - the dystopian narratives of the future, under the strong threat of increasingly imminent catastrophes, have an increasingly ecoapocalyptic character in their planetary dimensions. In this context, emerges the subgenre called, in the media jargon of literary criticism and journalism, climate fiction, or in its summarized form, cli-fi (climate fiction). (Junqueira, 2021, p. 92)

A Solastalgia é um neologismo que descreve o desconforto psicológico causado pela percepção de alterações adversas no ambiente de convivência de um indivíduo. O termo foi cunhado em 2005 pelo filósofo Glenn Albrecht, quando trabalhava no departamento de Estudos Ambientais da Universidade de Newcastle, na Austrália (Academia, 2023). A palavra é uma junção dos termos em inglês "solace" (consolo) e "nostalgia", e também das palavras latinas "sōlācium" (conforto) e a raiz grega "-algia" (dor, sofrimento, pesar). Esse termo é adequado, pois descreve a experiência vivida de uma percepção negativa de mudanças ambientais.

Além disso, pode incluir a angústia experimentada quando o lugar que uma pessoa conhece e ama está sendo degradado ou alterado de forma extrema. Por exemplo, a solastalgia pode ser causada pela perda de ambientes naturais devido ao aquecimento climático, ou pela perda que os cidadãos sentem devido à transformação das cidades, pode ser entendida como um "luto ecológico", Vide o fragmento a seguir:

O luto ecológico é definido como o sofrimento relacionado a perdas ecológicas vivenciadas ou antecipadas, incluindo a perda de espécies, ecossistemas e paisagens significativas devido a mudanças ambientais agudas ou crônicas. Solastalgia, por sua vez, refere-se à dor ou angústia causada pela perda ou pela incapacidade

de encontrar consolo no estado negativamente percebido do ambiente doméstico. (Academia, 2024)

O termo, mesmo recente, vem sendo utilizado inclusive em áreas como a psicologia para descrever o sofrimento causado pelas mudanças ambientais como motivador de doenças mentais como a depressão e o suicídio. Inclusive “indivíduos que vivem em estreita conexão com a natureza, como povos indígenas ou agricultores, mostraram-se particularmente vulneráveis ao desenvolvimento de luto ecológico e solastalgia” (Academia, 2024)

Dessa forma, a solastalgia está mais relacionada com a angústia dos acontecimentos no presente, diferente da Ecoansiedade, que está associada ao que pode acontecer no futuro

[...] é a sensação crescente de medo, preocupação e angústia sobre as consequências futuras das mudanças climáticas e seus impactos iminentes, tanto no ambiente quanto na sociedade. Pode ser desencadeada por notícias sobre desastres naturais, extinção de espécies ou previsões sombrias sobre o futuro do clima (Academia, 2023).

Portanto, não tenho dúvidas de que, além de enfrentarmos as angústias impostas pela temporalidade neoliberal, muitos de nós — exceto os negacionistas climáticos — também lidam com os sentimentos de solastalgia e ecoansiedade. Essa percepção de um apocalipse lento, que gradualmente destrói nossos territórios e evidencia a dimensão global das mudanças, reforça a sensação de que não há para onde fugir. Assim, emerge uma angústia constante diante de um futuro cada vez mais incerto e da impossibilidade de escapar das consequências dessas transformações.

As obras de *cli-fi* muitas vezes são espaços pelos quais se podem expressar essas emoções diante de uma destruição em curso, bem como quizas, a partir desse exercício de especulação, criar novas formas de lidar com o problema, sendo uma ideia semelhante àquela proposta por Haraway, com a visão de “Ficar com o problema” e o Chthuluceno.

O conto “La sincronia del tacto” de Miravete pode ser lido como um exemplo do *cli-fi*. Com a descoberta de uma nova espécie botânica e o desenrolar da narrativa se apontam e denunciam o negacionismo científico frente às mudanças

climáticas, bem como a resistência de grupos interdisciplinares que buscam romper com uma academia tradicional de modo a encontrar soluções conjuntas para o colapso ambiental.

O desfecho da história é quase profético, pois aborda o isolamento social provocado por agentes patogênicos. No entanto, também carrega um tom de esperança, ao destacar a força das amizades e da *marea* de “la Providencia”, que possibilita a reconexão entre as pessoas, apesar da distância, conduzindo-as a uma nova compreensão do tempo e do universo. Além desse, há outros contos da coletânea que identifico como pertencentes ao *cli-fi*, os quais citarei a seguir, acompanhados de um breve resumo.

Um bom exemplo é o conto “El gran experimento”, do mexicano Alberto Chimal, que narra um plano orquestrado ao longo de eras, em que devido as drásticas mudanças climáticas, se criou um modo de manter as potências no poder, negando ou normalizando as tragédias, ao passo que, quando se impossibilita a negação, se inicia uma empreitada para a colonização dos polos, que com o aquecimento do planeta haviam se tornado áreas habitáveis.

Essa ocupação se dá nos moldes da colonização do continente americano, sob o signo do heroísmo, do triunfo... e com o extermínio das populações que já estavam lá e a exploração de mão de obra barata ou escravizada, de matérias-primas e com a utilização das máquinas, de modo a tornar o local pronto para ser habitado pelos “donos do poder”.

O autor descreve as demais nações como resilientes e pós-apocalípticas, desprovidas de recursos, cultura e história, imersas em sua ignorância e diante de um fim iminente. Enquanto isso, as cidades nos polos continuam poluindo, destruindo e contaminando, ao mesmo tempo, em que suas telas e outdoors insistem em projetar a ilusão de que a vida ainda é boa e aquele é o melhor lugar do mundo. O conto evidencia uma crítica contundente tanto ao sistema capitalista quanto à colonização, sinalizando de forma clara o Capitaloceno em curso e funcionando como um alerta para as possíveis consequências dos modelos atuais de governança global.

Em “Les Pi’Yemnautas”, como já observado, é possível ver elementos do *Cli-fi*, com a denúncia do aquecimento e da contaminação, ainda que não seja o eixo central da trama. Outro conto que conversa com o sub-gênero é “Un hombre em mi cama”, de Solange R. Pappe, do Equador. Nele se conta a história de uma jovem viciada em pastilhas para dormir e em observar homens adormecidos pelas redes sociais. Isso se passa em um futuro onde só se pode viver em ambientes fechados por conta do calor alucinante que levou a extinção de diversas espécies. Por sua vez, sua irmã, uma ativista ambiental, que acredita que não precisa comer e viver à base de suplementos, resolve casar-se com uma árvore e transportá-la para sua casa como maneira de a proteger. O conto flerta com o *new weird*, mas sem dúvidas, a crise climática é também central para a trama.

Assim, as narrativas *Cli-fi* contêm elementos do Antropoceno e do Capitaloceno se entrelaçando junto às críticas ao Neoliberalismo, talvez seja adequado reconhecer as narrativas de *Cli-fi* presentes na obra como resultado do Capitaloceno. Mais uma vez é possível constatar a FC latino-americana do momento presente como um espaço de denúncia, crítica e registro das angústias de nosso tempo.

CAPÍTULO 3: IDENTIDADES SUBALTERNAS E RESISTÊNCIA NA FICÇÃO CIENTÍFICA

3.1 REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADES MARGINALIZADAS

Diversidade é provavelmente a melhor palavra para utilizar quanto ao tema das identidades latino-americanas, ainda que se observe historicamente diversos projetos de apagamento e homogeneizadores, a região segue sendo um espaço onde múltiplas identidades e culturas convergem, misturam-se e inclusive se reinventam.

Antes mesmo da colonização, centenas de povos já habitavam o continente e estabeleciam entre si diversas formas de relação – algumas pacíficas, como o comércio, outras marcadas por conflitos, como as guerras. Não se pode reduzir o passado indígena apenas às sociedades que formaram impérios no período pré-colombiano, como os Incas e Astecas, nem assumir que suas culturas desapareceram. Muitos desses povos seguem resistindo até hoje, mantendo vivas suas tradições e reivindicando seus espaços. (Canclini, 2006).

Essa resistência não é protagonizada somente pelos povos autóctones categorizados por “índios” pelos colonizadores, mas também pelas pessoas que foram trazidas pela diáspora, a escravização africana, pertencentes a diversas etnias e homogeneizados como “negros”, bem como diversas pessoas vindas da Europa, nem sempre no papel de colonizadores, e que foram se estabelecendo nas periferias, generalizadas como “brancos” (Canclini, 2006).

Boa parte dos discursos de criação das identidades nacionais no século XX se baseou na ideia que nossos povos são compostos pela mistura entre essas três “etnias”. Isso não é necessariamente uma mentira, porém, é bastante simplista em relação à diversidade que compõem esses aglomerados, além de não considerar que muitas dessas “misturas” não foram pacíficas.

Assim como sugere o conceito de *Ch'ixi*, de Silvia Rivera Cusicanqui, a identidade latino-americana é formada por mesclas entre diferentes, não apenas em termos de múltiplas etnias, mas também atravessada por questões de classe social, gênero e sexualidade. Essa pluralidade tece uma complexa rede de

influências históricas, étnicas e sociais, moldada ao longo dos séculos pelo contato entre diversas línguas, tradições e formas de organização social. Com a globalização, a internet e os movimentos migratórios, essas conexões se intensificam, tornando a interculturalidade um traço fundamental das sociedades latino-americanas.

Outra compreensão mais abrangente das identidades pode ser encontrada na poética de Édouard Glissant, que, ao refletir sobre os processos identitários no Caribe, propõe o conceito de identidade rizomática. Nessa perspectiva, não existe cultura “única” ou “pura”, e os contatos entre diferentes culturas não resultam necessariamente no apagamento destas, mas sim em transformações imprevisíveis e expansivas, gerando novas expressões culturais.

Assim como uma raiz rizomática – que se estende em múltiplas direções, entrelaçando-se com outras – as identidades se constituem a partir de conexões e relações, em um processo contínuo de desdobramentos e reconfigurações (Glissant, 2005). Esse fenômeno pode ser ilustrado por plantas como o gengibre, o açafraão, as samambaias, as espadas-de-São-Jorge e as orquídeas, cujas raízes não seguem um eixo único, mas se expandem e se multiplicam de forma descentralizada.

Em diálogo com a identidade rizomática, o conceito de crioulização também se mostra essencial para essa discussão. Glissant define a crioulização como um processo dinâmico e imprevisível que ocorre a partir do encontro – harmonioso ou conflituoso – entre culturas distintas, resultando em novas formas culturais que não podem ser reduzidas às suas origens. Esse fenômeno não se restringe a um espaço geográfico específico, mas está presente no mundo inteiro, sendo um motor fundamental das transformações culturais. O contato entre culturas, portanto, é inevitável, mas não linear ou homogêneo; ele gera mesclas singulares que carregam a potência do Diverso – conceito central na obra de Glissant.

O Diverso não se refere apenas à coexistência de diferentes expressões culturais, mas à própria força da relação, que impulsiona a criação e o reconhecimento de identidades em constante movimento. Ele está ligado à ideia de “totalidade-mundo”, uma realidade em que as identidades se constroem na interação e na abertura ao outro. Em vez de uma utopia, essa multiplicidade é um traço essencial do mundo contemporâneo, no qual a riqueza das culturas se manifesta justamente em sua capacidade de se transformar sem perder a opacidade – ou seja,

sem a necessidade de serem completamente traduzidas ou reduzidas a um significado único (Glissant, 2005).

Em uma análise da coletânea, observa-se que a autoria dos contos é bastante diversa, abrangendo pessoas de diferentes gêneros e etnias. Ao longo da antologia, percebe-se que praticamente todas as personagens pertencem a grupos cujas identidades são historicamente marginalizadas. Seguindo a ordem dos contos, apresentarei um breve resumo de cada um e como representam identidades marginalizadas.

“La conquista mágica de América” conta a história da colonização do continente a partir de outra perspectiva, onde os povos que habitavam o território são além de muito inteligentes e providos de tecnologia astral, também dotados de ricas e complexas culturas, que não se anulam ao entrar em contato, mas se fortalecem do mesmo a fim de resistirem ao movimento de dominação. A obra exemplifica o conceito de criouliização ao representar os povos nativos como culturas resilientes e profundamente elaboradas.

No conto “Éxodo X”, o protagonista, um estadunidense, passa por um processo de “metamorfose” que o transforma em colombiano. Nesse universo distópico, tais modificações, muitas vezes involuntárias, resultam na necessidade de assumir plenamente a nova identidade adquirida. Curiosamente, em vez de resistir à transformação, o personagem se encanta com sua nova condição e embarca em uma busca apaixonada para incorporá-la por completo. Observe esse trecho:

Me busqué en Facebook y me encontré: Denis Contreras Isaacs. Estaba mi rostro sonriendo en un lugar que no había visto nunca, pero que por alguna razón se sentía familiar. Intenté hablar conmigo mismo, pero al parecer el Denis original ya se había ido. Probablemente convertido en alguien más (Barragán, 2021, p. 28)

O relato enfatiza o orgulho de ser colombiano e mestiço, contrastando essa valorização com a hegemonia do modelo branco. O autor parece, assim, criticar a ideia de identidades prontas, fixas e essencializadas que um pode assumir de acordo com seu contexto - no caso do conto, a metamorfose.

No terceiro conto, “El Gran Experimento”, já referido no debate sobre *cli-fi*, não há personagens específicas, mas são citados conflitos que poderíamos ler como genocídio e como consequência há o apagamento de identidades.

O quarto conto, “La sincronía del tacto”, também trabalhado no capítulo anterior, conta a história des três amigos, pertencentes a classe média-baixa, de gêneros diversos. O texto trata de como são afetados pelas estruturas de poder, como, por exemplo, a polícia ou a academia tradicional. Também trata da busca por uma pessoa capaz de orientar sobre a ancestralidade da planta descoberta por elus, entrando em contato com xamãs, curandeiros, entre outros mestries espirituais, conhecedories das tecnologias da consciência a partir das culturas pré-hispânicas. Essa busca pela ancestralidade e pela conexão com culturas indígenas e espirituais revela a complexidade e as múltiplas camadas da identidade, que não é única ou fixa, mas se expande e se ramifica, como um rizoma, a partir do contato com saberes ancestrais.

Em “Amor: una arqueología”, quinta narrativa da coletânea, conta-se a história de duas irmãs, brasileiras-uruguaias, que por meio de um dispositivo viajam entre linhas do tempo alternativas para descobrirem o quebra-cabeças do amor de seus pais, bem como para descobrir onde ele poderia estar. Há nessa narrativa relatos sobre as misturas culturais via contato familiar e linguístico e a presença de uma deficiência por parte de uma das irmãs que é daltônica. Novamente o conceito de crioulização aparece ao representar o entrelaçamento de identidades que resulta de processos históricos de migração e hibridação cultural.

No sexto enredo, “Slow motion”, a protagonista-heroína é uma Inteligência Artificial (IA) personalizada que está a serviço de um adolescente de 16 anos. Talvez o grande diferencial desse texto é a busca de identidade pela IA, que desenvolve ambições, sentimentos e pede para ser referida por um nome e não como se fosse um micro-ondas. Também é interessante como essas IA's, providas de identidade, protagonizam uma revolução cultural a partir da democratização do acesso das obras de FC.

O sétimo conto, “Les Pi'yemnavutas” também trabalhado no capítulo anterior, explora a identidade indígena Toba-Qom a partir da história des hermanes Mañik e Lawaka, bem como trata a pauta trans ao abordar a identidade de Mañik que é compreendida além do binário.

“Em A través del avatar”, oitavo conto da coletânea, acompanha-se a trajetória de uma adolescente das periferias de uma Buenos Aires em moldes cyberpunk. Ao auxiliar seu namorado no desenvolvimento de jogos, ela acaba mergulhando em um videogame que combina tecnologia e substâncias psicoativas

para intensificar a conexão, tornando-se viciada nessa experiência. O jogo a transporta para uma realidade paralela, onde as fronteiras entre o virtual e o real se tornam cada vez mais tênues.

“Other Voices”, é nono texto e conta a história de uma jovem migrante latino-americana que vive em Nova York, que virou um fantasma após uma explosão nas torres onde ela e suas amigas iriam tocar rock. A narrativa é um ótimo exemplo do *new weird*, mas também aborda as identidades migrantes, as juventudes marginalizadas e exploradas por empregadores sinistros, como o chefe do namorado da protagonista que desenvolve um dispositivo capaz de gerar a sensação de perdão, mas que é também o culpado pela explosão. Há uma ressignificação das identidades migrantes, como elas se criam e se recriam, absorvendo as experiências coloniais e pós-coloniais, se misturando com novas culturas e buscando resistir à marginalização.

A décima narrativa, “Constelación Nostalgia”, mistura o que seria uma missão de exploração espacial e destruição de asteroides com o funcionamento do cérebro, nanotecnologia, videogames e exclusão de memórias traumáticas. O texto, por meio de alegorias, explora a questão da violência estrutural, das guerras e da anistia concedida ao alto escalão do exército, apesar das atrocidades cometidas. E, ao fim, também fala sobre justiça e vingança.

O décimo primeiro conto, “Un hombre em mi cama”, também trabalhado na discussão sobre *cli-fi*, trata de duas irmãs e suas vidas em uma sociedade afetada pelo aquecimento global. Elas encontram uma solução de vida ao refugiarem-se em interiores e subterrâneos. As protagonistas são atravessadas por transtornos e vícios.

Em “Fractura”, o décimo segundo conto, a narrativa se insere no gênero *new weird*, imaginando uma Lima de um futuro próximo que incorpora elementos da antiga civilização inca. Nesse universo, os incas não apenas possuíam alta tecnologia, mas também expandiram sua presença para além da Terra durante a colonização do espaço. Restam, no entanto, poucos descendentes e raros conhecedores dos segredos necessários para manter essas tecnologias ancestrais em funcionamento. O conto constrói uma trama que transita entre o surreal, o terror e o fantástico, explorando uma sociedade que, ao mesmo tempo, evoca o passado e projeta um futuro de avanços enigmáticos.

“Dos transmigraciones”, décimo terceiro conto, aborda duas histórias paralelas, que versam sobre a transmigração de consciências, parasitismo mental e a luta entre a vida, a morte e a identidade (ou a perda dela). A primeira história é sobre um casal em que o marido é acometido por um parasita mental que se alimenta de seus sonhos. Isso destrói a relação familiar e o leva à morte. No entanto, após morto o mesmo também se tornaria um parasita. É possível observar o parasita como uma metáfora para doenças mentais e a perda de identidade. A segunda história versa sobre o assassinado de uma estudante testemunhado por sua amiga em um planeta alienígena, a história fala sobre suas práticas religiosas, espirituais e reflexões sobre a morte.

“Khatakali”, décimo quarto e último conto da coletânea, entrelaça fantasia, magia e tecnologia para imaginar um mundo transformado após uma grande peste e um longo inverno – possivelmente uma alegoria de um inverno nuclear. Como consequência desse evento, grande parte da população sofreu mutações, especialmente as crianças, que passaram a nascer com deformidades ou fundidas a elementos da natureza, como plantas e animais, sendo descritas na narrativa como “monstruosas”.

A história acompanha Khatakali, que nasceu com uma mão deformada e, na adolescência, apesar dos apelos de sua mãe por aceitação, decide buscar os medcs – alquimistas que habitam cidades de metal – em busca de uma “cura”. No entanto, essa cura é meramente estética, um procedimento ao qual muitos pais também recorrem para seus filhos, sem prever as consequências: ao se submeterem à transformação, perdem algo essencial de suas identidades.

Através dos universos criados pelos autores na coletânea, há um claro desafio às narrativas hegemônicas, construindo futuros possíveis que contemplam a diversidade e a complexidade das experiências na América Latina.

Os temas centrais que emergem da coletânea incluem a diversidade étnica, as consequências da colonização e do neoliberalismo, as lutas por reconhecimento e a busca por pertencimento. Esses aspectos refletem as complexas interações entre identidades individuais e coletivas no contexto latino-americano, permeadas por dinâmicas de opressão e resistência.

No próximo ponto, aprofundarei a discussão sobre as interseccionalidades que atravessam essas identidades, com especial atenção às questões de gênero, sexualidade e raça. A análise dessas dimensões é fundamental

para compreender como as narrativas da ficção científica latino-americana não apenas imaginam futuros possíveis, mas também desvelam e contestam estruturas de poder, revelando novas formas de existência e resistência.

3.1.1 Discussão sobre gênero, sexualidade e raça na FC latino-americana

Como já destacado, a FC compõe um espaço de potência que permite, através da especulação, a criação de futuros alternativos que podem auxiliar no resgate de cosmovisões e identidades marginalizadas pelos processos históricos do colonialismo e do sistema neoliberal, para assim possibilitar a construção de futuros mais diversos.

Com isso, pode-se observar que os contos contidos na coletânea, além serem de autorias bastante diversificadas, abordam também personagens ainda mais complexos e diversos, ultrapassando inclusive a barreira da humanidade, ao considerar protagonistas alienígenas, fantasmas ou IA's. Isso pode ser lido como metáforas para a representação de alteridades.

Um aspecto fundamental de análise é a representatividade feminina ao longo da coletânea. Dos 14 contos, 9 apresentam protagonistas femininas, evidenciando a influência dos movimentos feministas na ficção científica contemporânea. Esse dado reflete um processo de apropriação do futuro por perspectivas femininas e dissidentes, ampliando as possibilidades narrativas dentro do gênero.

A literatura de ficção científica feminista, como apontado por Meireles (2021), emergiu no final do século passado e frequentemente propõe releituras utópicas dentro de mundos distópicos. Essa tendência se manifesta na coletânea ao explorar personagens que desafiam estruturas tradicionais de poder, reconfiguram relações de gênero e questionam as normativas impostas sobre seus corpos e identidades.

Em uma perspectiva latino-americana, a ficção científica feminista tem se consolidado como um campo de criação e debate. Um marco significativo foi a realização do primeiro festival de FC feminista em 2018, na Espanha, que reuniu autoras de língua hispânica, incluindo escritoras latino-americanas. Dois movimentos importantes que impulsionam a ficção científica feminista na América Latina são as iniciativas mexicanas "Mexicona" e "La máquina descontenta" (López-Pellisa, 2020).

O festival "La máquina descontenta" (2020) se destacou como o primeiro evento dedicado exclusivamente à FC feminista latino-americana, ocorrendo na cidade de Guadalajara, no espaço "Cuerpos Parlantes", um centro feminista voltado à pesquisa e à experimentação urbana. Essas iniciativas evidenciam o crescente protagonismo das mulheres na construção de narrativas especulativas que questionam e reimaginam as dinâmicas de gênero, poder e tecnologia na região.

Trata-se de um movimento bastante recente, o crescente número de narrativas feministas na FC da região e que, como se observa, em intensa expansão. Não se trata apenas de criar futuros femininos, mas futuros diversos, onde os desafios interseccionais de classe e de raça também aparecem nas narrativas.

Retomando as representações nos contos, em "La conquista mágica de América", ao reinterpretar a colonização, destaca-se a resistência cultural e as tecnologias indígenas. Já em "Éxodo X", a metamorfose identitária reflete uma celebração em tornar-se mestiço em resistência ao padrão branco.

Em "El gran Experimento", fala-se do apagamento de identidades em cenários de genocídio e crise climática. Já em "La sincronía del Tacto", há a busca por conexão a partir de epistemologias não hegemônicas, assim como em "Amor: una arqueología", que além de explorar os mistérios afetivos, também trata sobre as misturas culturais.

A temática dos afetos, de identidades fluídas e indígena é bem representada em "Les Pi'yemnautas". Por sua vez, as periferias, a marginalização e a exploração de jovens são temas abordados em "A través del avatar", assim como em "Other Voices", que agrega o contexto de migração.

A violência estrutural e as metáforas das anistias concedidas ao exército no período das ditaduras do Cone Sul aparece em "Constelación nostalgia". Já "Un hombre en mi cama" fala da angústia vivida por duas irmãs em um mundo pós-apocalíptico. A temática de uma tecnologia pertencente aos povos indígenas também aparece em "Fractura".

Identidades em fragmentação são abordadas em "Dos transmigraciones", assim como um possível feminicídio alienígena. Encerra a coletânea "Khatakali", que aborda deficiências e a perda da identidade em um mundo pós-apocalíptico.

Assim, a análise dos contos mostra que a abordagem de temáticas interseccionais, como gênero, sexualidade e a raça, aparecem com frequência na coletânea, refletindo uma preocupação das autoras em abordar as mesmas em decorrência da história da região, marcada pelo colonialismo por projetos de apagamento e eugenismo, mas também pela resistência de seus povos, permitindo assim a visibilidade dessas dinâmicas.

Agrego a seguir no debate, a presença da temática *queer*. Por mais que não esteja tão presente na narrativa, aparece de forma interessantíssima em “Les Pi’yemnavtas”, assim como há a presença de personagens e perspectivas indígenas ao longo da coletânea.

3.1.2 A presença de personagens *queer* e indígenas na narrativa

Ao analisar “Les Pi’yemnavtas”, busquei mais sobre a história de sua autora T. P. Mira-Echeverría. Dado o tom da narrativa junto aos relatos de autora em blogs pessoais, é possível traçar uma relação entre a história ficcional com a realidade dela.

T. P. Mira-Echeverría, é uma pessoa *queer*, Doutora em Filosofia, pesquisadora especializada em FC e premiada escritora de Ficção Científica. Já teve suas obras e contos publicados em diversos países como Estados Unidos, Espanha, França, Itália, Bulgária, Grã-Bretanha, Argentina, Brasil, Colômbia e Cuba.

Além de um importante nome para o gênero, em suas publicações frequentemente se encontram temáticas relacionadas aos afetos, diversidade sexual e de gênero e ao amor, isso dentro do espaço do estranhamento que a FC propõe, juntamente a viagens espaciais, contato com seres alienígenas, buracos negros, engenharia genética, etc. (Abraham, 2021, p. 101).

Influenciada por diversas autoras da FC global, e escritora declara inspiração especialmente em Octavia Butler, autora fundamental na FC estadunidense, cuja obra articula questões feministas, racismo e desigualdade. Butler explorou as interseções entre opressão e resistência, criando universos onde hierarquias sociais são tensionadas e reimaginadas. Outra referência marcante é Ursula K. Le Guin, cujas narrativas frequentemente abordam temáticas *queer*, fluidez de gênero, crítica feminista e denúncias sobre desigualdade social e exploração da

natureza. A obra de Le Guin desafia concepções normativas de identidade e organização social, propondo sociedades alternativas que problematizam os sistemas.

Ao buscarmos as redes sociais de Mira-Echeverría, notamos que uma das primeiras coisas que aparecem sobre ele são os seus pronomes, “they/them/elle”, além disso, e autorie optou em abreviar seu nome T. P. Mira-Echeverría, diferente do momento da publicação do conto onde aparece Teresa P. Mira de Echeverría. Ao acessar seus blogs profissionais e pessoal, encontramos dois relatos bastante interessantes para pensar sua identidade, bem como sua relação com a literatura de FC e os motivos que levaram a modificação do nome que se apresenta e assina atualmente.

Em sua última publicação em seu blog pessoal, datada em 13 de dezembro de 2020, “Propósito 2021: Respetar mi propia identidad (yo, lx primerx)”, onde fala sobre sua identidade de gênero fluído *queer*, sobre sua preferência a que se utilizem os pronomes neutros ao referir-se a ele e mais adiante sobre a escolha de seu novo nome:

Por eso elijo mi *pen name* (o *nom de plume* o “nombre de escritor”) como mi nombre de identidad, eso es, **T. P. Mira-Echeverría**. El cual revela, esconde, preserva y anexa hechos, eventos, gente, relaciones y elecciones que me conforman y a las que acepto en mí, de este modo, como lo que soy o, mejor dicho, como lo que estoy siendo. (Mira-Echeverría, 2020) grifo de autorie.

Em seu blog profissional encontramos o texto “Escribir como medio para ser” (2023), no qual relata sua experiência como escritor, encontrando na escrita uma forma de existir, se autoconhecer e poder ser além do que a realidade lhe permite. “Mi mayor libertad la alcancé siempre escribiendo”.

Comenta que, além do processo interno da escrita, sente que, ao ser e criar personagens, criaturas e cenários, torna-se capaz de romper a barreira do indivíduo. Mais do que isso, busca possibilitar que quem lê possa se identificar — seja no belo ou no horroroso —, reconhecer a outres ou, por vezes, a ninguém. Sua perspectiva sobre essa criação não é autobiográfica, mas sim, como descreve, “son más bien como una dilución de mi ser en una pintura con la cual dibujar esas historias” (2023).

Em uma publicação do Instagram sobre o lançamento da Coletânea que comporta o conto, temos esse breve relato: “Mi cuento LES PI'YEMNAUTAS 🇷🇺 🚀 es un relato con agujeros negros y mitos y diversidad y amor y new weird y dos hermanxs e identidad... bueno es un cuento "de los míos" 😊😊 y, la verdad, lo quiero mucho 💕💕 , ojalá les guste!!!!” (Mira-Echeverría, 2021) grifos de autorie.

Diante do exposto, evidencia-se o potencial de analisar uma obra literária para reconhecer elementos socioculturais de uma sociedade, especialmente ao apresentar experiências e subjetividades que não costumamos encontrar facilmente documentadas em outros meios.

Em “Les Pi’yemnautas”, a ciência ocupa um espaço de ascensão social e reconhecimento para *les hermanes* Toba, sem que isso implique no apagamento de suas identidades e cosmovisões, pelo contrário, é justamente a partir de suas identidades e perspectivas como indígenas e na existência trans de Mañik que se torna possível viajar até o centro da galáxia e, assim, impulsionar o desenvolvimento tecnológico para a humanidade.

Essa proposta também pode ser interpretada como um experimento inserido no movimento de contracolonização, ao construir narrativas que incorporam epistemologias e cosmovisões diversas. Ao expandir as possibilidades da ficção científica, a obra não apenas imagina futuros alternativos, mas também reivindica outras formas de conhecimento, desafiando paradigmas hegemônicos e abrindo espaço para ciências potentes enraizadas em perspectivas não ocidentais.

Nota-se, ainda, como a narrativa atravessa a própria existência de sue autorie, que se orgulha de sua criação e, pouco antes da publicação, anuncia em seu blog pessoal a própria transição de gênero ao assumindo-se uma pessoa de gênero fluído *queer*. Esse gesto aproxima “e criadore de sua criatura”, que também transiciona para ser o que no fim já se é.

Contudo, as narrativas das histórias de pessoas *queer* e trans, assim como suas existências, seguem sendo sistematicamente invisibilizadas. Suas vidas não costumam ter espaço nas mídias populares, nem ser reconhecidas como potentes. Frequentemente são associadas as notícias de violência e assassinatos, o que evidencia e aprofunda a marginalização a que essas pessoas estão submetidas. Judith Halberstam, em *In a Queer Time and Place* (2005), reflete sobre essa temática:

Queer lives are often narrated as tragic or exceptional, and the everyday existence of queer and transgender people is frequently erased from cultural memory. The failure to imagine queer futures beyond suffering contributes to a normative temporality that denies the complexity of queer and trans experience (Halberstam, 2005, p. 2).

Essa citação ilustra como as vidas *queer* e trans são percebidas, frequentemente reduzidas ao sofrimento ou à exceção, sem considerar a riqueza e a diversidade dessas experiências. O conto, por sua vez, destaca-se como o único da coletânea que explora a temática *queer* em sua potência. Nesse sentido, evidenciam-se as possibilidades da FC — um gênero frequentemente marginalizado e colocado como distante do real — que promove a inclusão de outras formas de ser e estar no mundo e como as cosmotécnicas, isso é outras lógicas de ciência, podem colaborar para a criação de futuros mais amplos.

Ao entrelaçar a tecnologia e mito, é possível outra compreensão do universo, desafiando assim a lógica colonial que privilegia e supervaloriza a racionalidade eurocêntrica.

3.2 A FERIDA COLONIAL E A SUBVERSÃO DE IDENTIDADES NA FC

Quando cito a ferida colonial, estou falando das estruturas de poder construídas com a invasão europeia ao continente latino-americano e que ao longo de mais de três séculos, expandiu seus domínios baseando-se principalmente na exploração de mão-de-obra escravizada ou extremamente explorada, no genocídio e epistemicídio de centenas de milhares de indígenas, na exploração de recursos naturais e a consequente degradação da natureza.

Essa estrutura, mesmo com a independência das colônias e a abolição da escravização africana, segue se reinventando e não é uma novidade que as elites presentes nos países latino-americanos sejam, frequentemente, as herdeiras de famílias contrabandistas de escravizados de algumas gerações atrás.

Como já foi dito antes, a desigualdade social na região é considerada a maior do planeta. Sua origem é fortemente condicionada pelas matrizes produtivas que são heterogêneas no território, e também é entrecortada por determinantes como classe social, gênero, sexualidade e etnia/raça (Cepal, 2016). Considerando que, muitas dessas matrizes tem origem no período colonial e que após as independências foram se reinventando em outras maneiras de opressão, é latente que a desigualdade é uma herança viva do período colonial.

Após as independências, houve uma busca pela criação de identidades nacionais, baseadas na suposta união pacífica das “três raças”, que como já apontado, além de não compreender toda a diversidade cultural e étnica dos territórios, tampouco possui sua junção pacífica. Assim, constituindo-se de modo *Ch'ixi*, essa mescla entre diversos têm encontrado na contemporaneidade espaços de visibilidade e conseqüente subversão em relação ao paradigma ocidental.

Para Nêgo Bispo, a colonização pode ser comparada ao processo de adestramento de animais de serviço, como os bois. Veja-se o trecho a seguir:

Quando completei dez anos, comecei a adestrar bois. Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta (Santos, 2023, p. 7).

O processo de colonização só pode ser efetivo devido ao projeto de apagamento das diversidades culturais, seja pela catequese dos indígenas ou pela destituição da humanidade dos povos de África e suas memórias. Assim, a atualidade permite narrativas de retomada das identidades. A FC é um desses espaços de resgate, e um bastante potente. Já que esse seria, “[...] o papel central da narrativa, pois um dos caminhos para lidar com o trauma – seja coletivo ou individual – é encontrado nas tentativas de narrá-lo” (Gennari, 2021, p. 7).

Ainda que grande parte dos contos da antologia apresentem uma postura crítica à colonialidade e às promessas modernas de progresso, é necessário destacar que a ficção científica latino-americana não está imune a reproduções conservadoras, reacionárias ou moralistas. Como qualquer outro campo cultural, ela abriga contradições internas. Não existe absolutamente nada que impeça esse tipo de literatura — ainda que se proponha libertária — de reproduzir valores conservadores ou de apresentar narrativas que reforçam estereótipos ou exclusões.

Ao narrar ficcionalmente histórias de personagens que não costumam ter suas histórias contadas, a FC permite que leitorias pertencentes a identidades semelhantes se identifiquem e possam assim também se imaginar protagonistas na construção de mundos diversos, apropriando-se do futuro. Me

refiro a esse futuro Contracolonial que também repensa os conceitos de desenvolvimento e de progresso.

3.2.1 A crítica ao colonialismo e à narrativa de progresso na antologia

Dos 14 contos da coletânea, ao menos 7 apresentam críticas mais diretas ao colonialismo e à narrativa de progresso. Abordo brevemente sobre aqueles em que identifico elementos suficientes para essa análise.

Em “La conquista mágica de América”, ao se repensar a colonização do continente sob outra perspectiva, se evidencia o caráter de invasão e os massacres cometidos pelos espanhóis ao chegarem no continente. Outro ponto é a representação dos povos indígenas pré-conquista como extremamente desenvolvidos espiritual e tecnologicamente, existindo inclusive uma simbiose entre as duas coisas. O conto estabelece assim uma forte crítica ao modelo colonial, responsável pela destruição dessas cosmogonias e o consequente enfraquecimento espiritual desses povos. No próximo subitem irei explorar mais a análise desse texto.

Outra história que realiza uma boa crítica é “Éxodo X”, em que o personagem principal é um estadunidense que se transforma em um colombiano. Carregado de humor ácido, a história subverte o “sonho americano” ao apresentar um protagonista branco que busca a identidade e a experiência de um colombiano marginalizado, revelando as contradições do ideal de ascensão social dos migrantes.

Por sua vez, “El Gran Experimento” funciona como metáfora do processo de colonização e implementação do ideal de progresso e desenvolvimento nas terras conquistadas e o sistemático apagamento da diversidade nesses territórios. Ao criar uma distopia *Cli-fi/ Cyberpunk*, o autor imagina um futuro que repete o passado, com o contraste da alta tecnologia convivendo com a baixa qualidade de vida de povos estruturalmente marginalizados.

“La sincronía del tacto”, já citado ao longo da dissertação, também realiza críticas em relação ao pensamento progressista que, baseado no pensamento racional ocidental, desconsidera outras formas de conhecimento. A descoberta da flor funciona como metáfora para falar a respeito de substâncias

enteógenas utilizadas secularmente pelos povos do continente que possuem sua matriz de conhecimentos baseados no uso dessas substâncias.

Outro conto *Cyberpunk*, é “A través del avatar”. O próprio subgênero constitui-se como crítico ao progresso, já que, através da especulação, indaga se o desenvolvimento tecnológico trará melhorias para a população ou se serve apenas para manter as estruturas da desigualdade. Na história, vídeo-games de realidade virtual misturam-se ao uso de substâncias, levando as populações periféricas ao vício e a situações deploráveis.

Já “Fractura” imagina uma civilização Inca que não foi conquistada pelos espanhóis. Em uma Lima coberta por um domo, ruínas e robôs centenários, a personagem caminha entre as ruas e histórias não contadas sobre para onde teriam ido os Incas. Essa história repensa o processo colonial além de propor tecnologias avançadas fora da lógica do progresso moderno.

O último conto, “Khatakali”, também é um relato interessante de crítica ao progresso, já que os *medcs*, habitantes das cidades de metal e detentores de conhecimentos tecnológicos superiores, para curar as pessoas deformadas pelo “longo inverno”, tiram das mesmas suas emoções e identidades.

Contudo, não são apenas nos contos se encontram essas características. Também no prólogo da antologia e nos relatos das autorias após os textos é possível encontrar posicionamentos contrários ao colonialismo e ao ideal do progresso.

Como já dissemos na introdução, o livro tem seu prólogo escrito por Bastidas-Pérez, que além de ter organizado a coletânea, é pesquisador e escritor de FC. Nesse texto o mesmo trata a história e a formação da FC no continente, assim como destaca entre as características do gênero no século XXI, a contestação das narrativas das ciências ocidentais e a presença de outras formas de conhecimento para a formação de discursos científicos diversos.

Nos relatos, praticamente todas as autorias levantam a crítica ao colonialismo e/ou ao progresso. Como destaque a seguir: Baradit, ressalta os conhecimentos originários como potenciais ao desenvolvimento tecnológico; Barragán, denuncia a exploração das potências estrangeiras que se mantém mesmo após a independência e aponta o potencial da FC como espaço onde é possível rebelar-se, reinventar-se sem ter acesso ao poder e também, sem morrer; Chimal

relata como a FC foi presente em sua infância e o levou a escrever como forma de imaginar futuros para seus povos, disputando assim o futuro.

Por sua vez Miravete conta sobre o período em que estudou “al extranjero” e como sentiu na pele os efeitos do colonialismo a partir do racismo e da xenofobia, além da inferiorização de seus conhecimentos, a levando a se refugiar na leitura de FC e, conseqüentemente, escrever literatura de FC a partir da nossa experiência latino-americana. Em suas palavras, a escrita permite “(...) nos apropiamos del futuro para recuperar las posibilidades del pasado. Y, en el camino, ir construyendo un presente en el que pueda surgir, pese a todo, la esperanza.” (Miravete, 2021, p.64).

Fernandes narra, envergonhado, como uma vez foi convidado a fazer uma coletânea de FC das Américas e percebeu que não conhecia muito da FC latino-americana, o levando a dedicar-se ao conhecimento de narrativas diversas. O testemunho dele aponta ao colonialismo dentro da FC, que faz com que muitas vezes as pessoas sequer tenham conhecimento de obras do gênero fora do cânone anglo-saxão.

González, por outro lado, fala a respeito de sua carreira como pesquisadora de FC e como enfrentou uma academia conservadora a temática e ainda mais em relação à FC produzida na América Latina. Esta academia considera que não existiria uma FC latino-americana, pois não teríamos tecnologia, apontando assim ao colonialismo em não reconhecer outras formas de ciência e tecnologias, bem como ao marginalizar os conhecimentos locais.

Mira-Echeverría destaca o desenvolvimento da ficção científica na Argentina, entrelaçada com o fantástico, refletindo movimentos do século XXI voltados para questionamentos e construção de identidades próprias a partir de uma perspectiva do Sul Global. Esse movimento se contrapõe à origem do gênero na região, que, em grande parte, reproduzia narrativas alinhadas ao Norte Global.

Ponce observa a FC como uma oportunidade de criar narrativas diversas que sejam reflexo das misturas presentes em nosso território e aprofundadas pela globalização. Sem limites definidos, a FC torna-se uma ferramenta de análise e questionamento de nossas sociedades, tanto do passado, quanto do presente, para assim interferir na criação do futuro.

De forma semelhante, Rivero percebe a FC como um território de liberdade radical frente a uma realidade desigual e em colapso, onde se pode

explorar sensibilidades e novidades fora de limites pré-estabelecidos. Para ela, a FC também se constitui como um espaço de refúgio.

Por sua vez, Sanchiz conta como teve contato recentemente com a literatura de FC latino-americana e como essa descoberta o fez traçar conexões potentes entre as realidades diversas criadas pelas narrativas. Seu relato destaca a expansão do gênero, bem como evidencia a marginalização do mesmo.

Sussmann também discute a marginalização da ficção científica em nosso território, ressaltando que, para alguns, há a crença de que não seria possível criar boas histórias do gênero nas periferias da tecnologia global. A própria contesta essa visão, destacando tanto o impacto do contato ampliado pela globalização quanto o potencial imaginativo dos autores, que constroem suas narrativas a partir da idiosincrasia latino-americanas.

No relato de Madrugá, é possível encontrar sua visão a respeito da FC latino-americana como um espaço de reflexão e exploração de nossas histórias, e que, tal qual um corpo jovem, segue em movimento e em busca da criação de futuros novos. Apenas dois autores não possuem relatos tão coesos com a crítica ao colonialismo ou ao progresso, são eles: Robles e Pappe.

A análise da antologia evidencia como a FC latino-americana é um espaço crucial para críticas ao colonialismo e à narrativa de progresso. Os contos questionam heranças coloniais e resgatam saberes ancestrais, misturando-os a tecnologias avançadas e visões de mundo subalternas para desconstruir os paradigmas ocidentais hegemônicos.

O gênero, por sua fluidez e limites não definidos, permite a criação de tecnologias híbridas e temporalidades diversas, criando futuros contra-coloniais. É possível, portanto, identificar a FC como ferramenta para a elaboração, ao menos simbólica, de sociedades plurais e de fato descolonizadas. Os depoimentos dos autores ressaltam esse potencial, assim como a necessidade de ampliar o reconhecimento da produção de FC latino-americana.

3.2.2 Estudo de caso: “La conquista mágica de América” e “La sincronía del tacto”

Dois contos são interessantes para nossa análise a respeito de como a FC latino-americana tem permitido a criação de alternativas contracoloniais

ao futuro por meio da imaginação. A busca pela criação de narrativas não hegemônicas que valorizem os conhecimentos ancestrais presentes em nossos territórios. De encontro a isso, a proposta Contracolonial, que vem ganhando espaço no mercado editorial, nos debates acadêmicos e também na mídia dos países de nossa região e no resto do mundo. Com autores já citados como Nêgo Bispo, Krenak, Geni Núñez.

No entanto, não apenas pessoas indígenas e quilombolas compartilham dessa proposta, destaco outras pensadoras, como Eliane Brum, que criou a plataforma Sumaúma, na qual reúne o que chama de “jornalismo do centro do mundo”, em que nos apresenta com informações feitas por pessoas comprometidas em dar visibilidade às atrocidades do neoliberalismo na floresta amazônica e também visibilizar e propor outras formas e modos de interpretação do mundo.

Outro exemplo relevante que agrego a essa perspectiva é a obra “Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins” (2014), em que Danowski e Viveiros de Castro apresentam diversas perspectivas a respeito do porvir. Isto é, teorias de futurismo ocidentais que ora pregam o apocalipse, ora uma completa evolução tecnológica da condição biológica do ser humano, mas que, em geral, preveem uma destruição do mundo natural.

A obra possibilita entrelaçar essas interpretações ao Antropoceno e também a possibilidade de um futuro a-histórico, um futuro sem humanos. Para exemplificar essas visões, utilizam inclusive muitas vezes exemplos de obras da FC¹⁷, em que, provavelmente, se inspiram certos teóricos do “aceleracionismo”, que “[...] entendem que “nós” devemos escolher entre o animal que fomos e a máquina que seremos. Em sua angelologia materialista, eles propõem, em suma, um mundo sem nós - mas feito por nós” (Castro, Danowski, p. 78, 2014).

Tais ideias são contrapostas às cosmovisões de diversos povos indígenas que observam tanto o passado da humanidade quanto seu futuro de

¹⁷ Algumas das obras de FC citadas por Castro e Danowski são: “Do Androids Dream of Electric Sheep?” (1968) de Philip K. Dick; “The world without us” (2007) de Alan Weisman e “Earth abides” (1949) de George R. Stewart; “The Road” (2009) de Cormac McCarthy e “Matrix” (1999) de Lana Wachowski e Lilly Wachowski; “The Planet of the Apes” (1968) de Arthur P. Jacobs. Cada qual a seu modo, estas obras retratam um futuro pós-humano/apocalíptico, mas criado pelos mesmos. Outro exemplo que destacam é o ensaio “Fragment d’histoire future” (1904), de Gabriel Tarde, que especula sobre um futuro capitalista perfeito, mas em que o sol começa a apagar, fazendo com que a humanidade passe a viver novamente em cavernas, mas dessa vez, munida da mais alta técnica que para garantir a sobrevivência humana priva os seres de todos seus impulsos animais.

outras perspectivas. Citam a cosmovisão dos Yanomamis, que se tornou conhecida pelas palavras do xamã David Kopenawa no livro “A Queda do céu” (2010), em que denunciam que o projeto de ecocídio promovido pelos povos civilizados está destruindo o mundo dos indígenas e isso resultará na queda do céu, isso é, no fim desse mundo. Tal visão não é exclusiva dos Yanomamis:

A profecia do desmoronamento do céu, desenvolvida com excepcional eloquência no depoimento de Kopenawa, é um tema recorrente em diversas escatologias ameríndias. Via de regra, esses desmoronamentos, que podem estar associados a cosmografias folheadas, com vários "céus" e "terras" empilhados uns sobre os outros, são fenômenos periódicos, parte de grandes ciclos de destruição e recriação da humanidade e do mundo (Castro, Danowski, p. 101, 2010).

Portanto, mesmo com a cosmovisão de eras e subsequentes fins de mundo, na visão ameríndia, **não há** a possibilidade de existir um futuro sem gente, mesmo os mundos anteriores são de outras humanidades. Além disso, uma enorme distinção entre esta e a visão ocidental é que a ameríndia observa toda a forma de vida como humana, então existe gente que é bicho, gente que é planta, gente que é rio, montanha e assim por diante. De certo modo, humanizam toda a natureza para assim naturalizar toda a humanidade.

Retomando aos contos, o autor de “La Conquista Magica de América”, Baradit, além de escrever FC, possui uma atuação política e ativista no Chile. Através de suas obras, instiga a curiosidade histórica em seu público, com a trilogia “La Historia secreta de Chile” (2015). Suas narrativas na área de FC se destacam pelas mesclas entre a alta tecnologia e conhecimentos originários, chegando inclusive a ser conhecido como um tipo de *cyber-xamanismo*. Outro ponto de destaque em suas obras é a utilização da ucronia, isso é, um tempo/lugar que não existe necessariamente.

Miravete, assim como Baradit, desenvolve uma relação entre a escrita de FC e o ativismo, abordando em suas obras temáticas relacionadas a problemas sociais que a população mexicana está sujeita. Destacada autora feminista com a obra “Soñarán en el jardín” (2015), conjuntamente ao desenvolvimento de iniciativas como “Under Vulcano”, “Cúmulo de Tesla” e “Mexiconá”. Miravete entrelaça a crítica social com a temática feminista.

Em “La conquista mágica de América”, Baradit reimagina o processo de invasão das Américas com uma trama voltada ao domínio da magia do planeta. Nessa narrativa, os espanhóis, guiados por uma rede secreta (e sinistra), de bruxos e alquimistas, interceptam as “redes” espirituais e tecnológicas dos povos ameríndios, perturbando suas conexões com o plano astral e seus deuses.

Misturando elementos históricos e fictícios, opta por uma abordagem diferenciada, ao retratar os colonizadores como figuras sombrias e decadentes, veja dois trechos de como são descritos:

No era oro lo que buscaban los que venían escondidos tras la marea de sífilis que avanzaba como una tormenta de dientes a través del Atlántico. Detrás de los ejércitos y su ferretería, aun detrás de la cruz y la hoguera, venía la verdadera peste. Magos, cabalistas, guardianes del grial, alquimistas y sus golems se arrastraban escondidos entre los arcabuces, regurgitando conjuros y venenos que clavaban como alfileres sobre la piel de la Pachamama (Baradit, 2021, p. 17)

No trecho a seguir, os europeus (winka) são descritos pela xamã responsável por defender os povos:

La machi Alerayén era ya muy anciana, a pesar de ello nunca se había asomado a semejante negrura como aquella noche en que decidió espiar a través de la pupila de un winka. Casi perdió la razón. Todo su paisaje de ríos, montañas y helechos se hundió en un pozo espeso, giratorio, repleto de cárceles oscuras, pestes, hogueras, cruces, clavos, espacios cerrados, ciudades hediondas a mierda y látigos (Baradit, 2021, p. 21)

Essa descrição cria contraste para com os indígenas, representados como avançados em sua simbiose com a natureza e o divino. Essa perspectiva está alinhada com a cosmovisão dos povos ameríndios, como a Yanomami que cito anteriormente, onde o mundo humano e natural se pertencem e coexistem, bem como à perspectiva de alianças multiespécies melhor explorada no capítulo anterior. O conto destaca a destruição de espaços sagrados e o apagamento das ciências diversas e as memórias como parte de estratégias de dominação, culminando na imposição da fé cristã e no aprisionamento de espiritualidades mágicas.

Apesar do desfecho trágico, há uma sutil possibilidade de resistência. A batalha final pendeu para o lado dos colonizadores, no entanto, a xamã portadora da pedra de Vênus, peça central do plano de dominação da magia, permanece fora do alcance dos invasores.

O conto merece destaque por refletir sobre as feridas coloniais, reimaginando um passado em que os povos originários são protagonistas e suas tecnologias são integradas a seus saberes. Outro ponto que subverte a lógica colonial é ao mostrar os europeus como “bárbaros” e os povos originários como detentores de um “conhecimento superior”, reafirmando a centralidade da relação simbiótica entre humanos e natureza em oposição a violência e destruição trazidas pela colonização. Essa realidade *cyber-xamânica* permite a imaginação de um mundo onde a ciência e a magia coexistem como forças equivalentes.

“La sincronía del tacto”, conforme ressaltamos antes, se passa em um futuro muito próximo, onde a descoberta de uma flor enteógena permite conexões táteis que vão além do tempo e do espaço. A história gira em torno de um trio de amigas que, misturando ciência, intuição e curiosidade, embarca numa jornada que questiona a solidão, a amizade e a necessidade de novos tipos de vínculo. No meio disso, o conto aborda temas como machismo, violência estrutural, sexualidade e crises ambientais, enquanto reflete sobre o impacto do isolamento, especialmente em tempos de pandemia. A flor se torna um meio para superar distâncias e fortalecer laços, no que chamam de “xamanismo de la amistad”. Misturando biologia, magia e crítica social, a narrativa cria um cenário pré-apocalíptico onde ciência e emoção andam lado a lado.

As duas histórias constituem-se em temporalidades diferentes: uma reimaginando o passado e outra especulando sobre um presente/futuro alternativo. Contudo, possuem conexões ao explorarem a confluência entre saberes tecnológicos e místicos, além de desafiarem o pensamento ocidental ao considerarem sabedorias ancestrais e a conexão afetiva como elementos potentes e centrais para a resistência em meio às adversidades.

Com isso, percebo como os contos contribuem para o objetivo dessa dissertação, pois servem como uma ferramenta para se imaginar futuros alternativos e contracoloniais, sem idealizar, mas criando possibilidades a partir da realidade em que as personagens estão inseridas. Por fim, vale reiterar que as narrativas da FC latino-americana podem contribuir para ressignificar a relação entre a história, a cultura e o imaginário.

3.3 O FUTURO COMO HORIZONTE DE ESPERANÇA E RUPTURA

A FC latino-americana, como já foi analisado, é marcada pelas possibilidades de se imaginar realidades e tempos diversos. A relação humana com o tempo tem se modificado ao longo da História. Em relação ao futuro, a percepção do mesmo passa a ter muita importância na modernidade como algo a ser almejado, isso motivado pela ideia de progresso que promete o futuro como algo melhor que o presente e ainda melhor que o passado (Koselleck, 2006).

Outra modificação parece estar em curso no Tempo Presente, que o encara como uma possível ameaça. Assim, o futuro, antes amistoso e desejável, torna-se, por conta do Antropoceno e do Capitaloceno, um horizonte onde as especulações distópicas e *Cyberpunk* parecem se concretizar. O progresso fracassou. É como percebe Hartog (2013), que enxerga o futuro como incerto ou até mesmo assustador, dada a experiência do “presentismo” que causa a sensação de uma suspensão temporal que leva a que as expectativas sobre o futuro sejam sabotadas.

Apesar disso, muitas contrapropostas vêm sendo elaboradas frente ao apocalipse lento. Elas rejeitam a fatalidade e a catástrofe absolutas, indicando possibilidades de superação ou ruptura dos paradigmas atuais.

Dentre as que trato nesta pesquisa, como a de Haraway (2016/2023), defende que devemos “ficar com o problema”, aceitando, não de forma passiva, o presente em crise, para a partir disso criar teias de especulação que levem a formação de alianças mais que humanas para a criação de espaços de refúgio onde se pode “viver e morrer bem”. Sua proposta, ao rejeitar soluções divinas ou de tecnologias salvadoras, enfatiza o experimentalismo sensível para a sobrevivência. Destaco a ideia de Haraway de utilizar a FC como ferramenta metodológica para a especulação de soluções frente aos desafios.

Já outros pensadores, como Viveiros de Castro e Danowski (2014), contrapõem os futurismos ocidentais às cosmovisões indígenas, que concebem o tempo em ciclos de destruição e recriação. Essas perspectivas valorizam a continuidade da vida, humana e não humana, onde não há distinção entre ambas.

Por sua vez, Turin (2020/2022ab) pensa a partir do Antropoceno e a percepção do futuro em crise para propor a importância de epistemes alternativas, como as indígenas e amefricanas. Ele faz isso para imaginar soluções conjuntas às

crises contemporâneas. Tal perspectiva defende a ideia de que esses povos já enfrentaram outros “fins do mundo” com a colonização e a escravização no passado histórico e, por isso, seriam dotados de visões valiosas de como sobreviver e prosperar no presente e no futuro.

Com isso, observo que a FC latino-americana torna-se um espaço onde essas propostas de contra-futuros podem ser exploradas, repensando o futuro, rompendo com as ideias de herança colonial, com a promessa do progresso e resgatando e valorizando saberes ancestrais. Trata-se de um exercício de “apropriação do futuro”.

Bastidas-Pérez expressa em diversos meios que a FC latino-americana atual representa um espaço de ruptura, de emancipação, onde se ousa imaginar nossos próprios futuros, como comenta na entrevista ao New York Times: “Podemos apropiarnos del futuro y construir nuestras propias formas del porvenir, potenciadas por ciencia ficción. Nosotros mismos podemos construirlo” (NY Times, 2023).

Essas expectativas sobre o futuro marcam nosso tempo presente, mostrando que os desejos e anseios da América Latina no início do século XXI seguem latentes, embora impregnados de permanências limitadoras desde os tempos coloniais, que se reinventam em caráter neoliberal. A esperança por mudanças não ignora os entraves do passado, mas a busca a partir de passados alternativos, isto é, de histórias que não foram contadas, ideias rompantes capazes de criar rupturas importantes na construção do futuro. Proposta consonante com a de Sarlo (2005). Ao reconhecer que o presente carrega em si fortes traços do passado e da nostalgia, torna-se possível a busca pelo resgate dessas identidades.

Talvez, como traz Gisele Lecker de Almeida (2014) seja o papel des historiadores o de mediar a compreensão desses tempos:

(...) o historiador, como especialista em mudanças ao longo do tempo, tem a capacidade – e talvez a responsabilidade histórica – de atuar como mediador do ontem, hoje e amanhã, buscando auxiliar na abertura de alternativas futuras (Almeida, 2014, p. 53).

Na história, o mais é habitual lidar com o passado. No entanto, muito dessa pesquisa se debruça sobre o presente e no futuro, isto é, em sua percepção a partir de fontes contidas no passado. Nessas análises percebo que o futuro é um

território em disputa e a FC latino-americana um dos dispositivos para a construção do mesmo. Essa competência ocorre no presente, já que “[...] é o único momento em que mudanças podem ocorrer [...]” (Almeida, 2014, p. 53). Logo, a ideia de futuro revela-se como um espaço de possibilidades, onde o presente age como um mediador que ressignifica o passado e projeta novas alternativas para o porvir.

A ficção científica latino-americana se apropria dessa potência ao imaginar novas possibilidades no horizonte. Ao rejeitar as propostas teleológicas impostas pelo colapso da temporalidade neoliberal e seu presentismo, essa abordagem encara o presente como um espaço de transformação e o futuro como algo a ser construído – um território aberto ao inesperado, ao acaso e ao surpreendente, sem perder de vista a complexidade das trajetórias históricas (Almeida, 2014).

Diante de um estranhamento da relação entre passado e presente, o futuro se abre como opção para uma existência possível, ainda que incerta. Vale reforçar que quaisquer projeções de futuro estão, de certa forma, baseados nos interesses do presente e nas negociações que se consegue fazer nele. Imaginar uma sociedade distópica e os comportamentos humanos em um tempo ainda não vivido constitui, também, percepções e desejos do tempo presente (Gennari, 2021, p. 15-16)

Ao tomar para si essa capacidade de mudança e construção, as narrativas da antologia tornam-se poderosas. Essa potência se dá pela exploração da hibridéz cultural e epistemológica da região, ressoando com a organização dialógica entre temporalidades e contestando a promessa do apocalipse iminente.

Na criação de narrativas que resgatam conhecimentos ancestrais, memórias coletivas e identidades marginalizadas, os contos da coletânea conectam as experiências do passado com as expectativas para o futuro, construídas no presente. Estou de acordo com Almeida (2014) em sua proposta de que a História tem o poder de reabrir o futuro ao promover o diálogo cultural e a renovação da esperança.

Proposta evidente na antologia “El tercer mundo después del Sol (...)”, pois seus contos versam sobre as crises do presente, mas também propõem possibilidades de solução das adversidades, reconexão com a natureza e

resistência. Ao juntar saberes ancestrais, afetos e práticas de solidariedade, cria-se uma confluência geradora de futuros amplos.

Sonhar e imaginar, em meio a realidades opressoras, torna-se um ato de resistência. Explora-se o potencial do futuro para transcender momentos de catástrofe, como a pandemia de Covid-19. Como fala Bastidas-Pérez “Não pode existir um futuro, se não o tivermos sonhado antes” (Santofimio, 2023). Ao construir imaginários disruptivos, a FC latino-americana oferece uma base para a criação de futuros ancestrais, como propõe Krenak e contracoloniais, como Nego Bispo.

Portanto, ao mesclar ciência, magia e ancestralidade, se desafia a perspectiva linear e tecnocentrista do progresso, levando às possibilidades de soluções das crises, refletindo a importância das relações humanas e interespecies, além de inspirar alternativas mais justas e diversas de futuros com resistência e esperança.

3.3.1 Temporalidades Múltiplas e Alternativas na Antologia

A antologia “El tercer mundo después del Sol (...)” contém temporalidades múltiplas e alternativas, que identifico como contracoloniais, uma vez que desafiam as visões hegemônicas de tempo e da história, essas com seu seio moderno, progressista e de herança colonial. Veja-se a seguir alguns contos que merecem destaque no entrelaçamento de temporalidades, utilizando diferentes camadas temporais que dialogam entre si — assim como a construção historiográfica.

Em “La conquista mágica de América, Baradit recria um passado histórico a partir de uma perspectiva mágica e tecnológica, em que o domínio da América é motivado pelo controle da magia. Há uma mescla entre elementos ancestrais (passado) e a alta tecnologia (futuro) e a própria narrativa, ao imaginar outro passado, instaura outra perspectiva para o futuro na qual a esperança de se recuperar a autonomia sobre os territórios encontra um caminho a partir da restauração da mística e da conexão com a natureza.

Outro ótimo exemplo é “Les Pi’Yemnautas”, em que Mira-Echeverría constrói um futuro no qual os conhecimentos indígenas se entrelaçam com os avanços científicos, demonstrando que a tecnologia não precisa se contrapor aos

saberes tradicionais. Além disso, na aproximação de Mañik ao buraco negro e sua fusão entre “todos os tempos e espaços”, o conto abre espaço para imaginar tanto um futuro onde o hibridismo cultural ocorre de forma positiva para toda a humanidade quanto a possibilidade de romper com corporalidades e temporalidades opressoras.

Ao especular e reinterpretar — o passado, o presente e o futuro — a partir de uma perspectiva Contracolonial, se permite a ressignificação de passados traumáticos, mostrando que não são algo acabados e imutáveis, mas que podem ser observados por diferentes perspectivas, ampliando assim as possibilidades de protagonismo para povos que foram historicamente marginalizados. Além disso, o resgate da diversidade cultural, dos afetos e da conexão com a natureza também contribui como alternativa para a construção de futuros que podem superar a realidade capitalista e a ciência tecnocrática, como em “La sincronía del tacto”, de Miravete.

Assim, há, na coletânea, um bom jogo de temporalidades circulares, onde as memórias e futuros são integrados, isto é, o futuro que se imagina está enraizado nas memórias coletivas, seus traumas e nas experiências vividas. E a obra vai além ao agregar memórias mais-que-humanas, mesclando-as às temporalidades da terra, das plantas e das estrelas, por exemplo.

3.3.3 Narrativas de libertação e “reflorestamento” do imaginário

As narrativas da FC latino-americana também podem ser uma ferramenta do “reflorestamento” do imaginário, conectando-se às perspectivas contracoloniais de Nego Bispo, Ailton Krenak e Geni Núñez, que destacam a importância da pluralidade de ideias e do reestabelecimento da biodiversidade, recriando e reflorestando espaços de natureza exuberante.

No entanto, a prática de “reflorestamento” não seria apenas pensando em um mundo sem humanos, mas também reanimando nossos imaginários. Como propõe esse trecho de “Futuro Ancestral”: “Temos que reflorestar o nosso imaginário e, assim, quem sabe, a gente consiga se reaproximar de uma poética (...) que devolva a potência da vida, em vez de ficarmos repetindo os gregos e os romanos” (Krenak, 2022, p.71).

Para Geni Núñez (2024), reflorestar o imaginário faz parte da proposta guarani de reconhecer-se como parte da terra e que também precisa desse reflorestamento. Precisa-se olhar para as feridas que o processo colonial deixou, para a desesperança que nos traz o Capitaloceno e, mesmo a partir disso, retomar o encantamento com o mundo.

Ao mesmo tempo que se busca a cura da terra, se busca cura para nossos espíritos. As ferramentas para esse processo de reverdecer, segundo Núñez é diverso e pode se dar através das artes, da cultura, da dança, das corporalidades, das narrativas e da literatura (Núñez, 2023).

Ainda em sua perspectiva, a herança colonial se manifesta por meio das “monoculturas do pensamento”, um conceito que parece dialogar com a ideia de Vandana Shiva em Monoculturas da mente (2018), mas reinterpretado a partir de uma visão anticolonial Guarani. Nesse contexto, a crítica se volta contra a imposição da monocultura e das ideias coloniais, que promovem a homogeneidade e a uniformidade, apagando a diversidade de saberes e modos de existência:

Quando comento de ideologia colonial, estou falando do que tenho chamado de sistema de monoculturas, organizado em alguns eixos como a monocultura da fé (no monoteísmo cristão), a monocultura dos afetos (na monogamia), a monocultura da sexualidade (no monossexismo) e a monocultura da terra, cuja imposição do Um antagoniza com o princípio da floresta, necessariamente múltiplo” (Núñez, 2021)

Assim, em sua perspectiva, para reflorestarmos nossas existências, é necessário o combate da monocultura do pensamento. Como fala Célia Xakriabá, uma das poucas presenças indígenas a ocupar o cargo de Deputada Federal, além de ser ativista ambiental e Doutora em antropologia, “A sociedade é como uma floresta. Quanto mais diversa, mais sustentável” (2022). Logo, ao se construir futuros que acolham as diversidades, se criam também futuros sustentáveis. Ao agregar identidades, pensamentos e temporalidades múltiplas, “El tercer mundo después del Sol” auxilia esse propósito, rompendo com as visões unitárias e binárias.

Urge a necessidade da criação de outras narrativas para nossos futuros. Assim potencializa-se o resgate de cosmovisões ancestrais junto a potência da imaginação para tal feito. A pensadora e escritora feminista estadunidense,

Ursula K. Le Guin, auxilia na percepção do local de potência que ocupam as narrativas de FC.

Le Guin consolidou-se como uma das escritoras de FC mais conhecidas da atualidade, sua obra merece destaque por agregar pautas que não são *mainstreams*, como a temática feminista, *queer* e anarquista. Além disso, possui um ensaio muito interessante chamado “The Carrier Bag Theory of Fiction”¹⁸ (1989) em que discorre sobre a ausência de narrativas antigas que falassem sobre dispositivos de transporte - como bolsas, cestos, sacolas - ainda que provavelmente foi uma de nossas primeiras potentes criações tecnológicas para sobrevivência enquanto espécie. Em contrapartida, as histórias de caça e assassinatos costumam ter muito mais notoriedade, com famosas jornadas do herói e a cena de um ancestral matando outro com um grande osso, como o primeiro ato de “2001: Uma odisseia no espaço”, que em seguida se desenvolve até chegar à conquista do universo.

A autora enfatiza a importância cultural e histórica de reconhecer a bolsa — o recipiente que permite guardar, transportar e armazenar — como uma tecnologia significativa, em vez de atribuir esse status apenas às armas, que representam a capacidade violenta do ser humano e são frequentemente associadas aos homens. Dessa forma, aproxima as mulheres da inteligência e do reconhecimento como humanas, algo muitas vezes ocultado nos relatos de heróis

Ela também propõe o livro como uma tecnologia semelhante à bolsa, pois ambos podem carregar elementos importantes, no caso do livro, palavras e significados. Dessa forma, ele se torna um espaço propício para a construção de mundos mais próximos da realidade, ou seja, capazes de retratar as relações humanas com maior complexidade. Essa proposta permite uma visão mais inclusiva e feminista da tecnologia e da narrativa. Merece destaque, também, a fala de Le Guin em um discurso de premiação no *National Book Award* de 2014, em que ela reforça o papel da literatura na construção de outra realidade, como vemos a seguir:

Livros, vocês sabem, não são apenas mercadorias. A motivação pelo lucro está frequentemente em conflito com os objetivos da arte.
Vivemos no capitalismo. O seu poder parece ser inevitável.

¹⁸ Em tradução livre, podemos entender “A teoria da Ficção como uma cesta”. Há uma tradução do ensaio para o português, publicada em 2021 como “A teoria da bolsa da Ficção”. O texto que tive contato para essa análise foi uma tradução para o espanhol denominada “La teoría de la bolsa de transporte de la ficción”.

Assim era o poder divino dos reis. Os seres humanos podem resistir a qualquer poder humano e mudá-lo. A resistência e a mudança muitas vezes começam na arte, e muitas vezes mais na nossa arte — a arte das palavras. (Rodrigues, 2018 - grifo nosso)

Por fim, percebo que as propostas da FC latino-americana, ao celebrarem a diversidade, contribuem para a construção de narrativas de libertação e para a fertilização do imaginário. Essas histórias resgatam o encantamento perdido ao olhar para a realidade e propõem novas formas de relação entre os seres – muitas vezes simbióticas – entre humanos, não humanos e a natureza, mas também em aliança com a tecnologia. Dessa forma, a FC se torna um meio de fortalecer cosmovisões integrativas, ampliando possibilidades de existência.

A coletânea "El tercer mundo después del sol" nos presenteia com uma diversidade de conhecimentos plurais, proporcionados pelo diálogo das narrativas com as tradições indígenas, afrodescendentes, ecológicas, feministas e de outros grupos marginalizados. Certos contos, como "La Conquista Mágica de América" e "Les Pi"Yemnavtas" apresentam inclusive visões de mundo dos povos indígenas. Isso nos permite pensar sobre a concepção de ficção científica proposta pelas autorias da obra. Muitas se valem dessas perspectivas dos povos, que foram marginalizados pela colonialidade¹⁹, como uma explicação pela busca por criar "novos futuros".

Percebo durante o prólogo do livro e ao longo dos depoimentos das autorias após os contos a necessidade de imaginar os próprios futuros diante de uma realidade presente que se mostra angustiante. Por meio dos contos, vemos cenários por vezes mais otimistas, com movimentações de superação das adversidades atuais, outras vezes esses abismos tornam-se mais profundos, mas, em geral, o otimismo e o caos coexistem. Isto é, os contos vão da utopia à distopia, da euforia à tristeza, da existência à re-existência. Barragán faz o seguinte depoimento após o conto "Êxodo X":

¹⁹ A colonialidade é um conceito desenvolvido por pensadores decoloniais, como Anibal Quijano, Walter Dignolo e María Lugones, integrantes do grupo Modernidade/Colonialidade, criado no final da década de 1990. Esse conceito analisa como os padrões de dominação estabelecidos durante o período colonial continuam operando mesmo após o fim formal das colônias. Em outras palavras, a colonialidade refere-se às estruturas de poder, conhecimento e economia que perpetuam a desigualdade entre ex-metrópoles e ex-colônias, mantendo relações de dependência e subordinação (Ballestrin, 2013).

[...] ¿dónde puede uno rebelarse si no es en la imaginación? ¿Dónde puede uno inventarse soluciones posibles sin tener acceso al poder, y sin morir por ello, si no es en la ciencia ficción? [...] Ese es el rol que tiene la ciencia ficción en Latinoamérica: permitirnos salir de nuestra achicada y empobrecida realidad, completar la independencia de nuestras naciones en el plano cultural, e imaginar que podemos ser mucho más de lo que ya somos. Mucho, mucho más (Barragán, 2021, p. 34).

Assim, as ficções da antologia nos apresentam alegorias de uma América Latina imersa em crises, mas também (re)imaginam e (re)propõe múltiplas temporalidades e alternativas sobre o devir. Alguns contos reinterpretem o passado, a maioria deles reimagina nosso presente e todos projetam futuros.

Tendo em conta que a América Latina é a região mais desigual do planeta (Cepal, 2016), boa parte das histórias presentes na obra constroem “contra-futuros” que respondem às múltiplas violências, especialmente aquelas pautadas pelos marcadores de raça, gênero e classe social (há um claro recorte interseccional no livro).

Além disso, os textos operam jogos temporais e se valem de episódios anacrônicos que perturbam a noção de tempo linear, especialmente a ideia de progresso. Isso permite construir outras historicidades nas quais diferentes futuros competem entre si, infiltrando e ressignificando o presente e, em alguma medida, também o passado.

Ao ter como pano de fundo os traumas individuais e coletivos latino-americanos, os contos imaginam futuros alternativos para os povos da nossa região. Isso se dá a partir de uma “lente cultural latino-americanista” que contempla e privilegia as nossas subjetividades, nossos devires. Veja-se o relato de Gabriela Miravete após o conto “La sincronia del tacto”:

[...] Para mí, la ciencia ficción latinoamericana implica una amistad proteica en la que nos apropiamos del futuro para recuperar las posibilidades del pasado. Y, en el camino, ir construyendo un presente en el que pueda surgir, pese a todo, la esperanza (Miravete, 2021, p. 64)

Em suma, observo que a FC latinoamericana do século XXI, mais especificamente a obra analisada, busca através da imaginação um resgate para a criação de um “Futuro Ancestral”, a fim de lograr a superação de problemáticas e

evitar ou remediar as angústias de nosso tempo. Além da literatura sobre o tema, apresento a seguir a proposta Contracolonial, que também traça um caminho em direção a outras formas de viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa, reforço a consciência de que este trabalho se insere em uma vertente ainda emergente da historiografia brasileira e latino-americana, marcada pela abertura a novas fontes e problemáticas. Por esse motivo, embora o percurso da dissertação tenha sido prazeroso, também foi repleto de desafios — afinal, desbravar um caminho ainda pouco trilhado nunca é uma tarefa simples. Apesar dos pesares, destaco esse trabalho justamente por seu ineditismo e contribuições para a historiografia do século XXI.

Os objetivos desta dissertação foram analisar como a FC latino-americana, especialmente a partir da antologia “El tercer mundo después del Sol”, pode contribuir para a compreensão da temporalidade em que foi publicada, em 2021, durante a emergência sanitária da Covid-19. Essa análise se baseia no diálogo entre História e Literatura, reconhecendo os contextos que levaram ao desenvolvimento e à popularização da FC no mundo, bem como as características singulares que ela adquiriu na América Latina. Devido ao seu caráter subversivo e à rebeldia de seus autores, a FC tornou-se um espaço onde a criação de mundos em processo de descolonização se torna possível.

A temporalidade foi analisada a partir da HTP, juntamente com um debate multidisciplinar que contribui para uma compreensão mais ampla do presente histórico. Esse período é atravessado por múltiplas crises, tanto pelo evento epocal da pandemia de Covid-19 quanto pelas sucessivas crises econômico-sociais, heranças do passado colonial e dos processos históricos ocorridos ao longo do século XX, além da frustração com o modelo moderno que “prometeu” um futuro melhor.

No que diz respeito às feridas da colonização, a FC latino-americana emerge como um espaço de diálogo entre povos e identidades marginalizadas, no qual suas subjetividades e saberes desempenham um papel central na construção das narrativas. Já as crises globais do século passado, agravadas pela ascensão do modelo neoliberal, que estenderam para diversos territórios o sentimento de um presente suspenso, no qual o futuro parece apenas uma atualização do presente, deixando pouco espaço para a imaginação de mudanças profundas no capitalismo. Esse cenário resultou em um boom de FC com narrativas distópicas, inclusive no

contexto latino-americano. No entanto, em alguns casos analisados, a utopia ressurgiu em meio à distopia.

Outro ponto relevante a ser mencionado, no contexto das crises contemporâneas, diz respeito às mudanças climáticas. Como foi observado, há a tentativa em se nomear essas crises. Termos como Antropoceno, Capitaloceno e Chthuloceno buscam encontrar pontos centrais para a compreensão da decadência atual. Historiadores do Tempo Presente vem utilizando essas noções para a compreensão da temporalidade, bem como apontando possíveis soluções, evidenciando o caráter político e crítico do ofício de historiador e seu papel como mediador entre o passado, presente e futuro.

Dessa forma, a FC latino-americana oferece novas perspectivas de imaginação do futuro, alinhadas a críticas contemporâneas aos contextos de crise socioeconômica, política e ambiental, a partir de uma ótica que reconheço como vinculada à proposta contracolonial. Ou seja, observo os contos e a obra analisada como expressões rizomáticas dessa visão — tal qual uma raiz que se expande e cria novos bulbos, contendo em si o potencial de serem independentes (Glissant, 2005). Assim, reconheço *El tercer mundo después del Sol* como uma obra capaz de contribuir para a contracolônização do imaginário.

A FC latino-americana constitui um espaço privilegiado de resistência epistemológica, reinvenção estética e crítica sociopolítica. Por meio das características mestizas da literatura da região, é capaz de ressignificar o gênero por meio de uma abordagem contra-colonizada. A trajetória de marginalização das obras latino-americanas contribuiu para sua potência contestatória, sendo possível encontrar nelas narrativas que articulam propostas de ruptura com estruturas de poder e de resgate de epistemologias ancestrais. Desse modo, concebe-se a criação de futuros alternativos, nos quais o Diverso — isto é, a potência imprevisível dos contatos culturais, conforme proposto por Glissant — é representado.

Consolidada como gênero literário no século XIX, a FC se estrutura a partir de narrativas especulativas que oscilam entre utopias iluministas e distopias modernas. Contudo, na América Latina, a produção literária do gênero foi desvalorizada por muito tempo, em decorrência da subalternização imposta pela colonialidade do saber e pela lógica epistêmica do Norte Global. Curiosamente, essa condição possibilitou a emergência de narrativas insurgentes que problematizam

justamente os modos de pensar eurocêntricos, explorando hibridismos culturais que reconfiguram o futuro a partir de perspectivas dissidentes.

Apesar de sua potência crítica e transformadora, é preciso lembrar que a FC latino-americana não é homogênea em seus posicionamentos políticos. Mesmo em obras que se apresentam como libertárias ou emancipatórias, é possível identificar tensões e contradições, incluindo elementos conservadores e moralistas. Reconhecer esses limites é também um passo importante no processo de descolonização do imaginário, pois nos obriga a pensar de forma mais complexa sobre os discursos presentes nas narrativas e suas implicações sociopolíticas.

Na obra analisada, observa-se que um dos aspectos centrais é a abordagem das temporalidades. Em contraposição à temporalidade linear e cronológica característica da modernidade ocidental — que estabeleceu uma sincronização temporal global, ou, como comenta Hui (2020), uma “colonialidade do tempo” — muitas das obras incorporam cosmovisões indígenas que compreendem o tempo de forma circular. É o caso do conceito de Qhipnayra, que entende o presente como dialético com o passado e o futuro, e da proposta do Chthuluceno, que observa a temporalidade de maneira relacional e composta.

Em “El tercer mundo después del Sol”, evidencia-se uma perspectiva transgressora e transformadora. Os contos reunidos na obra demonstram como a FC latino-americana se apropria de maneira sofisticada dos dispositivos narrativos para projetar futuros alternativos, nos quais subjetividades historicamente marginalizadas — como indígenas, pessoas queer e feministas — tornam-se protagonistas. Essas realidades operam não apenas para problematizar a herança colonial, mas também para ampliar os horizontes dessas populações, colocando suas temporalidades e modos de existência como elementos centrais na criação do porvir.

Em um contexto atravessado por crises climáticas, pandemias e desilusões com as promessas do progresso moderno, a FC latino-americana se apresenta como um espaço de esperança em tempos de colapso — ou, como propõe Haraway (2023), um espaço de refúgio em um mundo em extinção

Nela, encontram-se futuros nos quais a interdependência comunitária, afetiva e multiespécie é possível, assim como uma tecnologia em diálogo com os saberes ancestrais. Esse hibridismo entre elementos tecnológicos e espirituais e/ou mágicos é central e coexistem de forma harmoniosa, sugerindo a

criação de futuros mais amplos e integradores. Essa literatura nos desafia a reescrever não apenas o futuro, mas o próprio presente. Como ressalta Bastidas-Pérez: “não pode existir um futuro se não o tivermos sonhado antes” (Santofimio, 2023) — e a FC latino-americana, em sua potência, representa um convite para sonhar e construir mundos mais justos.

Essa integração incorpora outras epistemologias à criação de narrativas de futuro e pode ser entendida como uma resposta à crise atual, amplificada e escancarada pela pandemia de Covid-19. Ao instaurar um “presente suspenso”, a pandemia evidenciou a ruína da concepção ocidental linear do tempo. Nesse contexto, a ficção científica se soma às reflexões intelectuais sobre a temporalidade contemporânea, abrindo caminho para narrativas que alimentam a esperança e a resistência em tempos de incerteza.

Do ponto de vista acadêmico, esta pesquisa exalta a relevância da FC latino-americana como um espaço de contestação e inovação capaz de dialogar com a diversidade histórico-cultural e as subjetividades dos povos de nosso continente, constantemente marginalizadas e desconsideradas. Além disso, por tratar-se de uma pesquisa interdisciplinar, aporta para a expansão das fronteiras de conhecimento, explorando as interseções entre a História, a Literatura e as epistemologias do Sul Global.

Assim, a nossa ficção científica se consolida como um espaço de transgressão e experimentação, revisitando o passado, questionando o presente e imaginando futuros. Ao desafiar opressões estruturais, ela abre caminho para horizontes emancipatórios e inovadores, expandindo as possibilidades de pensamento e transformação.

No que compete ao fazer historiográfico, a dissertação buscou a compreensão da temporalidade atual, bastante atravessada por incertezas e crises, reflexo tanto da crise do capitalismo, do neoliberalismo e pela herança do período colonial, quanto também pela crise climática em curso que vem ampliando a dificuldade em se imaginar futuros.

Com isso, é possível afirmar que a FC latino-americana é uma ferramenta crucial para a criação de futuros alternativos, incentivando a imaginação como uma prática de resistência e transposição de realidades onde as possibilidades parecem tão fechadas para aqueles que pertencem a minorias.

Considerando que parte das crises ambientais são causadas pelo desmatamento e a destruição da natureza, parte de nossa crise temporal enquanto espécie passa por essa mesma *deflorestación* de nosso imaginário. Logo, reflorestar torna-se uma ação que não tange apenas a terra, mas também nossa capacidade de construir ou resgatar outras formas de nos relacionarmos, seja entre humanas, a natureza e até mesmo com a tecnologia.

Acredito que toda boa pesquisa contém em si a possibilidade de se fazer outras perguntas. Assim, considero como uma perspectiva futura a expansão das investigações sobre a utilização da FC para a criação de futuros não-hegemônicos, adubando ainda mais a proposta de contracolonização e reflorestamento do imaginário. Entre minhas expectativas futuras, buscarei aproximar a FC, o ambientalismo e as perspectivas do Sul Global. Para aprofundar essa reflexão, pretendo desenvolver uma análise de obras do subgênero Solarpunk, que não foram exploradas nesta dissertação.

Inicialmente, pretendo utilizar a coletânea "Como aprendi a amar o futuro: contos solarpunk" (2023) e, possivelmente, agregar "Multispecies Cities: Solarpunk Urban Futures (2021)", ambas reunindo contos do gênero a partir de diferentes localidades ao redor do mundo. O objetivo é aproximar essas histórias das epistemologias do Sul Global, explorando como dialogam com perspectivas contracoloniais e ecológicas. O Solarpunk se contrapõe ao Cyberpunk e sua visão distópica, construindo narrativas utópicas onde tecnologia e natureza coexistem em relativa harmonia.

Além disso, destaca-se por imaginar futuros em que as crises ambientais são superadas a partir de outras formas de relação da natureza com a tecnologia. "A proposta do Solarpunk é exatamente criar obras especulativas sobre como seria um mundo sustentável" (Simonaci, 2022, p. 79). Mais do que isso, além de estilo narrativo, se coloca como prática política e ativista de atuação no presente. Podendo, quem sabe, ser aproximada de visões como a permacultura e o ecofeminismo.

Outro possível horizonte para o seguimento de minhas pesquisas seria a aproximação da FC com o ecofeminismo, já que é parte de minha pesquisa de TCC da graduação, intitulada "História e Ecofeminismos: A trajetória de Moema Viezzer na América Latina" (Siqueira, 2022). Neste trabalho, através da biografia de

Moema Viezzer, exploro a temática do ecofeminismo e de movimentos de educação popular no Brasil, nos demais países América Latina em uma relação global.

Essa aproximação pode ser feita tanto pela exploração das narrativas Solarpunk quanto pela análise da coletânea "Futuras: Cuentos de ciencia ficción ecofeminista" (Bastidas Pérez, 2023), que reúne cinco contos de ficção científica ecofeminista escritos por autoras latino-americanas. Dessa forma, em continuidade à minha trajetória acadêmica, pretendo aprofundar a relação entre a literatura de ficção científica no Tempo Presente — seja no contexto do Sul Global ou da América Latina — e temas engajados, como ambientalismo, movimentos sociais e diversidades.

No âmbito desta dissertação, concluo que a pesquisa alcançou seu objetivo ao reconhecer as narrativas de ficção científica latino-americanas como potências na construção de futuros alternativos. Essas narrativas disputam e reflorestam o imaginário, criando cenários que equilibram utopia e distopia, mas, acima de tudo, valorizam e contemplam a diversidade que caracteriza nossa região.

BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Ailton Krenak. 2024. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ailton-krenak>. Acesso em: 17 jan. 2025.

ACADEMIA do Psicólogo. Ecopsicologia clínica: crise climática e saúde mental. 2024. Disponível em: <https://academiadopsicologo.com.br/areas-de-atuacao/ecopsicologia-clinica-crise-climatica-saude-mental/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

_____. SOLASTALGIA: o desconforto psicológico diante das mudanças ambientais. 2023. Disponível em: <https://academiadopsicologo.com.br/areas-de-atuacao/solastalgia-o-desconforto-psicologico-diante-das-mudancas-ambientais/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

ABRAHAM, C. Un mar de sueños: la ciencia ficción argentina (1980-2020). *In: Historia de la ciencia ficción latinoamericana: Desde la modernidad hasta la posmodernidad*. Madrid: Frankfurt am Main: **Iberoamericana**; Vervuert, 2020b.

ALMEIDA, G. I. Futuro e história: análise da temporalidade atual. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 7, n. 15, p. 51–69, 8 maio 2014.

AFP. A difícil coleta de dados sobre as mortes por Covid no mundo. **AFP**, 05/05/2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2023/05/05/interna_internacional,1490390/a-dificil-coleta-de-dados-sobre-as-mortes-por-covid-no-mundo.shtml Acesso em: 24 jul. 2023.

ANGÉLICA. Célia Xakriabá: “A sociedade é como uma floresta. Quanto mais diversa, mais sustentável”. **Mina Bem Estar**. 2022. Disponível em: <https://minabemestar.uol.com.br/celia-xakriaba-a-sociedade-e-como-uma-floresta-quanto-mais-diversa-mais-sustentavel/> Acesso em: 23 jan. 2025.

ARAGÃO, T. Estudo comprova que Povos Indígenas e Tradicionais são essenciais para a preservação das florestas. **ISA**, 09/08/2022. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/estudo-comprova-que-povos-indige-nas-e-tradicionais-sao-essenciais-para>. Acesso em: 23 set. 2023.

AMARAL, M. “Não tem mais mundo pra todo mundo”, diz Deborah Danowski. **Agência Pública**, 5 jun. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/nao-tem-mais-mundo-pra-todo-mundo-diz-deborah-danowski/>. Acesso em: 30 jan. 2024

BASTIDAS PÉREZ, R. En nuestro caso es encuentro: la Ecdisis como herramienta crítica para el análisis de la ciencia ficción colombiana. **Uniandes**, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniandes.edu.co/handle/1992/41232>. Acesso em: 15 set. 2023.

_____ (comp.). El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción latinoamericana. Bogotá: **Minotauro**, 2021.

_____ Cuerpos Luminares. **Spotify**. Podcast, 2022.

_____ Temporalidades, relojes y la nostalgia de lo intangible. **Mexicona**. 2021. Disponível em: <https://mexicona.mx/2021/08/08/antologia1/> Acesso em: 10 set. 2024.

_____ (edit.). Futuras: Cuentos de ciencia ficción ecofeminista. Medellín: **Comfama**, 2023.

BARRAGÁN, L. Perfil. **Instagram**, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/luis.c.barragan.7/>. Acesso em: 04 ago. 2023.

BARROS, J. Seis desafios para a historiografia do novo milênio. **Cadernos de História**, v. 20, n. 33, p. 248, 5 set. 2020.

BOGOTÁ39. Hay Festival. **Bogotá39**, 2017. Disponível em: <https://www.hayfestival.com/bogota39/bogota39-in-2017.aspx>. Acesso em: 04 ago. 2023.

CANCLINI, N. G. Diversidade Cultural. Portal Contemporâneo de América Latina e Caribe - **USP**. [s.d] Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-diversidad-cultural-4> Acesso em: 06 dez. 2024.

CAUSO, R. Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950. Belo Horizonte: **Editora UFMG**, 2003.

CARACOL URBANO. La Máquina Descontenta: Festival de ciencia ficción feminista. **Cuerpos Parlantes**. 2020. Disponível em: <https://cuerposespacios.wordpress.com/2020/11/05/la-maquina-descontenta-festival-de-ciencia-ficcion-feminista/> Acesso em: 17 dez. 2024.

CEPAL. La matriz de la desigualdad social de América Latina. Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). Santiago: **CEPAL**, 2016. Disponível em: https://www.cepal.org/sites/default/files/events/files/matriz_de_la_desigualdad.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

CHAGAS, L. MONTEIRO-ALVES, P. Os benefícios da natureza para a saúde mental. **Ciência Hoje**. 2021. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/os-beneficios-da-natureza-para-a-saude-mental/#> . Acesso em: 06 mai. 2024

CHALHOUB, S. Machado de Assis: historiador. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2003.

CHIMAL, A. **Blog Alberto Chimal**, 2023. Disponível em: <https://albertochimal.com/acerca-de/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

CUSICANQUI, S. R. Más allá del dolor y del folclor. **Os mil nomes de Gaia**, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AC_ySMO5-P0&ab_channel=OsMilNomesdeGaia Acesso em: 26 ago. 2024.

_____ Un mundo ch'ixi es posible - Ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires: **Tinta limón ediciones**. 2018.

DANOWSKI, D. CASTRO, E. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro: **Instituto Socioambiental /Cultura e Barbárie**. 2014.

DAVIS, N. O retorno de Martin Guerre. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1987.

DAMINELLI, C. S.; MACHIESKI, E. D. S. História do Tempo Presente e América Latina: Argentina - uma entrevista com María Inés Mudrovic. **Revista Tempo e Argumento**, v. 9, n. 21, p. 450–471, 26 set. 2017.

DULCI, T. O Bem Viver como projeto político: uma nova utopia latino-americana. In: PRADO, M. (Org.). Utopias Latino-Americanas: Política, Sociedade, Cultura. São Paulo: **Contexto**, 2021a, v. 1, p. 295-311.

_____ Um olhar decolonial sobre o conceito de desenvolvimento. In: MEDINA, T.; VILLAREAL, M. (Org.). Pensamento crítico latino-americano sobre desenvolvimento. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: **CLACSO, IUDC-UCM, FAPERJ**, 2021b, p. 69-80. Disponível em: <https://libreria.clacso.org/publicacion.php?p=2427&c=5>. Acesso em: 10 ago. 2023.

EDITORIAL BISONTE. Susana Sussmann. **La Casa del Bisonte**. Disponível em <https://editorialbisonte.wixsite.com/casadelbisonte/sussman>. Acesso em: 12 set. 2023.

FELLNER, A. M. R. et al. FILOSOFIAS EMERGENTES: ANCESTRALIDADES PRESENTES. Revista do Nesev V. 11, N.1. Curitiba: UFPR. 2022

FERNANDES, F. **Blog Fábio Fernandes**, 2023. Disponível em: <https://fabiofernandeswriter.com/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

FERNANDES, F.; VERSO, V. Como aprendi a amar o futuro: contos solarpunk. – Pontes Gestal, SP: **Plutão Livros**, 2023.

FERREIRA, A. C. Literatura A fonte fecunda. Em: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R (orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: **Contexto**, 2009.

GENNARI, M. “No futuro, eles se alimentaram da mais sofisticada porcelana”: Narrativa, história e ficção científica palestina. **Diversitates International Journal**. v. 13, 2021.

GESCO. Estudios decoloniales: un panorama general. **Kula**, Antropólogos del Atlántico Sur, n. 6, pp. 8–21, 2012. Disponível em: http://www.revistakula.com.ar/wp-content/uploads/2014/02/KULA6_1_GESCO.pdf. Acesso em: 18 ago. 2023.

GROSGOUEL, R.; CASTRO-GOMEZ, S. (coord.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: **Siglo del Hombre Editores**; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

GOBBI, M. Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica. **ITINERÁRIOS**—Revista de Literatura, 2004

GUDYNAS, E. Crise boliviana evidencia contradições políticas dos últimos anos. Entrevista especial com Eduardo Gudynas. **Instituto Humanitas - UNISINOS**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/594467-crise-boliviana-evidencia-contradicoes-politicas-dos-ultimos-anos-entrevista-especial-com-eduardo-gudynas>. Acesso em: 20 ago. 2023.

GUIMARÃES, S. A transformação da natureza nas cidades isoladas. **Veja Rio**. 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/transformacao-natureza-cidade-isolada>. Acesso em: 15 nov. 2024

GUIN, U. L. Teoria. Bolsa para llevar cosas. Disponível em: <https://arquitecturacontable.wordpress.com/2021/01/14/ursula-k-leguin-teoria-bolsa-para-llevar-cosas/>. Acesso em: 20 set. 2024.

GZH. Por que a ficção científica ganha popularidade durante a pandemia. **GZH**, 16/06/2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2020/06/por-que-a-ficcao-cientifica-ganha-popularidade-durante-a-pandemia-ckbh9fith00hc015n6y885nzv.htm>. Acesso em: 12 set. 2023.

JAMESON, F. Arqueologias do futuro: o desejo chamado utopia e outras ficções científicas. Tradução: Carlos Pissardo. Belo Horizonte. **Autêntica**, 2021.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2019.

_____ O amanhã não está à venda. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2020.

_____ A vida não é útil. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2020b.

KRENAK, A; CARELLI, Rita. Futuro ancestral. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2022.

KOPENAWA, D; ALBERT, B. A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2015.

KOSELLECK, R. Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora **PUC-RJ**, 2006.

_____. A temporalização da utopia. In: Estratos do tempo. Estudos sobre a história. Rio de Janeiro: **Contraponto/PUC-Rio**, 2014, pp. 121-138.

HARAWAY, D. Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: **N-1 edições**, 2023.

_____. Entrevista com Donna Haraway. **Os mil nomes de Gaia**, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1x0oxUHOIA8&ab_channel=OsMilNomesdeGaia Acesso em: 04 set. 2024.

_____. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica** - pesquisa, jornalismo e arte. Ano 3 - N. 5. Campinas. 2016.

HART, E. Ciencia ficción latinoamericana: disidentes zombis y extraterrestres en la Amazonía. **The New York Times**, 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/es/2023/06/10/espanol/ciencia-ficcion-latinoamericana-autores.html> Acesso em: 10 dez. 2023.

HARTOG, F. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2015.

HUI, Y. Tecnodiversidade. São Paulo: **Ubu Editora**, 2020.

LEÃO, E. O que a natureza pode fazer por sua saúde mental? **Science Arena**, 2024. Disponível em: <https://www.sciencearena.org/colunas/o-que-a-natureza-pode-fazer-por-sua-saude-mental/> Acesso em: 05 mai. 2024.

LÓPEZ-PELLISA, T.; KURLAT ARES, S. G. (EDS.). Historia de la ciencia ficción latinoamericana: Desde los orígenes hasta la modernidad. Madrid: Frankfurt am Main: **Iberoamericana**; Vervuert, 2020a.

LÓPEZ-PELLISA, T.; KURLAT ARES, S. G. (EDS.). Historia de la ciencia ficción latinoamericana: Desde la modernidad hasta la posmodernidad. Madrid: Frankfurt am Main: **Iberoamericana**; Vervuert, 2020b.

LÓPEZ-PELLISA, T. FICÇÃO CIENTÍFICA. Dicionário Digital do Insólito Ficcional: **UERJ**. 22/02/2021. Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/ficcao-cientifica/> . Acesso em: 28 mar. 2024.

MEIRELES, A. DISTOPIA. Dicionário Digital Insólito Ficcional, **UERJ**, 2021. Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/distopia/>. Acesso em: 16 set. 2024.

MIGNOLO, W. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (coords.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, **Instituto Pensar**, 2007.

MIRAVETE, G. La sincronía del tacto. In: BASTIDAS, R. (comp.). El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción latinoamericana. Bogotá: **Minotauro**, 2021.

_____ Volver a casa: la literatura del cambio climático. **Letras Libres**. 2020. Disponível em: <https://letraslibres.com/revista/volver-a-casa-la-literatura-del-cambio-climatico/>. Acesso em 15 set. 2024.

MIRA-ECHEVERRÍA, T. P. Propósito 2021, respetar mi propia identidad (yo, Ix primerx). **Blogspot**. Disponível em: <https://teresamira.blogspot.com/2020/12/proposito-2021-respetar-mi-propia.html>. Acesso em: 8 dez. 2023.

_____ Escribir como medio para ser. **Wordpress**. Disponível em: <https://gleaming-tpmewriter.wordpress.com/2023/10/25/escribir-como-medio-para-ser/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

_____ Literaturas de género: la literatura de la esperanza. **Mexicon**, 22 set. 2021. Disponível em: <http://mexicon.mx/2021/09/22/literaturas-de-genero-la-literatura-de-la-esperanza/>. Acesso em: 10 set. 2024.

MOMBAÇA, J. A plantação cognitiva. **MASP** Afterall, 2020. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-QYyC0FPJZWoJ7Xs8Dgp6.pdf>. Acesso em 12 set. 2023.

MUDROVIC, M. I. El presente suspendido y la experiencia del evento sin precedentes: a propósito de la pandemia del COVID-19. **Cuadernos de historia** (Santiago), n. 55, p. 37–58, dez. 2021.

NÚÑEZ, G. Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar - São Paulo: **Planeta do Brasil**, 2023.

_____ Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. Revista ClimaCom. **Unicamp**. Ano 8, N. 21. Campinas. 2021

PEREIRA, M. H.; ARAUJO, V. Atualismo: Pandemia e historicidades no interminável 2020. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 47, n. 1. 2021.

_____ Atualismo 1.0 – Como a ideia de atualização mudou o século XXI. 1. ed. Ouro Preto: SBTHH, 2018. Resenha de: SOUZA NETO, M. G. Atualismo e história: proposta de um novo conceito para pensar o contemporâneo. **Revista de Teoria da História** v.23, n.01. 2020.

PEOPLEPILL. R. Uruguayan writer. **Peoplepill**, 2023. Disponível em: <https://peoplepill.com/i/ramiro-sanchiz-1>. Acesso em: 12 set. 2023.

PENTEADO, M. P. O futuro é feminino (e anticapitalista): A narrativa cli-fi escrita por mulheres. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 2, p. e75807, 2022.

PIMENTEL, S. K. CUSICANQUI, Silvia. Un mundo Ch'ixi Es Posible: Ensayos Desde un Presente en Crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 51, 19 abr. 2021.

PLANETA DE LIBROS. El tercer mundo después del sol. **Planeta de Libros**, 2023. Disponível em: <https://www.planetadelibros.com/libro-el-tercer-mundo-despues-del-sol/341170>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PORTELA, M. C. S.; BONFIM, M. A. A matéria escura das utopias: um estudo da configuração da utopia afrofuturista a partir de Pantera Negra de Ryan Coogler e “Pele de Emergência” de N.K Jemisin. **Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, v. 76, n. 2, 2023.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (comp.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. **CLACSO**: Buenos Aires, 2000.

QUIJANO, A. El fantasma del desarrollo en América Latina. , **Actuel Marx/Intervenciones**. n.7, p. 139-162, 2009. Disponível em: <https://red.pucp.edu.pe/ridei/wp-content/uploads/biblioteca/100520.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

RAMACHANDRA, Adilson Silva. Nota do Editor sobre a Origem do Termo Ficção Científica. In: ROBERTS, Adam. A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas. Tradução Mário Molina. São Paulo. **Seoman**. 2018.

RANGEL, Luiz A. História e ficção científica: locomotivas, androides e outras viagens do metaverso. São Paulo: Editora Contexto, 2024. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555413748/>. Acesso em: 19 set. 2024.

RESTREPO, E.; ROJAS, A. Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Editorial **Universidad del Cauca**: Popayán, 2010.

ROBERTS, Adam. A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas. Tradução Mário Molina. São Paulo. **Seoman**. 2018.

RODRIGUES, A. C. O discurso de Ursula K. Le Guin no National Book Award de 2014. **EspeculAtiva**. 2018. Disponível em:

<https://medium.com/especulativa/o-discurso-de-ursula-k-le-guin-no-national-book-award-de-2014-5d5f13c9f829> acesso em: 09 out. 2024.

ROSSATI, J. P. A literatura de ficção científica: o futuro no presente. **Revista Tempo, Espaço, Linguagem (TEL)**, v. 6, n. 1, 2015.

RUPPRECHT, C (edit.). *Multispecies Cities: Solarpunk Urban Futures*. New Mexico: **World Weaver Press**. 2021

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma Literatura nos Trópicos - Ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: **Rocco**. 2000

SANTOFIMIO, C. "Literatura de ficção científica. `Não pode existir um futuro, se não o tivermos sonhado antes". **Humboldt**, 2023. Disponível em: <https://www.goethe.de/prj/hum/pt/dos/tra/22356310.html>. Acesso em: 21 set. 2023.

SANTOS, A. B. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: **Ubu Editora/PISEAGRAMA**, 2023.

SARLO, B. *Tiempo Presente: notas sobre el cambio de uma cultura*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2001.

SELIGMANN-SILVA. "Do utopismo iluminista ao (anti)utopismo romântico: a crítica romântica da razão utópica". **MORUS - Utopia e Renascimento**, n. 6, 2009.

_____. Reprodução técnica e a crise de renovação da humanidade: ficção científica como crítica dos fascismos. In: R. T. Souza; B. Bostolini (org.). *Walter Benjamin: barbárie e memória ética*, Porto Alegre: **Zouk**, 2020.

SIMONACI, Ana Paula. *Futuros Utópicos: Divulgação Científica, Histórias em Quadrinhos e Cultura Nerd*. Rio de Janeiro: **Revistas de Cultura**, 2022.

SIQUEIRA, I. M. *História E Ecofeminismos: A Trajetória De Moema Viezzer Na América Latina*. Trabalho de conclusão de curso. Foz do Iguaçu: **Unila**. 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/items/2ee819a3-f8ec-4848-9baa-2a9a52de6e54> acesso em 28 jan. 2025.

SCHURSTER, K. *Beatriz Sarlo, Tiempo Presente*. Sergipe: **Boletim do Tempo Presente**, 2012.

SUVIN, D. *Metamorphoses of science fiction: on the poetics and history of a literary genre*. **New Haven: Yale Univ. Press**, 1980.

SUZIGAN, L. *A era New Weird*. **REVISTA TRICERATA**. Vol. 1, Nº 1. 2020.

TAB. *Tudo ao mesmo tempo: pandemia nos confinou a diferentes dimensões temporais*. UOL **TAB**, 12/08/2020. Disponível em:

<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/12/tudo-ao-mesmo-tempo-pandemia-nos-confinou-a-diferentes-dimensoes-temporais.htm>. Acesso em: 24 set. 2023.

TURIN, R. A “catástrofe cósmica” do presente: alguns desafios do antropoceno para a consciência histórica contemporânea. **História do Tempo Presente**, 2022a. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/363708991_A_catastrofe_cosmica_do_presente_alguns_desafios_do_antropoceno_para_a_consciencia_historica_contemporanea. Acesso em: 05 set. 2023.

_____. País do futuro? Conflitos de tempos e historicidade no Brasil contemporâneo. **Estudos Avançados**, v. 36, n. 105, p. 85-104, 2022b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/198476> . Acesso em: 24 set. 2023.

_____. A (des)temporalização da pandemia. In: MAIA, A.; NOVA, V. (orgs.). Arquivo pandemia: diários íntimos, recortes poéticos, históricos, geográficos, políticos, antropológicos, artísticos e psicossociais do isolamento. Belo Horizonte: **UFMG**, 2020, v. 1, p. 336-339.

_____. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história. In: ÁVILA, A. (Org.); NICOLAZZI, F.; TURIN, R. (Orgs.). A História (in)Disciplinada: Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico. Vitória: **Milfontes**, 2019

_____. A polifonia do tempo: ficção, trauma e aceleração no Brasil contemporâneo. , v. 19, n. 35. Uberlândia: **ArtCultura**, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/41252>. Acesso em: 24 set. 2023.

UJVARI, Stefan C. História das Epidemias. São Paulo: **Editora Contexto**, 2020. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555410099/>. Acesso em: 17 set. 2024.

UNIRIO. **Escola de História**, 2023. Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/docentes/rodrigo-turin>. Acesso em: 20 set. 2023.

SBARDELOTTO, M. Chthuluceno e parentesco multiespécie: rumo às “comunidades do composto”. **UNISINOS**. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/639156-chthuluceno-e-parentesco-multiespeci-e-rumo-as-comunidades-do-composto> Aceso em: 05 set. 2024.

VEIGA, A. Curso: Uma crise, muitos nomes: Antropoceno, Capitaloceno e Chthuluceno. **Instituto Estudos do Presente**. 2024.

WILLIAMS, Raymond. “Utopia and Science Fiction” *Science Fiction Studies*, Indiana, n. 16, v. 5, parte 3, 1978.